



A REVELAÇÃO & FRUTOSA

GUIDO VIARO

GUIDO VIARO

A REVELAÇÃO FRUTOSA

1ª EDIÇÃO



ideale

CURITIBA. 2011

PROJETO GRÁFICO

IDEALE COMUNICAÇÃO E DESIGN

DIREÇÃO DE ARTE E CAPA

ALESSANDRA SALTORI

DIAGRAMAÇÃO

RENATO NOGUEIRA

CAPA

"FAMÍLIA POBRE" (1965) de Guido Viaro (1897-1971)

FOTO DA CAPA

JULIANO SANDRINI

REVISÃO

MARISA KARAM

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

BIBLIOTECÁRIA RESPONSÁVEL MARA REJANE VICENTE TEIXEIRA

Viaro, Guido, 1968

A Revelação Frutosa / Guido Viaro. --

Curitiba : Ideale, 2011

152 p. ; 21 cm

ISBN 978-85-61649-05-0

I. Ficção brasileira -- Paraná. I. Título.

CDD (22ª ed.)

B869.35

A REVELAÇÃO
FRUTOSA
GUIDO VIARO

Muitas vezes escutei falar que, quando nos aproximamos da morte enxergamos um resumo dos principais fatos vividos. Nunca acreditei nisso. Não por duvidar da palavra dos moribundos, mas por acreditar que à medida em que nosso corpo vai entrando em colapso, acontece o mesmo com nossa consciência. Paredes de memória desabam, formando um entulho incoerente que aparenta verdade. O filme projetado não passaria de um curto-circuito momentâneo e sem significação, que deixaria de existir assim que as luzes se apagassem em definitivo.

Para minha imensa surpresa, desde há alguns instantes encontrei-me mergulhado nesse tipo de projeção. Diversas fases de minha vida, fatos marcantes e instantes corriqueiros, sensações, cheiros e desejos, tudo o que experimentei empilha-se ao meu redor. Enxergo e sinto ao mesmo tempo, e o fato de algo já ter acontecido não impede que continue acontecendo. Desde que esse mistério começou, percebi como nenhuma descrição faz jus às sensações que agora me envolvem. É muito fácil crer que há um sentido geral nessas projeções, e que o fio que costura as imagens não é apenas o do acaso. Fascinam-me as texturas do que sou, impressiona-me minha colocação no mundo e a sutil inconsciência que sempre tive a respeito disso. Quando sorria esquecia que estava recheado por uma infinidade de sentimentos opostos a esse, e o mesmo acontecia com as lágrimas ou o tédio.

Consigo distrair-me dos efeitos entorpecentes das imagens, mas há uma delas que me lembra que essas visões normalmente antecedem à morte. Como tenho menos de trinta anos, e apesar de todos meus problemas de nascença encontro-me com saúde razoável, temo que algo possa me surpreender e encerrar minha vida de maneira inesperada. Desconfio também da possibilidade de que as visões tenham chegado até mim por um engano, e o que vejo e sinto é algo a que só terei direito daqui a mais de

meio século. Essa hipótese pouco provável, me faz voltar para a primeira, tento descobrir por qual flanco a morte poderia me surpreender. Meu batimento cardíaco está regular. O teto parece firme, sem sinais de que poderia desabar, não há ninguém ao meu redor que pudesse me surpreender agindo como entregador de meu fim.

As visões voltam a roubar minha atenção. Resisto ao encantamento quando o espelho me mostra que não estou sozinho e que alguém segura uma faca afiada. Só levo um segundo para perceber que quem enxergo sou eu mesmo. Mas isso, ao contrário do que deveria acontecer, não alivia minhas suspeitas. Desconfio-me.

Como estou sem camisa, reparo nos pequenos cortes que tenho por todo o peito, imediatamente minha memória estala e lembro-me do que os causou. As imagens de minha vida deixam de existir e agora resta-me eu e ela, a vida.

Localizo-me, apesar da luz fria do teto, consigo enxergar a noite por uma fresta. O barulho de um ônibus que parte vaza um cheiro de óleo diesel que tenta embaçar o espelho. Um viajante entra, deixa as malas no chão e lava o rosto. Escondo a faca no chão e procuro virar de costas para que ele não perceba meus cortes. O ar parece descascado por uma mistura de urina com naftalina. As paredes suam a tinta desenhando formas escolhidas pela umidade. Ele parece constrangido com minha presença. A mim o que incomoda é o resto.

O homem sai e percebo pelo reflexo, que desviou o olhar de mim. Um instante de silêncio é rompido pelo choro distante de uma criança. Uma torneira não consegue parar de pingar. A luz fria desenha sombras desagradáveis em meu rosto. As manchas da parede agora parecem mais interessantes, se quiser enxergo nelas pássaros, carros ou minha vida. Perdido entre as formas há uma inscrição meio apagada “Administração Prefeitura Municipal de Frutal”.

Saio do banheiro da rodoviária só por um instante. O movimento me faz voltar. Os jovens barulhentos me incomodam, o que me resta é o refúgio do cercado sanitário. Como sempre acontece, a privada é muito alta e tenho alguma dificuldade para me sentar. A faca colocada no calção me cutuca, meu indicador passeia suavemente por sua lâmina que parece bem afiada. Por não terem percebido minha presença, ou justamente pelo contrário, os dois jovens apagam a luz do banheiro quando saem. A escuridão total não permite que eu consiga odiá-los. Um instante suspeito me faz desconfiar que em algum momento de falta de atenção, a morte me surpreendeu. Apertando a descarga dissolvo essa tese. As gotinhas molham um homem vivo. As imagens que enxerguei resumindo minha vida, parecem algo que aconteceu faz muito tempo, ou então que nunca aconteceu.

Mais um ônibus parte e o barulho de seu motor é uma fábrica de descrenças, imponente num primeiro instante vai perdendo as forças e enfraquecendo com a distância. Essa religião sonora infelicitiza esse mundo e não dá esperanças para o outro. Na banheira de escuridão a lâmina aguda ameaça meus dedos. Recordações lineares vão desenhando meu percurso, lembranças e pensamentos desenrolados por mim mesmo vão mostrando como duas coisas iguais podem ser diferentes. Vou descobrindo como cheguei até aqui e por onde o mundo me espetou. O novelo de lã poderá embaraçar-se mas sempre sobrarão duas pontas que poderão ser amarradas.

Segurando numa delas consigo defini-la: estou no banheiro escuro da estação rodoviária de Frutal, tenho alguns cortes no peito e por enquanto qualquer luz me parece desnecessária. O novelo imaginário está tão embaraçado que não sei se consigo avançar, mas sinto um desejo muito grande de descobrir por que sou... assim. Preciso retroceder, seguro essa ponta que tenho ga-

rantida entre os dedos, encontro a outra e trabalho até que todos os nós se desfaçam. Terminada a tarefa outros novelos embarçados surgirão, eu sei, nada foi conquistado, são apenas alguns metros caminhados.

Alguém entra no banheiro e acende as luzes, elas piscam preguiçosas até acenderem. Escuto os passos, a urina escorrendo, a torneira e as mãos secando no jato de ar quente. Um pigarro e o banheiro volta ao silêncio. Troco a privada pelo espelho. A luz continua piscando e parece que aumentou o tamanho das sombras. Poucas foram as vezes que me olhei de frente no espelho, sem medo de entristecer. Para desembaraçar o que sou preciso esquecer essas vaidades.

Meus olhos são a porta de entrada de minha casa. Nunca havia reparado que meus globos oculares não são perfeitamente alinhados, preciso entrar de lado para não raspar as costas no caixilho.

Até aqui? Por quê? Qual a importância desse momento banal, igual a tantos outros? Por que deve servir de divisor de águas e a partir dele preciso rever o que já foi vivido? Devo obedecer às sugestões que tive? Sou um cego que precisa confiar em caminhos ditados por outros, mesmo que esses caminhos se refiram à minha vida? Meus olhos precisam opinar para que continuem funcionando. A vida já me disse o que achou do que vivi, agora é a minha vez. Mas não consigo suar o que sou, retenho líquidos com medo que escorram por minha pele e façam buracos no chão. Acumulo os dejetos de feridas receando que se espalhem pelo mundo, envergonhando aquilo que de mim levanta-se sobre o nada.

Apago a luz que me tortura, morta ela não pode morrer. Recolho-me ao meu esconderijo. Apalpando um espelho sem reflexos escuto um barulho distante. O movimento da rodoviária vai rareando, uma porta metálica baixa e alguém se despede. Pode ser que ninguém mais entre no banheiro até amanhã. Al-

guns furúnculos de meu corpo tiveram suas pontas arrancadas. Sinto entre os dedos algum líquido mais denso que o sangue. A fresta da janela insiste em não tornar absoluta a escuridão. Projeta no alto dos urinóis uma luz vermelha que deve vir de algum neon. Dou as costas porque quero a falta de formas, preciso do quadro negro para que eu possa desenhar meu retrato. Nos pontos feridos do peito sinto agulhadas que distraem. A dorzinha lateja e escala o tronco até pulsar dentro de minha cabeça. Não posso desenhar meu retrato enquanto alguma coisa se move dentro do raciocínio.

A torneira aberta... água sobre as feridas, respirando fundo, deitado no chão frio de cimento, as veias vão se acalmando e a fera latejante se entorpece. Derreto o fantasma para que sua sombra se torne visível. Eu me digo, eu me vejo, sinto muitas feridas e também minha vida.

Não foi sem marcas que entrei nesse banheiro. Os furúnculos que sempre me cobriram o corpo esticaram-se sobre meus dias. Tentar espremê-los só trouxe dor, decepá-los tornou a dor insuportável. As luzes, aos poucos, foram se tornando salmoura que faz ferida arder. Meu caminho perdeu cores para não ganhar lágrimas.

Apresento minhas penumbras, mostro a mim mesmo como elas foram ganhando corpo. Nasci um bebê estranho. Ninguém sabia o que significavam as manchas que tinha na pele. Algumas velhotas diziam que enxergavam nelas o desenho dos três reis magos perseguindo a estrela de Belém. Uns médicos diziam que elas sumiriam com o tempo e outros que eu não viveria além dos três anos de idade. Muito se falou a meu respeito, sempre grandes bobagens. Aos seis anos as manchas começaram a ganhar relevo e

me vi coberto por furúnculos da cabeça aos pés. As formas irregulares deram lugar a um xadrez quase perfeito de imperfeições cutâneas. Foi quando deixei Itararé, a cidade onde nasci, palco de uma famosa batalha que nunca aconteceu. Deixei-a contra minha vontade, meus pais me abandonaram na rodoviária de Taquaritinga com uma carta no bolso do colete. Nunca soube quem a escreveu:

“Essa criança pertence a quem tiver o coração mais generoso que o nosso. Colocamo-lo no mundo, mas não suportamos carregar o fardo de sua aparência e de seus odores. Segundo nos parece, o estado de sua pele só tende a piorar com o tempo. Os pontos avermelhados que lhe cobrem o corpo recentemente têm se tornado amarelados e até azuis. As espinhas gigantescas levantam-se como vulcões e dão sinal de que começam a se unir. O futuro de nosso filho é transformar-se numa chaga humana. A boa notícia para a pessoa que se apiedar dessa criança, é que provavelmente ela nunca abandonará a infância. A alma iluminada que decidir acolher nosso rebento não precisará dedicar a ele mais do que três ou quatro anos antes que a própria doença o liberte do sofrimento. Sugerimos também a quem decidir ajudá-lo, que não se apegue em demasia a nosso filho. Tratem-no com a gentileza que as enfermeiras dedicam aos pacientes terminais. Outro conselho: não percam tempo perseguindo curas milagrosas. Não há qualquer esperança para ele, e possíveis tratamentos apenas serviriam para prolongar suas feridas. O que ele precisa é de alguém que lhe lamba as chagas atenuando as dores. Uma alma que saiba olhá-lo nos olhos sem responder às perguntas que ele vier a fazer.

Logo após registrarmos essa criança uma grande chuva inundou nossa casa, borrando o que constava na certidão. Como esquecemos o nome que havíamos dado, acabamos chamando-o de Zé, Tião, Juvenal, Eustáquio, Winston, conforme a ocasião. Ele sempre atendia aos chamados. Mas estejam livres para no-

miná-lo como quiserem, ou até tratarem-no por “ei”, “você” ou qualquer outra forma que lhes convier. Gostaríamos de deixar claro que a convivência com essa criança poderá acarretar problemas sociais a quem decidir acompanhá-la em seus últimos anos de vida. Por isso mesmo, e na condição de seus pais, deixamos livres, a quem assim decidir, para criá-lo longe do convívio dos outros, isolado em um quarto. Fato que, sob uma análise fria, acabaria sendo benéfico para ambas as partes.

Nossos corações lamentosos ajoelham-se diante de outros, cujo dorso é capaz de suportar carga maior. Desistimos de nosso filho sem arrependimentos. Sem poder desejar felicidades, que pelo menos a paz esteja convosco.”

Os anos foram passando sem que a morte me procurasse. Até os onze anos passei por alguns orfanatos e por doze famílias diferentes. O perfil dos casais era quase sempre o mesmo, gente religiosa que já tinha outros filhos e se apiedava de minha situação. Depois de algum tempo o desgaste da convivência comigo gerava uma crise entre o casal, e era quase sempre o marido que exigia que a esposa me comunicasse que eles não poderiam mais ficar comigo mas estavam providenciando uma outra família onde eu poderia viver e ser feliz.

A proximidade da adolescência fazia com que meus furúnculos aumentassem de tamanho e ganhassem novas cores, que variavam do rosa ao vermelho. Parecia que o desenvolvimento dessas espinhas consumia parte da energia que deveria me fazer crescer, pois eu era uma cabeça mais baixo que os meninos da minha idade.

Nessa época cansei-me de ser jogado de um lado para outro. O que mais me chateava não era quando diziam que não me queriam mais, o que achava insuportável era o começo do convívio, quando enxergava nos olhos de todos uma piedade misturada com a esperança de que tudo iria melhorar. Então era

encaminhado para intermináveis consultas com todos os tipos de médicos, era submetido a infindáveis exames e mirabolantes diagnósticos inúteis. Já fui acusado de ser o único portador de uma bactéria que poderia se espalhar por toda a humanidade, disseram também que eu havia sido envenenado por alguma espécie rara de abelha, e meus sintomas eram uma reação alérgica e permanente contra esse ferrão, que viajava por minha corrente sanguínea sem conseguir ser expelido. O último absurdo foi um médico que afirmou que precisava colher material celular e enviar para São Paulo porque suspeitava que – e ele mudou de tom de voz como se estivesse narrando um episódio de grande importância histórica – “não quero assustar ao garoto e nem a vocês, mas talvez(isto é apenas uma hipótese que ainda precisa de comprovação científica), esse menino não seja exatamente um ser humano.”

Mesmo um menino de doze anos de idade percebe que alguém que diz isso não passa de um grande imbecil. Foi quando cansei de ser jogado de lá para cá e resolvi conhecer o mundo. Talvez chamar de mundo o que conheço seja um exagero, pois hoje com quase trinta anos de idade mal saí do estado de São Paulo. E mesmo assim, os lugares que conheço são estações rodoviárias, pequenos restaurantes sem higiene, botecos com mesinhas de plástico, quiosques de camelôs, becos repletos de caixas de cerveja empilhadas, quartos improvisados de porteiros de prédio, onde a cama sempre muda de lugar perseguida por goteiras... De todas as cidades em que vivi só conheci a parte delas que existe dentro de outra, que vem escondida num meio de quadra, onde um prédio de seis andares e cinquenta anos de idade torna-se cada dia mais cinza. Quando descrevo isso parece que minhas palavras vem carregadas de tristeza, na verdade o que tenho é gratidão por essas paredes descascadas, esses banheiros cuja descarga não funciona direito, os salgados gordurosos que

se escondem atrás de vidros de pequenas estufas elétricas. Foi esse mundo e não o outro, que se mostrou flexível e conseguiu me aceitar. Diante de um bêbado entediado, ou simplesmente de um entediado, minha presença não representava mais do que um detalhe da decoração, eu combinava com o balde cheio de água suja onde o esfregão aguardava o último freguês ir embora, eu era um pouco de um velhíssimo poster que mostrava um lago suíço rodeado por montanhas nevadas, mas que estava tão desbotado que, neve, água, pedras e vacas tinham todas o mesmo tom amarelo-desistência.

Sempre me senti bem em estações rodoviárias e seus arredores. Hoje, depois de quase vinte anos circulando por lá, arrisco a dizer que talvez o que me atraía nelas seja sua inconsistência. A maior parte das pessoas está de passagem e não terá muito tempo para fixar sua atenção nos defeitos de minha pele. Sei que isso pode parecer a afirmação de alguém que exagera a importância de si mesmo, e provavelmente, por maior que fosse a permanência daqueles que me circundam, eu sempre passaria despercebido. Da mesma forma que nossos olhos são treinados a desviar cada vez que encontram uma lata de lixo esparramada no chão ou um rato esmagado por um carro. De qualquer maneira minha porção vaidosa escolheu conviver sempre com pares de olhos diferentes. Quando alguém começava a se acostumar com minha figura, eu mudava de cidade. Desde cedo aprendi os pequenos trabalhos que esse mundo fronteiriço proporcionava, ajudava em lanchonetes, frutarias, era garoto de recados, contínuo, vendia balas dentro dos ônibus e todos os tipos de bugigangas nas proximidades das plataformas de embarque.

Sempre atrai a simpatia de um determinado tipo de pessoa. Diria até que esse homem que eu sempre encontrava em qualquer cidade, fazia parte do cenário que eu buscava, era alguém tão invariável quanto a existência dos banheiros nas ro-

doviárias. Apesar de minha sobrevivência dever muito a essas pessoas (vou colocar no plural apenas por comodidade), não nutro qualquer sentimento de carinho por elas. Sei que esses homens, gerentes de lanchonetes, administradores de estações, guardas, vendedores, só me ajudavam por uma única e não generosa razão: desejavam encontrar alguém com quem se comparar para que pudessem se sentir vitoriosos. O que é a calvície, o que são dentes apodrecidos ou a velhice, o que é uma perna torta ou a falta de alguns dedos, se comparados a alguém que tem a pele como a minha. Essas pessoas enquanto me ajudavam apenas disfarçavam seus fracassos, nessa tentativa me ofereciam empregos temporários, comida, lugares para dormir, e até algo que se parecia muito com a amizade. Mas desde cedo tive consciência de que por mais que parecesse o contrário, eles todos só estavam interessados neles mesmos.

Os anos transcorreram acinzentados e cheirando a uma mistura de desinfetante com alimentos gordurosos. Toda rodoviária tem um depósito onde se guardam materiais de limpeza, vassouras, cadeiras quebradas, placas indicativas precisando de reparo e outras porcarias. Descobri que quase invariavelmente esses lugares ficam destrancados. E foi nessas salinhas escuras que passei boa parte da minha adolescência. Alguns restos de colchão eram suficientes para que eu me instalasse no chão e ficasse até tarde escutando o barulho dos ônibus indo e vindo. Lá pela meia-noite o agito terminava e meus olhos permaneciam abertos e mergulhados nas recordações do dia. Desde cedo a confusão do movimento sempre me intrigou, nunca consegui deglutir o que representava a mistura de cheiros, vozes, tempos (enquanto um ônibus partia o outro era aguardado) cores, tipos de expectativas, não conseguia engolir como tanta coisa podia estar misturada.

Meus olhos aceitavam aqueles escuros, por vezes até que o dia começasse a destruí-los. Passava as tardes cochilando pelos

cantos e sendo acordado por barulhos agudos. Os anos me ensinaram a desenvolver um sono leve, que acontecia em qualquer lugar e não causava remorsos quando era encerrado abruptamente. Sinto que nunca me adaptei bem à luz do sol, sempre preferindo a palidez das luzes frias. O neon solitário, inútil, vermelho, roxo, verde sem vida, invadindo uma noite sem espectadores ou expectativas, funcionava como um antídoto contra a dureza do dia. Eu mergulhava naquele brilho amortecido que piscava, ou então que apenas combatia a noite com sua corzinha chamativa... eu era aquela tentativa, o neon também abria seus olhos contra seu quarto escuro. Aos poucos essas luzes foram rareando, alguns desses sinais estragaram e nunca foram consertados, o vidro morto passou a desenhar palavras sem sentido, e até hoje quando as vejo faço questão de desviar o olhar. Sobraram-me a dureza do sol e a paciência das luzes frias.

Dias chuvosos são os meus favoritos, não gosto de temporais, mas daquela garoa fina que se prolonga por meia semana, e que cai de um céu cor de chumbo. Nessas manhãs costumava sair das rodoviárias para passear pelas redondezas, gostava de ver a marca seca que os pneus deixavam no asfalto e que aos poucos ia sendo coberta pelos pingos de chuva. Admirava as bocas taciturnas apressando o passo e procurando abrigo, e os olhos docemente desconfiados de que o sol tinha ido embora para sempre.

Nesses dias eu passeava pelo pequeno comércio e encontrava mãos preocupadas embrulhando seus bebês em mantas de lã, via sapatos molhados apressando-se para saltar poças que começavam a se formar, e vendedores de rua cobrindo suas mercadorias e se acumulando sob as marquises. Eu permitia que a chuva me molhasse para que os melhores ângulos de observação me fossem acessíveis. Mas acho que não era só por isso que nunca evitei as chuvas, algo incrustado bem fundo, uma lógica fútil (isso é apenas uma desconfiança) acreditava que a água selva-

gem que caía do céu poderia ter algum poder curativo e transformar minha pele em algo tão liso quanto a fórmica de um balcão de informações.

Nesses dias plúmbeos meu passatempo favorito era encontrar becos abandonados, adorava ver pintado nas paredes datas antigas e informações que se referiam a algo que não existia mais, uma loja, um bar, qualquer coisa que já foi e não é. Sabia de antemão onde se localizavam esses lugares mas só os visitava quando o céu cinzento começava a molhar as paredes descascadas.

Uma vez, em uma das cidades em que morei vi uma velha enrolada em xales tentando se proteger da chuva embaixo de um toldo cheio de goteiras. Ela era gorda e vestia roupas que foram moda há algumas décadas atrás. Usava um lenço que deixava ver grande parte de seus cabelos grisalhos. Próximo ao toldo estava o ponto do ônibus que ela esperava pegar. Eu fingi aguardar o ônibus e até abri um guardachuva que às vezes carregou comigo para disputar os olhares daqueles que reparam nos que não se importam em não se molhar. Ela me olhou e por um instante temi que viesse pedir para que eu a abrigasse enquanto ela esperava no ponto. Desviei o olhar por um momento e compreendeu a mensagem. Continuou despistando as goteiras e olhando ansiosa para a curva da rua. Abriu a bolsa que carregava embaixo do braço e de lá tirou um porta-moedas. O ônibus se aproximou e ela apressou-se em separar o dinheiro da passagem. Na pressa deixou cair as moedas que espalharam-se pelo chão. A velha com grande dificuldade e esquecendo-se da chuva, abaixou-se até recuperar todas. O ônibus partiu sem a velha, que voltou ensopada para baixo do toldo. Guardou o porta-moedas dentro da bolsa. As goteiras já não eram tão ameaçadoras, e ela trazia no rosto uma expressão que em nada era mais ansiosa do que quando temia se molhar.

Os céus azulados nunca foram meus cúmplices. Já cheguei a passar dias inteiros escondido em depósitos sem fazer abso-

lutamente nada, apenas esperando a luz ir embora. Não gosto como o sol forte revela cada pequeno detalhe de minha pele. Parece que nesses dias iluminados minhas cores decidem sair para passear, mas fazendo isso, revelam combinações esdrúxulas que chamam a atenção principalmente das crianças. Sorrisos inocentes e dedos indicadores já me causaram muito desconforto. Uma vez tive de abandonar uma cidade porque irritado com o sol torci o dedo de um menino que me apontava.

Quando completei dezoito anos percebi que não cresceria mais, e que minha altura de um metro e cinquenta e dois centímetros, que me tornava muito maior do que um anão, também me marcava como alguém com a altura bem abaixo da média. Sempre me perguntei se não tivesse o problema de pele que possuía, se a baixa estatura já seria motivo suficiente para que eu mesmo me distinguisse negativamente dos outros. Imagino também que se eu tivesse mais de dois metros de altura a atenção que chamam minhas marcas na pele seria proporcionalmente maior. Ser pequeno tem suas vantagens e posso contar mais de uma dezena de lugares em que dormi e onde não conseguiria me enfiar se tivesse alguns centímetros a mais. Parece que fui feito sob medida para pequenos depósitos e armários de vassouras. A idade adulta trouxe-me a vontade de cultivar alguns sinais característicos da masculinidade. Deixei a barba crescer, mas os fios encontravam pouco espaço livre entre as espinhas, o que tornou minha aparência ainda mais repulsiva. Consegui encontrar espaço embaixo do nariz para cultivar um pequeno bigode que passou a ser um marco divisor em minha vida. Se não me enxergava propriamente como um homem, pelo menos me via como alguém que havia atingido seu próprio auge. Os pêlos me separavam de uma infância confusa e prolongada, onde eu não consegui formar de mim mesmo nenhuma imagem que não estivesse relacionada com o problema de pele, e me joga-

vam diretamente no mundo daqueles que precisavam ter algumas certezas. Enquanto me barbeava cuidadosamente em algum banheiro de rodoviária, o receio de me mutilar combatia o orgulho pelo tufo de pêlos crescentes. Durante o inverno essa tarefa ficava mais difícil, pois não era sempre que eu conseguia uma lâmina de barbear nova. Com os poros fechados espremidos entre espinhas, eu improvisava canivetes e até latas de conserva abertas que eu mesmo afiava, mas que sempre deixavam as pias manchadas de sangue. Acho que esse esforço acabou piorando a situação de meu rosto, que muitas vezes ficou quase completamente em carne viva. Para aliviar a dor eu molhava uma toalha e ficava no escuro com o rosto coberto, sentindo as veias latejarem e a dor acalmar. Quando me dava por satisfeito verificava os desenhos com que o sangue marcava a toalha. Reconhecia meu pescoço e queixo, mas sempre havia alguma forma intrometida vinda do movimento de um vaso rompido. Quando descobri o álcool como desinfetante para as feridas acabei me viciando na dor que se espalhava por meu rosto. Meus olhos se enchiam imediatamente de lágrimas que não chegavam a escorrer. Por um bom tempo aquele foi meu prazer secreto, até que uma crosta que se formou em meu rosto passou a ser cada vez mais imune ao arrepio que o álcool causava. Passei então a cheirá-lo e até bebê-lo em pequenas quantidades misturado com restos de refrigerante que conseguia nas mesas das lanchonetes. Esse pequeno prazer não durou muito, pois meus vômitos começaram a tornar difícil a ingestão de qualquer alimento, e eu passei até dois dias inteiros deitado no escuro sem fazer nem pensar em nada. Mas só parei mesmo de beber quando imaginei que talvez meu organismo estivesse se transformando por causa do álcool, e que seria possível que meu aspecto externo estivesse contaminando minhas entranhas.

Conheci um caminhoneiro que me convidou para ser seu assistente. Eu o ajudaria a carregar e descarregar o veículo e em

troca teria comida e um lugar para dormir (a cabine). O que me parecia interessante era essa possibilidade de viajar, mesmo que tivesse de enfrentar a luz do sol, ainda existia algo dentro de mim que acreditava que quanto mais luzes mais sombras. Os horizontes se mostravam amplos e eu queria conhecer todas as bordas do mundo em que acreditava. Logo percebi que meu corpo não estava preparado para aquele tipo de esforço. Depois de carregar o caminhão eu ficava completamente exaurido, meus braços e pernas tremiam e meus tendões pareciam arame farpado sendo arrastado dentro de mim. O caminhoneiro era um homem forte que não sentia o peso que carregava. Enquanto ele, quase sem suar, se ocupava de quatro quintos da carga, eu me matava para transportar o restante. Eram sacos de cal, telhas, madeira e até gaiolas com galinhas vivas. Aos poucos minha produtividade foi caindo ainda mais e isso fez com que ele comesse a me tratar mal. Da simpatia passou à neutralidade, cruzou a fronteira com a grosseria e se aproximou da brutalidade. As dores no corpo me obrigaram a longos períodos sem trabalhar, deitado na cabine do caminhão apenas escutando ele trabalhar e me maldizer. Nesses dias ele não quis me alimentar “sem trabalho, sem comida”. Felizmente consegui roubar dois pães e umas fatias de mortadela enquanto ele dormia. Depois que me recuperei consegui aumentar a minha participação nas tarefas, meu corpo aprendeu os atalhos do serviço e nos bons dias estive perto de realizar quase a mesma quantidade de trabalho que ele. A grosseria foi substituída pelo silêncio, enquanto o caminhão rodava só o que se escutava era o barulho do motor e o ruído de alguma música estúpida no rádio. Às vezes reparava que por causa das longas retas e da baixa velocidade ele aumentava o volume para não ficar com sono. Seus olhos fechavam-se até a metade e ele passava a mão no rosto, como que querendo puxar conversa, então eu fingia que estava dormindo. Convivi com ele por dois meses desse jeito. Depois que

cada um de nós aceitou o silêncio do outro, passei a me proteger do sol no espaço que há atrás do banco, onde eu normalmente dormia. As curvas e o calor do dia me causavam alguma náusea, mas aprendi que os vômitos obedecem em parte ao estômago e em parte ao cérebro, e eu conseguia distrair-me com os buracos que fazia na parte de trás do estofamento dos bancos. Também, consegui com o uso de um alicate, desentortar algumas molas que tentei moldar com formas estranhas, dessa maneira suportava todas as possibilidades que a estrada oferecia a meu corpo.

Um dos pneus dianteiros furou e ele teve grandes dificuldades para controlar o caminhão. O asfalto começava a ficar prateado por causa da garoa. Quando encostou percebi que sentia um grande alívio e quando me olhou quase sorriu. Desceu sem dizer palavra e começou a trocar o pneu. Fiquei em dúvida se deveria oferecer minha ajuda, caminhei em volta dele que tão entretido não notava minha presença. O céu se confundia com o asfalto e as gotinhas minúsculas umedeciam minha pele. Olhei para o lado e li a placa “Lins a 6 km”, na ponta dos pés me afastei até uma distância em que ele não pudesse mais ouvir meus passos, então corri. Uma brisa acompanhava a garoa e aliviava qualquer recordação de sofrimento. Meus pés pisavam o acostamento com certeza e força, um cheiro de relva molhada e borracha queimada molhava aqueles instantes tornando-os pesados e leves. A mágica daqueles quilômetros ainda brilha dentro de mim. O caminhão desapareceu e uma nova cidade estava ao meu redor. A chuva parou e o céu começou a surgir entre nuvens, o dia estava quase acabando e torci para que a noite fosse mais rápida e escurecesse o horizonte antes que ele começasse a ficar dourado.

A nova cidade me recebia com suas casas de duas janelas, garagem, pequeno jardim e cachorro barulhento. As caixas de correio também estavam por toda parte. Aquele não era meu lugar. A noite chegou e me senti mais à vontade. Caminhei até ficar

cansado, pensei em pedir informação para alguém mas decidi seguir o instinto, encontraria meu lugar ou deixaria que ele me encontrasse. O sono chegou aos poucos e dormi num gramado enquanto assistia à vida acontecer atrás de um pequeno vitrô bisotado. Os contornos se moviam enquanto a luz da televisão permanecia fixa. Escutava alguns murmúrios e o instante em que alguém ligou o chuveiro elétrico. A última luz que se apagou foi a do quarto da direita. Antes de adormecer me concentrei na luz do poste da rua e nos insetos que voavam ao redor da lâmpada. A casa estava completamente às escuras e tentei relacionar tudo o que havia me acontecido durante o dia. Parecia haver uma substância misteriosa que amarrava o caminhão, a chuva, os insetos e aquelas pessoas que agora dormiam dentro da casa apagada.

Fui acordado pelo sol e pela grama ainda úmida. Caminhei até uma região de pequeno comércio onde eu me sentia mais à vontade. Até que uma lembrança estragou minha manhã, a mala com todas minhas roupas havia ficado no caminhão. Só tinha as roupas do corpo e elas estavam sujas e úmidas. Recebi duas negativas com indiferença, uma educada e três com rispidez. Em um supermercado consegui roubar um pão de forma, mas tenho quase certeza que o segurança me viu pegar, mas não quis se incomodar. No fim da tarde ajudei a descarregar um caminhão de melancias e ganhei dez reais e uma fruta. Encontrei o caminho da rodoviária e fiquei observando o movimento. Procurei sem sucesso por um depósito onde pudesse me instalar. Quando o último ônibus partiu algumas luzes se apagaram e os comerciantes fecharam suas lojas, percebi que teria de dormir naquelas cadeiras alaranjadas que são colocadas separadas justamente para que ninguém durma. Além disso há os vigias noturnos que normalmente incomodam os que tentam se instalar nas rodoviárias como se fossem hotéis. Decidi ficar apenas sentado e caso algum guarda aparecesse tentaria uma conversa que o ajudasse

a passar o tempo enquanto eu me aproveitava do teto do terminal. O dono de um quiosque de comida me perguntou com indiferença na voz se eu não queria um salgado que sobrara. Aceitei, mas percebi que se tivesse recusado o pastel, o destino dele seria o lixo. A gordura havia secado, endurecendo a massa que estava tão quebradiça quanto vidro. Mesmo assim eu não estava em condições de desperdiçar alimentos. A melancia me ajudaria a comer aquele pastel, a fruta neutralizaria um pouco dos efeitos daquela gordura empedrada. Como cortaria a melancia? O comércio todo estava fechado e eu não iria procurar ninguém para não chamar a atenção sobre mim. Tentei encontrar alguma quina aguda onde pudesse rasgar a casca, mas todos os ângulos de uma rodoviária parecem arredondados. Havia um segundo andar no prédio, mas uma porta pantográfica impedia o acesso, minha ideia era subir lá e jogar a melancia para que ela rachasse com a queda. A lei da gravidade me inspirou outra solução, usei toda minha força para jogá-la para cima, fiz isso três vezes e percebi uma pequena rachadura. Com os dedos consegui abrir a fruta, quebrei o pastel em dois lugares e dentro dele encontrei pontinhos escuros de carne moída. Enchi minhas mãos em concha com o conteúdo avermelhado da fruta e enfiei uma das metades do salgado no meio. A mistura tinha gosto razoável e consegui encher meu estômago sem sentir o peso da gordura.

Nos dias seguintes passei a ganhar as sobras da mesma lanchonete. Tive de comer os salgados sem a ajuda da melancia, o que me trouxe muitos problemas estomacais. Olhando-me no espelho do banheiro, descobri uma tonalidade amarelada na pele. Sabia que isso indicava que meu fígado estava trabalhando além de seu limite. Passei duas noites inteiras dentro do banheiro deitado no pequeno espaço do cercado sanitário, apenas escutando o entra e sai. Quando o movimento aquietava eu apenas olhava para o teto manchado de umidade e reparava

nos defeitos do piso de cimento. Acho que dormi um pouco e na segunda noite fui acordado por uma vassoura e um empurrão na porta. Alguém enxergara minhas costas no chão e chamou o vigilante achando que eu estava desmaiado ou morto. Quando me cutucaram o homem da vassoura levou um susto que só foi menor do que aquele que levou quando abri a porta e saí sem dizer palavra.

Atordoadado de cansaço esqueci o sol forte e caminhei sem destino pelas cercanias da rodoviária. Reparei na vida acontecendo, as lojas funcionando, uma mulher gorda colocando sobre o corpo uma blusa que não lhe servia. Sentado no meio-fio vi que alguma água escorria na direção da boca de lobo. O céu não tinha nuvens e acompanhando o rastro descobri que a água vinha de um comerciante que lavava a calçada em frente à sua loja. Era um senhor muito barrigudo com o rosto bastante avermelhado, usava as calças acima do umbigo e com um sotaque de estrangeiro comandava um funcionário que fazia a maior parte do trabalho. O cheiro de detergente era muito forte e eu me aproximei um pouco, não queria ser notado. A loja vendia roupas baratas, e também toalhas, lençóis e cobertores. O imóvel era pequeno e estava entulhado de panos até o teto. Sem chamar a atenção, fingindo-me de cliente percorri os corredores apertados, as cores e os produtos se misturavam, cartazes com preços, cestas com “super-ofertas”, caixas de papelão com mantas térmicas, jogos de lençóis com avisos “bordamos monogramas”, prateleiras cheias de tecidos empilhados erguiam-se quase encostando nas lâmpadas, aquele mundo me atraía.

No fundo da loja havia uma pequena escrivaninha coberta por papéis, grampeadores, tesouras, canetas, amostras de tecido e um grande aparelho telefônico que não parava de acender luzes de chamadas não atendidas. Sobre essa escrivaninha mais prateleiras, uma delas me encantou, estava forrada com um pano

alaranjado e cheia de cobertores de todas as cores. Devia ter pouco mais de um metro e meio de comprimento por uns cinquenta centímetros de altura. Eu cabia direitinho ali dentro. A recordação do chão gelado do banheiro da rodoviária me deixou ansioso, eu não podia perder tempo. Trabalharia apenas pelo prazer de ter aquele lugar macio e quentinho para me deitar. O velho não poderia recusar minha oferta.

Aproximei-me dele com receio. Era um tipo espalhafatoso que falava alto e movia os braços em todas as direções. De perto ele era mais alto e sua barriga ainda maior, grande o suficiente para que eu coubesse dentro dela. Sua boca parecia feita só de caninos. Seus olhos rimavam com seu hálito pesado, encobrendo algumas luzes de cores estranhas que vinham do reflexo dos cobertores. Meu estômago soluçava e os furúnculos do meu rosto latejavam. Percebi que ele era vesgo, e que ao contrário do que pensava, não estava me olhando. Cutuquei seu umbigo com meu indicador, ele levou um susto e soltou um palavrão. O banheiro gelado da rodoviária seria meu leito. Além de tudo aquela loja não cheirava mal, em cada canto saquinhos de naftalina purificavam o ar e protegiam as mercadorias, o odor lembrava uma parede lavada, muito branca. Envergonhado com minha atitude, e sem saber muito o que fazer, acariciei com quatro dedos a região que havia cutucado com um. Isso me rendeu um violento tapa na mão. Percebi que se não dissesse nada, perderia minha oportunidade para sempre. Ofereci-me de todas as formas que alguém pode se oferecer, limparia, empilharia, lavaria, venderia, contaria, vigiaria, e por tudo isso nada cobraria além da prateleira onde dormiria. O velho me escutou em silêncio com seu lábio de baixo se sobrepondo ao de cima. Sua cabeça me parecia ainda mais avermelhada. Alguma coisa se movia dentro dela enquanto construía sua resposta. Dei um passo para trás para me prevenir de outro tapa, que se viesse seria mais forte que o primeiro. As

sobrancelhas se contraíram e julguei isso um sinal negativo, a língua molhou o lábio de cima, acalmei-me um pouco, se fosse me agredir seria verbalmente.

Alguns perdigotos me molharam o rosto mas não estavam contaminados com raiva. Ele me perguntou se caso aceitasse me contratar, tendo como salário apenas a prateleira para dormir, como eu iria me alimentar? Teria de respondê-lo com rapidez e convicção, demonstrando que não queria dele nada além de meu pequeno dormitório. Olhando para cima tentei encontrar seus olhos, com voz firme informei que me alimentaria das sobras de salgados não vendidos da lanchonete da rodoviária. Ele me olhou sem responder, caminhou em círculos estalando os saltos no chão de madeira. Meus nervos pipocavam e o canto direito de meu lábio superior sofria movimentos involuntários. Reparei que o funcionário da loja tentava descobrir o que estava acontecendo. Seus olhos estavam manchados pela desconfiança. As palavras me surpreenderam. Com um tom de voz que não combinava com o que dizia, ele me cumprimentou pela contratação. Eu seria um faz-tudo durante o dia e vigia noturno. Poderia usar o poleiro no alto da prateleira para descansar, mas precisava manter meus olhos sempre abertos e atentos a qualquer buraco grande o suficiente para a entrada de ladrões. Não precisaria me ausentar da loja, pois poderia me alimentar das sobras de suas refeições.

Estalou em mim uma corrente elétrica, a felicidade atravessou meu corpo querendo se manifestar. Inevitável e poderosa como a noite, foi a força que fez com que eu me agarrasse a seu barrigão, e após agradecer beijei-lhe o umbigo. Os olhos do funcionário da loja sumiram atrás de uma prateleira de roupas em liquidação, e quando reapareceram estavam coloridos com inveja. Para evitar que essas tonalidades me contaminassem, fechei meus olhos e pude sentir a palma da mão do velho tocando de

leve o topo de minha cabeça. Ele agradecia meu agradecimento.

Encerrados esses protocolos ele me deu um balde e um esfregão e em tom ríspido mandou que eu limpasse todo o chão da loja. Fiz isso com o maior prazer e caprichei nos cantos onde se escondia uma sujeira que nunca seria encontrada e que deveria estar ali há muitos anos. O velho me olhava com jeito de quem tinha feito um bom negócio, o funcionário, como quem acabava de encontrar um inimigo. Encerrado o horário de expediente ainda me restava muita sujeira encalacrada sob as prateleiras e balcões, baratas mortas, teias de aranha, asas de insetos, fezes de camundongo e até uns pequenos ossinhos que não sei a qual animal pertenceram. Estranhei a confiança que o velho depositou em mim quando baixou a porta de ferro e foi embora. O funcionário saiu sem me olhar no rosto nem responder meu cumprimento.

Depois de remover todos os resíduos animais, restava-me a tarefa mais penosa, uma crosta pastosa de cor ocre que nascia por todos os esconderijos da loja. Depois que terminei de lustrar os cantos dos armários pensei que aquela era a camada mais profunda de sujeira, um poço ainda mais escuro, difícil de ser removido, principalmente com os poucos materiais que o velho havia me deixado para a limpeza. Quando finalmente dei por terminado o serviço estava completamente exausto. Sentei-me no chão frio apenas para que meu leito quentinho fosse mais saboroso. Pendurado quase no teto encontrei um relógio de parede que me dizia que faltavam umas três horas para o dia amanhecer. A fome começou a apertar e me lembrei que o velho havia falado das sobras de suas refeições. Revirei a loja tentando encontrar comida, quando estava prestes a desistir descobri um prato de macarrão frio e duro dentro de um das gavetas da escrivaninha, havia também alguns pedaços de carne. Mas aquilo parecia estar ali há pelo menos uma semana. Revirei com uma caneta o conteúdo do prato e encontrei nas pontas dos fios de macarrão a cor azulada

do mofo. A consistência da carne parecia a de uma tábua, e encontrei nela pequenos pontos brancos que não consegui definir, mas que pareciam possuir alguma espécie de vida. Nem toda a fome do mundo seria suficiente para que eu conseguisse comer aquilo. Decidi que sairia para tentar encontrar alguma comida na rua, naquele horário estava tudo fechado, mas talvez encontrasse algo nas latas de lixo melhor do que aquilo. Foi quando descobri que a confiança depositada em mim talvez não fosse tão grande, o velho havia trancado a loja por fora e não me deixara nenhuma chave. Examinei os buracos pelos quais poderiam entrar eventuais ladrões, mas nenhum deles era grande o suficiente para que eu passasse. Que espécie de ladrão aquele homem temia? Meu estômago roncava mas decidi despistá-lo com o sono. Acomodei-me na prateleira sem decepção, senti a maciez felpuda dos cobertores coloridos, o calor subiu por meu rosto e me fez expelir um bafo prazeroso. Foi quando lembrei daquela exigência absurda, eu deveria permanecer acordado a noite toda. Foi a última coisa que lembrei.

Fui acordado por um balde de água derramado em mim pelo funcionário da loja a pedido do patrão, tarefa aliás, realizada com grande prazer. Usando uma toalha para não molhar as mãos o velho me apertou o pescoço. Cada um de seus dedos era da grossura de dois dos meus e ele tinha uma força contra qual eu nada podia. Quase sufocando ouvi as acusações retumbantes que ele me fazia. Sua voz trovoava de maneira tão violenta que me incomodava tanto quanto a falta de ar. Fui chamado de mentiroso, irresponsável, enquanto eu roncava ladrões poderiam ter levado toda a mercadoria e destruído o trabalho de uma vida. De que valia minha promessa de que passaria a noite acordado? Como ele poderia continuar confiando em mim?

Depois que soltou minha garganta reparei como o velho parecia emocionalmente perturbado com toda a cena. Suas veias do

pescoço latejavam e ele respirava com dificuldade, o vermelho de seu rosto dera lugar a uma palidez cadavérica. Mesmo sem conseguir compreender a razão de tamanho escândalo confesso que antes que eu comesse a sentir raiva, pelo menos por alguns instantes me perguntei se o velho não estaria certo, e por causa de uma irresponsabilidade minha, eu havia causado um mal àquele homem. Quando comecei a sentir que não só eu, mas também os cobertores que acolheram meu sono estavam completamente empapados, minha culpa diminuiu, anulando a piedade que sentia, e escurecendo o que eu enxergava até que eu transformasse a imagem daqueles dois homens em algo muito parecido com o prato de comida apodrecida que eu encontrara na gaveta da escrivaninha.

O velho abriu um alçapão trancado à chave que ficava embaixo de uma prateleira. Eu deveria entrar lá, retirar tudo o que havia e catalogar. Na metade da manhã já anotara cento e vinte e uma toalhas de banho, quarenta e nove cobertores de casal, sessenta e um de solteiro e trinta e nove fronhas. Quando saí do alçapão percebi que o sol brilhava forte, decidi que mesmo correndo o risco de irritar novamente o velho, ficaria fora alguns minutos para secar minhas roupas. Dessa vez não temi que o dia pudesse prejudicar minha pele. As roupas úmidas foram um pretexto para que eu estendesse meu contato com a luz e o calor, um suave acolhimento me fez sentir participante de algo desconhecido. Quando abri os olhos vi que o funcionário da loja me olhava, quando voltei a abrir ele estava acompanhado pelo velho. Com as roupas quase secas voltei ao trabalho, passei entre os dois homens sem que eles dissessem ou fizessem nada. Quando a loja fechou fui verificar minha prateleira, que ainda estava muito molhada. Usando toalhas consegui secar completamente a madeira, apanhei alguns cobertores que ficavam embaixo de uma grande pilha e os troquei por aqueles que estavam molha-

dos. Me despi completamente e pendurei minha calça para secar.

Enrolei-me em uma manta que proporcionava tanto conforto quanto na noite anterior. O calor no rosto faria com que eu despertasse novamente no meio de uma poça de água. Resisti. Tentaria permanecer acordado. Se desse muita sorte poderia conseguir evitar o roubo da loja. Aprisionaria o ladrão no alçapão. Mas o velho não havia deixado a chave. Caso o invasor conseguisse entrar por alguma fresta eu teria de prendê-lo durante toda a noite. Lutar com ele e imobilizá-lo. Como sou pequeno e fraco precisaria usar de astúcia, derrubar prateleiras sobre ele, de modo a atolá-lo sob uma montanha de toalhas e cobertores. Se o velho chegasse e encontrasse a loja revirada, mesmo que fosse com o propósito de proteger seu patrimônio, não sei se me perdoaria. Então o melhor que pode me acontecer é que não entre ladrão algum, pois o dinheiro que eu possa vir a desperdiçar derrubando todas as prateleiras pode ser bem maior do que os danos que um pobre ladrão eventualmente causaria. Devo permanecer vigilante para que o resultado de minha vigília seja nenhum, o que aos poucos tornaria inútil minha presença aqui. Decidi que qualquer que fosse o desfecho de meus caminhos, a prioridade naquele instante seria permanecer acordado. Desci pelos corredores apertados da loja, o relógio da parede parecia bem mais lento que na noite anterior. Por desencargo de consciência verifiquei a porta de ferro. Liguei as duas torneiras do banheiro e enfiei a cabeça na pia. No espelho encontrei olheiras roxas que desconhecia. A água era só um paliativo e o sono um monstro poderoso que a qualquer momento enferrujaria qualquer fechadura. As molas vingativas faziam questão de transformar os ponteiros escuros do relógio em seres adormecidos. Senti o mesmo vácuo que fui quando passei dois dias olhando para o teto no banheiro da rodoviária, mas dessa vez o fardo estava muito mais pesado e difícil de carregar. Eu não tinha braços

fortes nem mãos suficientes para fazer aquele transporte. A ma-
drugada riscou meus ouvidos com o som de isopor sendo esfre-
gado na madeira. Quando a luz começou a se espalhar pela loja
recoloquei os cobertores úmidos na prateleira e os sacos na parte
de baixo da pilha.

O velho levantou a porta de ferro e me encontrou de olhos
abertos. Não disse nada e foi sentar-se em sua escrivaninha. Pou-
cos minutos depois chegou seu funcionário e percebi sua decep-
ção com o silêncio e a normalidade que reinavam na loja. Pela
manhã o velho evitou dar ordens, sempre que eu me aproximava
ele inventava alguma tarefa do outro lado do estabelecimento.
Caminhei de um lado para o outro sem saber o que fazer, decidi
sair um pouco, mas dessa vez o sol me empurrou para dentro.
Tentei atender alguns fregueses, mas para encanto do outro fun-
cionário fui recebido com frieza. Na segunda tentativa percebi
que havia algo de estranho em mim além de minha aparência,
que espantava os clientes. O espelho desvendou o mistério, meus
olhos eram pedaços líquidos de um vermelho mortuário. Como
alguém compraria algo de uma pessoa que coagulava com seu
olhar qualquer forma de movimento. Para que serviam blusas,
saías, colchas e fronhas, senão para que a vida continuasse acon-
tecendo através desses objetos? Eu serviria apenas para espantar
clientes, talvez o velho nem percebesse isso, mas logo o movi-
mento da loja cairia e ela poderia ir à falência. Ao contrário da
outra vez, agora, minha presença estaria contribuindo, mas ape-
nas para a destruição daquilo de que participo.

Ao meio-dia o velho saiu e voltou com uma marmita que
devorou em poucos minutos. O funcionário também abriu um
embrulho e comeu uma mistura de arroz com pedaços de carne.
Minha fome começou a superar o cansaço e a tontura me forçou
a sentar no chão, bem em frente a uma cliente. O velho percebeu
a cena e veio atendê-la cheio de atenções. Depois da venda tocou

em meu ombro e apontou para as sobras da marmita. Mergulhei com vontade naquela mistura de arroz, ovo, chuchu e carne moída. Apesar de não estar quente a comida nunca me pareceu tão deliciosa. Raspei os últimos grãos e bebi o sumo da carne. Na torneira do banheiro a água ajudou a refeição a descer. Meu organismo agradeceu, mas minhas mãos ainda tremiam. Procurei algo para fazer, mas comecei a estranhar o silêncio do velho. Encontrei alguns papéis jogados no chão e comecei a catá-los. Quando fui ajeitar uma pilha de cobertores que estavam em liquidação e ficavam no chão, tropecei e caí entre eles e a parede. Meu corpo desistiu da vigília, e quando acordei as sombras da tarde começavam a invadir a loja. Custei a me localizar e perceber o que havia acontecido. Não sei se fingiu ou então realmente não notou minha ausência, mas assim que me viu, o velho distribuiu algumas ordens, suaves como a luz que caía. Eu as obedeci com presteza e assim que a porta de aço baixou a primeira coisa que fiz foi verificar meus olhos. Boa parte do vermelho havia desaparecido, o que acabava chamando a atenção para os furúnculos. Havia algo diferente em relação à noite anterior. Sobre a escrivaninha encontrei dois ovos. Quebrando com cuidado a casca percebi que estavam cozidos. Mas não era só essa a diferença. A loja toda estava diferente. Os cobertores pareciam ter mudado de cor e as pilhas de tecido de lugar. As prateleiras e a escrivaninha estavam menos apinhadas e meu leito era só um cantinho perdido entre duas estantes. Essas eram diferenças importantes, mas havia outras menos aparentes. Sentia que o ambiente estava banhado numa claridade-água, como aquela que fica aparente quando estamos de olhos fechados. Um vento vazio parecia soprar as substâncias de que eram feitas a loja, sem no entanto, conseguir movê-las. Uma memória azulada empalidecia a noite anterior transmutando-a em algo que poderia ter acontecido em qualquer lugar e até nos instantes em que ainda não vivi. Sentia-

me estranho. Os ponteiros do relógio marcavam sete horas, mas essa informação nada representava. Comi um dos ovos e fiquei observando a forma do outro. A casca lisa e branca ovulava-se, tudo eram curvas, sem sobras. O disfarce era perfeito, fingindo defeito o ovo me deixava sem jeito, não seria ele metáfora de meu próprio sujeito? Pretensão julgar que há um canto meu onde reina a perfeição. Posso ser o contrário do ovo, cidadão sem disfarces, reflexo puro de meu interior precário. Dele possuo apenas a ausência da perfeição do círculo, mas não me completo com a lisura da casca nem com a coincidência de traços, que de forma diferente acabam também formando um sistema autossuficiente fechado em si. Com a porta de aço baixada descubro como sou aberto, e não sendo ovo, os conteúdos que por mim atravessam se transformam em vento. Nada retenho. Aconteço como acontecem as lojas.

Dentro da gaveta da escrivaninha encontro um sanduíche mordido. O pão está fresco, e cheirando o queijo e o salame não descubro nada estragado. Desconfio que aquelas sobras estavam ali por esquecimento e apenas os ovos eram para mim. Comi o sanduíche sem medo. A meia-noite trouxe arrependimento, caminhei preocupado pelos corredores, sentia os nós grosseiros da mão do velho chocando-se contra meu queixo. Experimentava o estalar de meus furúnculos deixando em minha pele crateras amareladas feitas de pus e sangue. Se a porta estivesse destrancada eu fugiria. Escalei o topo de uma prateleira tentando descobrir uma passagem pelo forro. Não era impossível, mas seria muito arriscado. Poderia desmoronar estatelando-me no chão duro, arrebatando o telhado e a mim mesmo. E tudo isso por causa de um sanduíche, digamos assim, de segunda mão. Verifiquei o espelho e meus olhos tinham apenas as bordas avermelhadas. O relógio vazio continuava caminhando dentro de sua cela circular, os ponteiros amarrados a um ponto negro pareciam

sonhar que seu trabalho repetitivo acabaria quando alguns parafusos estalassem, transformando o círculo em espiral. O tempo escorria de seu aquário quebrado levando junto os peixinhos acostumados à tranquilidade esférica.

Aninhei-me na prateleira, olhos fixos na porta da frente e na pequena janela lateral. De vez em quando dava uma pequena olhada para baixo, mas o cadeado do depósito parecia tornar impossível uma invasão por ali. Afora ter comido o sanduíche, estava fazendo exatamente o que o velho me pedira. O cobertor rosa e alaranjado começou a acostumar-se com as imperfeições de meu rosto e senti um calor escalando meu pescoço. Sabia do risco que corria, saltei de minha prateleira, molhei o rosto e caminhei pelos corredores apertados. O relógio prosseguia sua missão inútil, pobre prisioneiro sentenciado ao recolhimento perpétuo. O sonho de liberdade continua diluído em matéria tão etérea, que os peixes só escorrerão pelo orifício do aquário, quando de peixes, forem apenas lembranças.

Um cheiro ordinário espalha-se pela loja, parece que todos os panos orvalham-se atraindo para si odores fabris misturados com o cheiro das pessoas que frequentaram o estabelecimento no dia anterior. Os panos vivem contaminando o ar noturno com seus gritos e sorrisos. Em meu passeio exótico por esse mundo de perfumes, fecho meus olhos desnecessários, sou criança e estou aqui, o amarelo e azul da chama de uma fogueira misturam-se, iguais a eles também fazem os cheiros e os tempos. O lilás e o grená entram por minhas narinas enquanto meu tato fala das diferentes consistências dos panos.

Um barulho atroz destrói meu encantamento. A porta de aço se levanta e o velho mira meus olhos. Sem que ele diga nada consigo perceber uma ponta de sorriso no cantos de seus lábios. Quando estava prestes à saudação, o sanduíche desaba sobre mim. Culpados, meus olhos procuram algo no chão. Prossigo a

manhã toda realizando pequenas tarefas sem receber ordens. O velho controla uma pilha de papéis e não larga o telefone. Logo deverá sentir fome e procurar pelo sanduíche. O funcionário me espia com olhos desconfiados, cobrindo o lábio inferior com os dentes, investiga o que tento esconder. No rosto do proprietário não encontro qualquer suspeita, o que só aumenta meu temor. Os ponteiros do relógio parecem soldados que se arrastam lentamente por um terreno lamacento esperando uma noite inteira pelo próximo movimento. Meu repertório de ninharias começa a se esgotar, e como prefiro não atender os fregueses, percebo que após transportar mercadorias de um lado para outro, estou cansado e no final os produtos estão nos mesmos lugares que estavam antes que começasse o esforço. A loja foi se enchendo de fregueses, eram em sua maioria mulheres gordas e feias acompanhadas por crianças. As mães mergulhavam dentro de gôndolas de ofertas enquanto, sem olhá-los, gritavam com seus filhos para que eles não se afastassem e não mexessem em nada. O cheiro não lembrava o da madrugada, o orvalho se convertera em suor, azedando o ar e transformando o relógio de parede em uma máquina exata, cujo círculo é inquebrável e o ruído, verdade absoluta.

O meio-dia fez escorrer por minha testa gotas de um suor frio que cheirava mal e tinha gosto amargo. O velho continuava entretido com duas freguesas gordas, o funcionário me olhava de um jeito diferente, dessa vez eu não via suspeitas em seu rosto, enxergava apenas o sanduíche. As bundas largas espremiam-se pelo corredor carregando sacolas de roupas baratas. Os lábios ansiosos do velho mexiam-se contentes enquanto procurava o troco num grande maço de dinheiro que carregava no bolso.

Aproveitei que também o funcionário estava distraído com um cliente e corri o máximo que pude. Deixei para trás a loja, depois de uma quadra parei para ver se alguém me perseguia, o

que vi foi uma pequena construção, modesta, mal feita, igual a muitas outras, numa rua sem charme, cópias replicadas.

Acalmei-me, pois ninguém correria atrás de mim. Eu também era igual a muitos outros. Não havia razão para desespero, as telhas de amianto combinavam com as ruas de antipó, as casas com duas janelas e os cachorros latindo dentro dos jardinetes. Alguns homens sem camisa lavavam seus carros com doze anos de uso. Continuei caminhando, sem pressa, sem saber para onde ir, imaginando o que o velho pensaria, como gritaria com o funcionário pedindo que ele verificasse o que havia sido roubado. Os dois ficariam até tarde da noite contando as peças, talvez o funcionário escondesse alguma coisa para que a culpa recaísse sobre mim, o sanduíche nem seria lembrado.

Depois de uma volta inútil por um quarteirão residencial retornei para o outro lado da rodoviária. Se alguém quisesse me encontrar seria exatamente ali que deveria procurar, mas não dei muita importância a isso. Passei pela lanchonete que me dava as sobras, mas essa era a hora de maior movimento. Não pude deixar de achar engraçado algumas pessoas que formavam uma fila para pagar aquelas porcarias que algumas horas depois eu poderia comer de graça.

Desci até a plataforma que estava bastante movimentada. Dois ônibus desembarcavam enquanto um se preparava para partir. Os bagageiros estavam abertos e havia um funcionário ajestando as malas dos passageiros. Percebi como ele não gostava do que fazia e distraía-se com os menores acontecimentos.

Localizei uma oportunidade, meu coração bateu mais forte. Afastei-me do ônibus e descobri uma porta aberta que dava acesso a outra plataforma que estava vazia. Entrando na pista de rolamento enfiei-me embaixo do ônibus e dali fiquei monitorando as canelas do encarregado da bagagem. O motor ligado tornava difícil a respiração e além disso eu precisava prestar atenção nas

rodas. As pernas uniformizadas sumiram. Aquele era meu instante. Saí debaixo do veículo e me enfiei o mais fundo que pude dentro do bagageiro. Sabia que antes de fechar, o funcionário sempre pedia autorização ao motorista. Segundos depois tudo escureceu. Acomodei-me como pude entre malas e pacotes. O ônibus deu marcha-a-ré e por alguns instantes julguei-me o mais esperto dos homens. Essa sensação durou somente até as bagagens começarem a se mover de um lado para outro acertando-me com golpes por todo corpo. Mas só me julguei um completo imbecil quando o ar ficou pesado e difícil de respirar. Eu havia cavado o buraco, entrado dentro e descoberto uma maneira de jogar terra sobre mim mesmo.

Felizmente encontrei uma abertura no fundo do ônibus por onde conseguia enxergar o asfalto e respirar um ar esfumado, porém mais abundante do que o do bagageiro. Acomodei-me ali e ajeitei algumas malas ao meu redor para que nada mais me atingisse. Apalpando no escuro descobri um cacho de bananas. Descasquei uma e vi o amarelo desaparecendo no asfalto cinzento. Da posição em que me encontrava conseguia enxergar as marcações da estrada, linhas brancas que em alguns pontos perdiam a continuidade e que por causa da velocidade davam a impressão de pontos que acendiam e apagavam em uma tela escura. Conseguia ver também o eixo das rodas que tentava me hipnotizar com um movimento tão regular que parecia mentiroso.

Esse refúgio provisório lembrou-me a prateleira da loja, ela por sua vez me fez recordar do sanduíche, e ele do velho e do que deveria estar pensando sobre meu sumiço. O espaço esticava-se numa linha, que por mais curvas que o ônibus fizesse permanecia sempre reta quando vista pelo quadradinho pelo qual eu enxergava. Agora também via as lojas e suas pilhas de roupas através de um recorte de minha memória. O asfalto escuro, o cheiro de óleo diesel que entra por minhas narinas e o que vivi nesses últimos

dois dias são todos acontecimentos assemelhados.

No meio desses fatos dou as costas para a janelinha cheia de asfalto em movimento, encarando o escuro sem fundo do bagageiro. Não sei para onde estou indo. Quando entrei no ônibus esqueci de verificar o destino. A viagem pode durar tanto uma quanto doze horas. Previno-me tateando para não perder de alcance o cacho de bananas. Arranco duas e enfio-as nos bolsos. O que me resta é aguardar. Pouca diferença faz se assisto ao asfalto ou ao escuro, a sensação é quase a mesma. A noite do bagageiro também se parece com a projeção contínua de uma mesma cena negra. Entorpeço-me sendo despertado desse sono-acordado, apenas por algum eventual solavanco. Por duas vezes bati a cabeça no teto e ocorreu-me que os passageiros do ônibus talvez mal tivessem percebido esse sobressalto, e que ninguém se preocupa de verdade com suas malas depois de serem embarcadas e antes de retirá-las. Eu vivo nesse intervalo obscuro. Estou sendo o esquecimento.

As bananas me encham o estômago, mas não suportaria ser obrigado a devorar o cacho inteiro. O ônibus diminui a velocidade e meu coração aumenta a sua. Consigo enxergar as imperfeições do asfalto até que o movimento cessa. Identifico formas familiares nos pequenos grãos cinzentos da estrada. O veículo faz uma curva para a direita e avança em baixa velocidade. Aos poucos o asfalto vai mudando de cor até se transformar em cimento. Atravessamos um trecho de paralelepípedos e pelos ruídos que consigo escutar percebo que estamos dentro de uma cidade. Alívio e temor injustificados se alternam como sentimentos da vez. O velho e o sanduíche não existem mais, escuto vozes de crianças e um carro de som anunciando "... sonho de nata, creme e doce de leite, vamos lá freguesia...". O cheiro que invade o bagageiro perde a tonalidade de borracha queimada e recebe uma luz de laranjeira, azaléia, girassol, ou qualquer outra coisa com raízes.

Nova parada. Essa é fácil de adivinhar, é o controle de entrada das rodoviárias. Instantes depois sinto a agitação dos passos dos passageiros. Meus nervos me fazem coçar um furúnculo do queixo até que comece a doer. Não sei o que fazer, salto para fora assim que abrirem o bagageiro, ou espero todas as malas serem retiradas e deslizo como cobra camuflada assim que as atenções diminuïrem? Antes de minha decisão o bagageiro se abre barulhento e iluminado. Mergulho no canto escuro, escondo-me atrás de um grande baú e de lá consigo espiar sem ser visto. O funcionário começa a receber os cupons e entregar as malas. Em seu rosto encontro tédio e seus lábios mostram que quando puxa encomendas mais pesadas deve sentir alguma fígada nas costas. Aos poucos o bagageiro vai sendo esvaziado. Se o funcionário não estivesse realizando o trabalho de maneira tão automática talvez já tivesse me enxergado. O cacho de bananas é retirado e percebo que ele também está etiquetado como bagagem. Uma mala enrosca em alguma coisa, e para que o homem não tivesse de projetar seu corpo no interior do ônibus, empurro-a com meu pé sem que ele perceba. Todos os volumes se foram, uma vassoura invade meu espaço procurando por alguma valise esquecida, consigo desviar e observo quando ela sem convicção alguma, arrasta para fora um pouco de poeira e umas velhas etiquetas de identificação. Depois disso o silêncio. Por um instante penso em permanecer onde estou até todas as malas entrarem e eu voltar para a cidade de onde vim, ou então ir para outra. Qual seria a diferença?

Desço do bagageiro como se estivesse derretendo, se alguém me visse não saberia de que lado venho e poderia facilmente acreditar que estou ali procurando uma mala perdida. Mas tamanha prevenção não foi necessária, o ônibus vazio era como o esqueleto de um animal abandonado.

Encontrei uma rodoviária muito parecida com aquela de

onde saí. Durante um segundo acreditei ter andado em círculos, mas esse instante logo se dissolveu quando percebi que nesse terminal os bancos plásticos eram vermelhos e não alaranjados. Uma grande curiosidade... precisava saber o nome da cidade em que estava. Não encontrava indicações, qualquer um ao meu redor saberia responder a essa questão, mas essa não é pergunta que se deva fazer. Investiguei lanchonetes e lojas de bugigangas sem nada descobrir. Percebi como algo simples pode não ser evidente. A primeira ideia que tive foi verificar as placas dos carros, mas os três primeiros que vi deram três indicações diferentes. Foi só quando enxerguei o prédio da rodoviária de longe que consegui ler as grandes letras vermelhas “Terminal Rodoviário de Lorena”.

Desvendando o mistério precisava saber o que faria com ele. Caminhei a esmo pela cidade, meu corpo precisava de espaço, então deixei com que o sol coçasse minha pele. Com essas consequências me preocuparia depois. Meus pés atravessaram asfalto e calçadas, antipó e capim. O centro da cidade ficou para trás, as chácaras traziam um mundo esverdeado cercado por piquetes brancos, os espaços cresceram e passaram a ser muito grandes para meus passos. O suor goteja pelo queixo depois de escorrer da testa desviando imperfeições. A luz esclarece o cinzento chão, explode em bolas inimigas de meus olhos. Um cão cálido late assustado. Marcho cambaleante guiando-me pela linha branca da estrada. Veículos sem forma zumbem amargos, secando com brisa meu suor.

Homens são imagens no horizonte, movimento que também pode ser brisa assoprada. Nem mesmo eles têm certeza de que existem.

Eu estou aqui, e essa questão enche de responsabilidades minha presença. Ao lado do acostamento há uma faixa de relva que está repleta de mixarias, pedaços de asfalto, garrafa plástica, um espelho retrovisor e uma poça d’água que desafia o calor e

onde se eu quiser posso enxergar meu reflexo. Os passos diminuem a convicção que possuíam, minha garganta reclama. Olho para frente e não vejo nada que possa aliviar a sede, as chácaras parecem organismos egoístas que recusariam até um gole. Paro de caminhar porque já não espero cascatas. De olhos fechados ajoelho no chão, curvo-me até ficar com parte do corpo no acostamento e a ponta do pé na linha que demarca a estrada. Com ajuda da mão consigo sorver o líquido viscoso com gosto de terra. Sinto a vibração dos carros se aproximando. Encolhendo as pernas raspo o rosto de leve no asfalto, o suficiente para que meus furúnculos transmitam dor a todo meu rosto. Deito no acostamento olhando um céu que não desiste de ser azul. Uma buzina prolongada avisa que estou muito perto da pista. O calor deforma o ar que se ergue da estrada. Esse mundo agudo não aceita cores agudas. As formas também perdem as certezas. O cheiro permanece, misturando relva, borracha e asfalto. Muitos instantes que fui estão amarrados a essa dor... não vou ficar parado porque não aguentaria mais beber água estagnada.

A dor se dispersa como a luz. Meus passos que prosseguiram agora param. Um reflexo luminoso mancha o chão verde-cinza, o sol projeta um brilho afiado. Desconfio de meus olhos e levo tempo para interpretar a cena. À beira da estrada, um homem persegue alguma coisa, a luz refletida é da lâmina do machado. Um cachorro escuro parece ter o focinho amarrado à cauda, e foge de seu executor, girando e avançando lentamente. As imagens misturam-se com o movimento e desconfio que o que acreditei ver possa ser algo bem diferente. As bolas de imagem recebem o sopro verde da relva, um galpão de madeira escura deduz claridade da paisagem. Mas conforme me aproximo, o diagnóstico continua o mesmo, o cachorro com a cauda amarrada no focinho gira e avança em sua luta desesperada pela vida. O implacável executor tem o machado levantado e é muito mais veloz que

o cão, apenas não desferiu o golpe porque parece querer acertar o exato ponto em que um segundo ataque não será necessário.

A cena é ansiedade. Uma corrente agônica aperta meus intestinos empurrando-os para cima. Respiro para não vomitar, a fumaça preta assoprada por um caminhão passa a ser bálsamo digestivo. Escolhi atravessar a pista e voltar para o centro de Lorena. Vinte passos. Vinte passos pensando em uma nova estação rodoviária enquanto acariciava alguns dos furúnculos que mais me incomodavam. Um grito e um grunhido são empurrados pelo vento, o ventre está intacto, a perseguição prossegue, e sei que continuará mesmo que a distância apague imagens, o cão seja partido ao meio e o machado escorra... vago... pendurado em algum canto.

Em meu conforto abafado do armário de vassouras da rodoviária, escutarei os dois gemidos, o daquele que realiza e o do outro, aquele que não mais acontecerá. Amarrado a cada uma de minhas feridas escutarei, sentindo nelas o baque seco da lâmina brilhante. Qualquer luz servirá como estopim para que o caminho circular mostre que só poderá ser interrompido quando quem o percorre não mais existir.

Escolho ser perseguido por uma imagem ao invés de por uma ideia. Dou meia-volta para ver como terminará a execução. Aproximo-me da chácara e percebo que o cão ainda vive e foge, o homem agora o persegue sem convicção. Parece que perdeu o ímpeto inicial. Nesse instante uma encruzilhada se abre, eu poderia modificar a história, cortar o laço colocado no pescoço condenado, mas não sei... do jeito que na lâmina reluziu aquela tendência, o fato já aconteceu. Ingênuo aquele que tenta mover o estabelecido. O embalo involuntário continua diminuindo a distância e percebo a expressão do homem que carrega o machado. Leio um misto de desânimo piedade e nojo. Nenhuma gota de gana assassina. Se quisesse realmente já teria terminado

a tarefa. A pedra histórica fraqueja, talvez eu consiga movê-la, enfiando minha existência dentro da fresta de um acontecimento que agora se mostra apenas, provável. Meus pulmões se enchem de um entusiasmo volátil quando pensamentos sobre tornar-me uma alavanca, que move possibilidades de lugar, transformando destinos em caminhos abertos, perfumam o ar que respiro. O encantamento só acaba quando meus olhos encontram os do cão.

Eles ficavam escondidos atrás de uma cauda curta que não conseguia disfarçar o focinho. Algum grave defeito de nascença unira a cabeça à traseira do animal. Os dois extremos de sua coluna dorsal uniam-se com a ponta de um polegar encostado na do indicador. Compreendi perfeitamente que a lâmina brilhante trazia piedade prateada. O homem carregava um peso do qual não se orgulhava. O bicho compreendia exatamente o que iria acontecer e resfolegava, tropeçando no pavor. Girava em círculos, avançando muito pouco, apesar de todo seu esforço. Trombava com obstáculos arrastando consigo partes de uma roseira, que o feriu com espinhos mas fixou uma flor aberta sobre sua pelagem escura.

A rosa decorava seu dorso, carimbando com colorido e movimento a poça verde da relva. Essa beleza saltitante tornou os passos do homem ainda mais lentos, e parecia aumentar ainda mais a vontade de sobrevivência do animal. Foram os ouvidos que esclareceram meu engano. Enquanto o bicho gira ele grunhe. Aquilo não era um cachorro. Pairava próximo o instante de preencher a fenda da história, eu só precisava abrir as mãos. Intervi. Assustei o homem que depois irritou-se e quando escutou minha proposta sorriu e agradeceu. Eu desejava carregar o fardo pesado que dobrava seus lábios para baixo. A lâmina do machado descansou no ombro enquanto ele apertava minha mão e passeava os olhos por meus furúnculos. Seus dentes amarelos esperavam por uma refeição carnívora isenta de culpas e suas pálpebras por

uma longa noite de sono tranquilo.

O porco defeituoso seria minha companhia. Logo que cruzei os limites da chácara reparei que o homem fechou o portão e passou uma corrente. Entendi aquilo como sinal de que não aceitaria desfazer o negócio. Chegando ao acostamento da estrada percebi como qualquer intervenção na história traz consequências múltiplas e sempre é muito mais fácil ser apenas um agente passivo. O animal continuava girando sem rumo e tropeçando em tudo que via pela frente. Quando passaram por mim consegui identificar que aqueles olhos não mais carregavam medo. Vislumbrei um horizonte que amarelava nuvens. Não quis reconhecer, lembrei-me da inconsciência dos animais, da falta de lógica e do instinto de sobrevivência. Mas meu ato de intervenção era repleto de consequências contra as quais eu nada podia, os giros do porco tornaram-se mais frenéticos porém menos estabados, decidi que aceitaria qualquer coisa que seus olhos quisessem dizer. Contrafeito, e com medo das consequências que daí poderiam advir, admiti que havia gratidão no ritmo daquele animal. A rosa que ficara presa a seu dorso, se desprendia lentamente da pelagem, até escolher jogar suas cores fanadas sobre o dourado que se derramava no acostamento.

O porco corria perigo porque não se importava com o movimento da estrada. Por duas vezes escapou de ser esvaçalhado por caminhões. Acidente que se acescesse, acabaria retirando de minhas costas o fardo que emprestei do homem. Apanhei nas mãos o acaso, que girava descontrolado pelo chão, e empurrei com força o porco para longe do acostamento. Depois que se levantou não parou de roer sabugos de milho que encontrou no chão. A luz caía rápida e não consegui enxergar direito, mas havia algumas outras porcarias que ele devorava, cortando tudo com grandes dentes brancos que reluziam vigor. A essa altura também comecei a sentir fome. Olhando para os dois lados da estrada os caminhos

escurecidos escondiam o dia e as perspectivas. Teria de dormir por ali mesmo e esperar a manhã seguinte para que as possibilidades se abrissem. O animal já acomodava-se no chão, e percebi que o sono era o único instante em que seu defeito de nascença não o atrapalhava, ao contrário. Nunca reparei em como dormem os porcos normais, mas me pareceu adequado que se enrodilhem como os cachorros para receber o calor do próprio corpo. Ele ainda não dormia mas suas pálpebras subiam e baixavam. O sonho dos porcos aleijados estava próximo.

Na ponta dos pés me afastei para que ele dormisse de vez. Quero aproveitar sua inconsciência para examiná-lo melhor. Apesar da luz fraca vou tentar entender como focinho e cauda se colam. Os olhos passam dois instantes fechados para novamente abrirem-se até a metade. Dou mais dois passos para longe, é quando me ocorre a ideia de continuar caminhando e abandoná-lo.

Um ruído estranho, ele dorme, me aproximo com cuidado. A curva dorsal faz com que tenha grande dificuldade para respirar. O ronco ultrapassa qualquer potência humana e não é somente a altura do ruído o que perturba. Ele é afogamento, luta inglória, aquele é o barulho que o adjetivo “inviável” faria se ganhasse vida.

Um poste de beira de estrada acende automaticamente, trazendo sombras de luz branca. Os olhos parecem serenamente fechados enquanto a garganta se move agoniada. Acostumado com o som, circulo o animal procurando entender sua anatomia. Afora esse defeito fundamental ele parece um porco saudável, pernas robustas, focinho e dentes bons, um ventre gordo e duas orelhas carnudas que se movem animadas, conforme o conteúdo do que ele sonha. O que mais chama a atenção é que entrada e saída de alimentos ficam lado a lado. Dependendo da posição ele corre o risco de engolir as próprias fezes. Sono misturado com fome encobre meus instantes com a manta puída do desânimo. Insetos inúteis perseguem a lâmpada que não vai a lugar algum.

Um carro solitário passa correndo, cheio de luzes que o separam da escuridão, todo envidraçado para que os visitantes não sintam temperaturas ou cheiros. Os pneus são outra camada isolante, que distancia do lugar onde estou quem está dentro daquela bolha móvel. O veículo some atrás de uma curva, mas para quem fica dentro dele é sempre luz. Para mim o escuro que sobrou aumenta minha fome. Essa não é a primeira vez que isso acontece, nas outras foi um sono inseguro o que resolveu. Dormindo gasto menos energias.

O grande ventre do porco poderia servir de travesseiro. Em dois minutos transformo esse pensamento absurdo em realidade. Os ruídos e o movimento não me incomodam, o que me transtorna é a força daquele maxilar e a facilidade com que aqueles dentes destroçam sabugos de milho. Ser triturado por alguém (ou algo) que você salvou de ser partido ao meio, não deixa de ser algo engraçado (para aquele que escuta essa história).

Acordo com o solavanco do porco se levantando. O sol já havia se erguido e só com o dia claro foi que percebi como eu e ele passamos a noite perigosamente perto da estrada. Dormi sem sonhos e acordei assustado com aquele bicho aleijado que já cedo não parava de grunhir atrás de comida e girar em torno do próprio eixo. Levei algum tempo até que minha memória aceitasse os acontecimentos de ontem e eu tivesse qualquer ideia sobre o que iria fazer. O bicho começou a girar no meio da estrada e a única maneira que encontrei para que ele voltasse para o acostamento foi acertando um chute em suas costelas. Ele ganiu, grunhiu, gritou e me mostrou os dentes em sinal de ameaça, mas acho que entendeu que não deveria ultrapassar a linha branca.

Enquanto estou parado sem nada decidir uma garoa fina começa a cair. O bicho parece que tem memória curta pois já não demonstra nenhuma mágoa pelo chute recebido. Gira tão rápido que, se fixo nele minha atenção acabo ficando tonto. Desvio o

olhar para o horizonte, encontrando o asfalto que aos poucos ganha tons prateados e vai serpenteando por entre colinas e placas de publicidade. Não há o que fazer a não ser prosseguir. Dou o primeiro passo e ele segue obediente, girando e às vezes tropeçando, mas sem ultrapassar os limites do acostamento. Caminho em ritmo lento e ele me segue esbaforido. Para cada passo meu calculo que ele dê seis. Quando paro para que descanse, ele permanece ansioso e continua andando. Se finjo que estou olhando a paisagem ou procurando me orientar, ele também não aproveita a oportunidade para repousar e continua girando sem sair do lugar. Desperdiçando energia.

Encontro uns restos de corda de náilon comprida o suficiente para amarrar o bicho e puxá-lo. Tento encontrar onde poderia atar a corda. Se amarrar no pescoço ele girará até se enforcar, nas pernas será um tombo atrás do outro. Desisto. Quando atiro a corda no chão ele tenta engoli-la, e só com muito custo consigo arrancá-la de sua boca. Esse animal é inviável.

Depois de caminhar um bom trecho é que me lembro que a fome não desistiu de mim e estou prestes a desmaiar. Lamento não ter os dentes e o estômago tão fortes quanto os do porco. Sentado à beira da estrada sinto a fraqueza transformada em desânimo. Ele devora grandes quantidades de capim, eu penso em fazer o mesmo. Antes de pastar empresto-me uma última chance, abasteco de energia minhas últimas reservas de esperança.

A distância engole meus pés, escutei o que olhos mentirosos disseram, o posto de gasolina demora a chegar, e só vem depois de uma longa subida. Minhas pernas fraquejam, o animal prossegue em seu ritmo, sempre resfolegante, mas agora com velocidade que já é superior à minha. Sua presença me irrita, toda essa energia sendo desperdiçada com voltas sobre o mesmo eixo.

Não basta minha própria figura, agora terei algo ainda mais espalhafatoso atraindo olhares. O anonimato me escapa. De lon-

ge, e mesmo com a garoa fria que cai, percebo os frentistas chamando os fregueses do restaurante e da loja de conveniências para assistirem ao espetáculo que se aproxima. A curiosidade é volátil, somos cercados por pessoas que após engolirem o aze-do saem fazendo cara de indigestão e protegendo os olhos das crianças pequenas.

Normalmente geri minha sobrevivência devorando bordas abandonadas, nunca fui o centro das atenções nem ataquei o prato principal. Nesse caso não sou o astro, mas um coadjuvante de peso, e essa novidade ainda é indigesta para que dela consiga extrair alguma vantagem.

Quando os turistas se foram, os funcionários do posto continuaram me bombardeando de perguntas sobre o porco. Respondi tudo. Sem esquecer da fome, mantive sempre um olho no restaurante. Quando a chuva apertou os frentistas foram para baixo da cobertura e fiquei sem saber o que fazer. Não tinha dinheiro, pensei em pedir restos de comida. Estava molhado, sujo, faminto e acompanhado por aquela aberração que não parava um segundo de girar. O chão do restaurante era de fórmica branca que refletia a luz fria do teto. As grandes bandejas de comida ainda fumegavam enquanto cinco ou seis fregueses terminavam suas refeições. Tudo parecia tão organizado e limpo que não tive coragem de entrar.

Descobri um latão de lixo que ficava sob o beiral protegido da chuva. Furando os sacos plásticos encontrei bocados de arroz, vegetais cozidos e alguns pães velhos. Misturei tudo e comi com vontade, imaginando que a fumaça que vi dentro do restaurante esquentava as sobras que eu devorava. Quando terminei a refeição uma paz carnal encheu meus olhos de lágrimas. Alguns grãos de arroz se prendiam a meus furúnculos, escorria por meu tubo digestivo uma paz que só terminava no estômago. A garoa cinzenta lembrava o açúcar fino que os confeitores derramam sobre os doces, e eu sou a criança que enche os olhos com as co-

res saborosas da vitrine.

Entregue à maré tranquila contemplo o animal, que devora as sobras do que comi. Sua língua poderosa suga para dentro uma pasta quase líquida de arroz. Seus cascos e dentes arrebenham furiosos os restos de sacos plásticos. A ânsia em tudo devorar o faz tropeçar e ressurgir do meio do lixo com cascas de bananas e ovos presos por todo o corpo.

Foi o cheiro que começou quebrando meus momentos de brisa, nenhum estômago conseguiria permanecer cheio com aquele odor. Parecia que o mundo todo fora aspergido com o extrato puro da podridão. Mas foi visual o que rompeu o calor gostoso do que se espalhava por minha nuca, derramando um balde cheio de pregos pontudos e salgados. O que vi fez com que meus furúnculos coçassem e meu rosto latejasse. O porco parara de girar, o que fazia com que eu pudesse fixar melhor a imagem que enxergava e compreendesse o que assistia. Ele defecava e partes de suas fezes atravessavam sua boca semi-aberta. Restos delas emporcalhavam todo o contorno de seu focinho. Terminada a operação ele recomeçou a girar sobre o próprio eixo com velocidade maior que nunca.

O miserável estava aliviado, mas transmitira para mim o desejo irrealizado da satisfação, que sempre vem coroado por uma frustração atávica. Com cuidado para não fazer barulho consegui me afastar sem que ele se desse conta. Encontrei ali um banheiro e tranquei-me no cercado sanitário, permanecendo em silêncio absoluto. Os cheiros que encontrei eram alfazema se comparados aos que sentia, mas meu fardo maior era visual. Precisava me livrar daquela imagem que anulava em mim desejos legítimos. Os minutos passaram sem que escutasse qualquer ruído.

Meu pensamento desviou caminhos, e estou conseguindo refletir sobre o que considero ser o final enfiado no meio do início. Processo perigoso que acarretaria o término de tudo o que

acontece, e a falta de começo do que ainda pode ocorrer.

Olhando pela janelinha vejo um ônibus embarcando pessoas, no rosto delas não descubro sinais de espanto. Talvez ele tenha ido embora. O barulho do motor se distancia e presto atenção, tentando encontrar o menor ruído suíno.

Mais um espelho me encara de frente. Dessa vez espinhas e furúnculos não passam de detalhes. O que importa são meus olhos e a região ao redor. Escuto gotejarem pequenas quantidades de receio, que empossam minhas íris aglomerando cores que sempre encontrei nas madrugadas abandonadas de prédios solitários. Descubro sombras e tonalidades que só vi inscritas em vãos por onde um vigia sonolento e barrigudo caminha entediado, e depois de não gostar do que vê, decide apagar a luz achando que seria desperdício mantê-la acesa. Não sei o que fazer, mesmo porque, qual seria a solução para uma cor?

Ele me aguarda na porta do banheiro, percebo que só começa a girar quando me vê. O que fazer senão prosseguir? A chuva parou e as pessoas circulam pela entrada do restaurante e da loja. Crianças apontam para nós, eu abaixo a cabeça e retorno à estrada, ele me segue. Quando olho para trás vejo um menino girando até sua mãe puxá-la pelo braço.

Já a uma distância confortável do posto decido desafiá-lo. Sento-me numa encosta para assisti-lo. Como previa ele gira sozinho até me fazer tonto. Suporto o desconforto até que se canse. Extenuado, sua língua vermelha quase lambe o chão. Vejo o suor gotejando por todo o corpo, inclusive pelos olhos. Ele dá uma piscada longa, mistura de sono, cansaço e desânimo. Se fosse humano esse seria o momento de perguntar. Questões sem resposta que gostaria de fazer a mim mesmo. Seus olhos bovinos parecem não conhecer perguntas, por isso são eles uma aceitação plácida, resignada e lamentosa. Adjetivos que se dissolvem numa inconsciência que desperta em mim porções de inveja. Nossa batalha

prossegue, não tiro dele meus olhos inquiridores e ele continua respondendo que não há o que ser dito, pois já que não compreende minhas questões, elas não têm o menor sentido. Sinto-me inferiorizado e ele aproveita-se de minha fraqueza para girar duas ou três vezes. Como numa luta de boxe, procuro reagir com mais energia logo após sofrer um golpe. Faço meus olhos encontrarem-se com os seus. Ele continua usando a técnica das longas piscadas e pela primeira vez desvia a cabeça. Sinto que começo a equilibrar a luta. Procuro não perder de vista seu olhar, tenho a impressão que enxerguei dentro dele uma ponta de alheamento. Se isso se confirmasse essa seria a porta de entrada para uma consciência apenas encoberta pelo peso da animalidade. Um soco certo encerra a luta em favor de meu adversário. O ruído de um ronco agoniado pela falta de ar deixa meus olhos sem caminhos, turgidos de perguntas insossas, prontas para decomposição. Ele mexe as patas como se quisesse informar que já navega o mundo dos sonhos dos porcos. Sinto-me como alguém que estende a mão para cumprimentar, mas não é correspondido. O ruído de um caminhão desregulado encobre seu ronco.

O ritmo de quem atravessa uma colina distante comandou o que vivi. Algum tempo apático aconteceu enquanto a fumaça dos caminhões temperava de cinzento a fronteira do verde com o horizonte. Traços de memória se misturaram a instantes alheios, gordos de não sei nada. O mundo eram os outros enxergados de longe, e entre os estranhos eu via aquele que um dia fui. Abstêmio, enxerguei anestesiado o que a grama deveria transmitir. O nervo vital era ressecado pelo céu nublado, que pesava poderoso, esmagando a parte que em mim levanta a espada contra a vida. Era todo peito frágil, carne mole flácida esperando golpe daquilo que não sou.

Enquanto isso, o porco movia cascos, pálpebras e focinho. Roncava parecendo tossir pedaços da história que enxergava

com aqueles olhos fechados. Não nego que o invejei. Quis que a cortina se levantasse para que a peça logo começasse. Fosse o que fosse. Senti o peso dos refletores vagos apontando para algo que ainda poderia não ser.

Os ruídos mostravam que ele participava de algo, mesmo que não tivesse consciência disso. Mergulhava em oceanos de águas coloridas e percebia suas patas sujeitas às correntes submarinas. Enquanto notava a substância líquida em que estava mergulhado, esquecia-se da sutil fronteira nublada, outro nome da pergunta cinzenta que pairava sem respostas no horizonte.

Como suas dúvidas são menores que minhas certezas, sinto-me refém de suas forças. Deixando revoltas as águas oníricas e atracando no porto da consciência, o porco se levanta indeciso. Assume a posição que sua coluna vertebral permite, pisca os olhos reconhecendo a nova luz a que tem direito. Sinto-me pequeno perto dele, acho que percebe o poder que exerce sobre mim. Gira apenas duas vezes em torno do próprio eixo e toma uma direção. Acho que notou que, se quer que eu obedeça, precisa decidir. Talvez o corpo dele não esteja preparado para acompanhar seu desejo, o que faz com que as patas atropelem-se derrubando-o conforme avança. Apesar das quedas, continua trilhando um caminho que parece coerente. Duas gotas de sangue escorrem por seu focinho até mancharem a terra seca. Meus passos lentos e miúdos multiplicam-se em número, alguma distância já ficou para trás. Descemos até a estrada e seguimos em sentido contrário retornando para Lorena.

Uns carros reduzem a velocidade quando enxergam o porco aleijado. Um homem pergunta se eu não queria vendê-lo. Sem saber o que responder acabo dizendo que não me pertence. Não sei o porquê, mas perdi a paciência que tinha com o animal. Seu ritmo cada vez mais lento reduz a extensão de meus passos. A estrada, por outro lado, parece maior que nunca. O mormaço

começa incomodar minha nuca e a sede me engrossa a saliva. Continuamos atravessando tudo aquilo que precisa ser atravessado. O porco para e bebe de uma poça d'água. Faço o mesmo depois que ele termina. Alguns furúnculos de meu rosto têm menos paciência e começam a reclamar dos efeitos do sol. Um pouco de água consegue distraí-los de suas reivindicações. Nos aproximamos do trevo de entrada de Lorena. Apenas uma leve curiosidade é o que sinto, nenhum desejo apaixonado de que ele opte por determinada direção. Acabamos decidindo pela rua que conduz ao centro da cidade. No fundo apostava que o porco faria isso. Novamente em zona urbana, despertamos olhos que estavam ocupados com muitos afazeres diferentes.

Algumas pessoas se aproximam querendo conversa e chego a achar estranho que dirijam suas perguntas àquele que é guiado e não ao que guia. Respondo a todos com aquilo que tenho dentro de mim, e eles sempre saem parecendo que não entenderam o que eu disse. Uma velha faz o sinal da cruz e fecha a janela por onde nos observava. Duas crianças sorriem enquanto imitam o jeito de andar do porco. Quando percebo estamos novamente ao lado da rodoviária.

Uma cidade são todas. Reconheço as mesmas pessoas que via no centro de Lins, os mesmos olhos cheios de “pelo menos não sou como eles”. Os pequenos negócios: bares, lojas de bugigangas, roupas de terceira categoria, lanchonetes sujas de fritura, tudo se encaixa como peças de um quebra-cabeças, onde gente de todas as formas, ilustra o grande papelão que se constrói sem deixar de se destruir.

O porco derruba no chão uma lata de lixo e devora sabugos de milho vazios, cascas de ovos e tomates podres. O cheiro atrai o dono da casa que teve o latão virado. O homem leva algum tempo para compreender que não eram dois animais que emporcalhavam sua calçada. Agride o porco com um violento pontapé

que o faz ganir de dor e girar ao redor de si mesmo. Depois de vê-lo apanhar, muitas coisas passaram por minha cabeça, nenhuma permaneceu. Depois que a dor passou as lembranças não o constrangiam, porque ele virou outro latão, não muito longe do primeiro, e devorou todo o lixo que pode sem nada temer. Nesses instantes em que ele aspirava com o focinho restos daquilo que não pode mais ser identificado, tenho de confessar, não sei bem porque mas senti uma grande inveja daquele animal. Alguém que imagino ser o dono da segunda casa, aproximou-se dele reparando na sujeira que fazia. Mostrava algum descontentamento no rosto, mas essa insatisfação era suplantada por outro sentimento bem mais forte, que não consegui identificar o que era. Depois da disputa interna, o homem apenas voltou para dentro de casa com passos lentos e fisionomia conformada.

Por todos os lados estalavam projeções de luz, manchando cantos do dia que parecia um jovem precocemente envelhecido. Essas luzes assentavam na realidade um mundo oriundo da imaginação. Eram enxeridas, vulgares e tediosas, escorriam sem convite pelas esquinas menos reais do mundo. Banhavam com seus cristais dourados o paraíso desesperado dos dias. Eu e ele éramos os náufragos desse mundo, não pertencíamos ao quebra-cabeças e também não conseguíamos arrumar serventia para essas luzes, que só incomodavam nossos olhos. O porco parecia finalmente saciado, seu focinho, que estava coberto por todos os tipos de sujeiras, indicava sonolência. Pouco tempo depois roncava de boca aberta sem se incomodar com as pessoas que se acomodavam ao seu redor e tentavam compreender sua anatomia. Nessa altura foi meu estômago que começou a roncar com força. Olhei para ele e vi que o bando de curiosos ao redor exprimia algo em comum com suas expressões faciais. Não consegui definir o quê, mas talvez fosse alguma espécie diferente de fome. Também sobre meus traços deveriam pesar contornos

nervosos desenhados por uma mão ansiosa, que em um segundo momento encheu de sombras cinzentas os limites de meu rosto.

A fome que num primeiro instante enche de energias aquele que deseja saciá-la, empresta ao possuidor, em uma segunda fase, um desânimo tão pleno que pode até se tornar vício. Já possuindo alguma intimidade com ela, estranhei muito quando meu corpo pouco tempo permaneceu na primeira etapa e logo mergulhou na segunda. Caminhei alguns passos vazios até um degrau onde me sentei e de onde observava as pessoas ao redor do bicho. Estratégias amolecidas atravessavam meus pensamentos, nenhuma delas estava lá para saciar minha fome. Eu sei disso, e mesmo assim permito que as ilusões frutifiquem. Descubro que meu ombro pode ser um travesseiro quase confortável, e quando acordo vejo o porco sentado no chão e aceitando o calor do sol. Quando vê que acordei ele gira três vezes e avança em minha direção. Empurrado por um hábito levanto-me e caminho. A tontura não se transformou em um grande incômodo e ainda traz consigo alguma quebra de cotidiano. Minha velocidade agora parece perfeitamente ajustada à sua marcha descontrolada. Sem muita iniciativa para contradizê-lo, reparo que é a segunda vez que passamos em frente do mesmo ponto de referência. Percebo um grande latão de lixo, aquela pode ser minha última alternativa. Um gordo comerciante pendura algumas roupas de criança no teto da loja. Ele usa uma vara de madeira que o auxilia a engatar o cabide nos ganchos presos na parede. Conforme a loja fica para trás imagino aquelas roupinhas cheias de carne avermelhada, que não precisa nem ser lambida pelo fogo para ser engolida. Todas as roupas penduradas estão recheadas por filés que me farão retornar ao período em que era eu quem determinava meus caminhos.

A fome engana. Esqueci o porco e fui verificar a consistência das carnes que o homem pendurara no teto de sua loja. Aproximando-me percebo que o senhor que eu avistara era magro, mas

eu o havia enxergado gordo. Ele também acabara se tornando apenas carne saborosa pronta para ser devorada e inverter a direção para onde eu me encaminhava. Todos os sentidos giravam desordenados. Não sei se meus olhos espelhavam o que enxergava, mas acho que sem querer amedrontei os funcionários da loja. Sem saber o que pedir primeiro acabei me calando, quando já estava indo embora uma moça chamou-me e ofereceu o resto da comida dos empregados. Engoli uma generosa porção de arroz, um ovo frito sem a gema, uma mistura de macarrão com batatas fritas amolecidas e dois pedaços de tocinho. Quase por encanto minhas energias foram restabelecidas, lágrimas de satisfação enxeram-me os olhos. Achei que deveria controlar o rumo que minha vida tomava, e não apenas abandoná-la ao desejo dos mares, como sempre fiz. Depois de engolir o último bocado de comida tentei amarrar a origem alimentícia do tocinho com essas modificações que queria implementar em minha vida.

Com minhas pálpebras querendo se fechar enxerguei o porco, que me encontrara sentado no meio-fio e parecia contente por isso. Depois de dois ou três giros tomou uma direção e eu o acompanhei desistindo de meu sono. Ainda fuçou algumas latas de lixo mas não quis derrubá-las. Nas calçadas quem não parava para observá-lo atravessava a rua com medo. Alguns homens que carregavam um caminhão distraíam-se com ele deixando parte da carga empilhada sobre a calçada. Eram cachos de banana, sacas de batata e algumas caixas com galinhas vivas. Roubei uma banana sem que ninguém percebesse. Lembrei-me de meus planos de mudança, e quando estava prestes a levar um cacho embora percebi que oportunidade maior se oferecia no fundo da carroceria do caminhão. Enfie-me atrás das caixas de galinhas vivas e aturei bicadas até que os trabalhadores fechassem as portas do baú.

Uma nova cidade me esperava. Sei que elas são todas iguais e que pouca coisa muda, mas dessa vez poderia ser diferente.

O porco ficou para trás, para nunca mais. O tempo dissolveria minhas recordações e logo eu teria dúvidas sobre como era sua deformidade e de que maneira conseguia se mover. As galinhas eram minhas novas companheiras e seu cheiro parecia perfume se comparado ao do porco. Suas caixas estavam amarradas à carroceria do caminhão, já o resto da carga se movia de um lado para o outro conforme as curvas da estrada. Sentei-me no topo de uma pilha de sacas de batata enquanto me fartava de bananas. Fui jogado no chão e uma mistura de sacas e cachos me soterrou. Com muito custo consegui sair de baixo da carga, meu ombro doía, uma fratura seria sinal de que a nova vida que eu iniciava poderia ser apenas uma vida pior do que a que vivera até então. A dor não era insuportável mas persistia de maneira irritante. O caminhão trilhava uma estrada sinuosa que começou a embrulhar meu estômago. O ar escasseou e deitei-me sobre um amontoado de carga, o mal-estar não permitia que eu temesse novas quedas. O enjoo tomou conta de cada ideia e poro que de mim exalava, e que por mim suave. Aproximei-me das galinhas pois lembrei-me que elas também respiram. Não pareciam perturbadas pelo movimento do caminhão nem pela falta de ar. Eventualmente algum cacarejo indicava que elas viviam. Essa falta de companheirismo me fez cambalear até o outro lado da carroceria, onde descobri uma pequena fresta que facilitava minha respiração. Achei que isso aliviaria meu enjoo, mas esse ar viciado de estrada terminou de arruinar meu estômago. Vomitei até ficar fraco. O cheiro logo se espalhou por toda carroceria e pareceu perturbar também as galinhas que reclamavam, cacarejando mais que o normal. Eu descobrira uma maneira de vivenciar minhas entranhas, o que forçava meu estômago a querer continuar expelindo, mesmo já estando vazio. O calor aumentou e o arrependimento me fez odiar o desejo de mudança. Só o que queria era que aquele caminhão parasse para que eu recomeçasse minha vida do jeito que

sempre foi. Ainda sacolejei mais algumas horas dentro da carroceria, o que me colocou num estado intermediário entre o sono e a vigília. Quando finalmente ouvi o barulho dos freios levei um bom tempo para perceber que tínhamos chegado. Escutei vozes destrancando a porta, eram conversas superficiais e risadas tolas. A princípio pensei em me esconder no fundo da carga e aproveitar alguma distração dos homens para sair sem ser percebido. Foi o conteúdo do que diziam que fez com que eu perdesse o respeito por eles e assim que a luz do dia molhou a carga, saí caminhando como se estivesse desembarcando de um ônibus de passageiros. Assim que me viram os homens deram um grito de espanto, depois disso escutei uma risada vulgar e uma voz me chamando. Dei as costas sem temer qualquer represália. Aquelas vozes não tinham capacidade para realizar nada além de dirigir o caminhão entre dois pontos pré-determinados.

Uma nova mesma cidade se espalhava ao meu redor. Dessa vez não tive dificuldades para encontrar cinco carros com a mesma placa: Itapetininga. Fato que, por sinal, pouca relevância teve. Começava a se formar dentro de mim algo que antes nunca existira. Meus desejos de mudança estavam sendo contemplados, mas a semente que florescia era tão colorida como uma revolta. Um vermelho velho empestava os ares oriundos de minhas narinas, e eu conseguia sentir com a boca o gosto degradado que vinha de meu interior.

Para que tanta gente? O que anima o açougueiro a continuar cortando seus bifes e o palhaço a seguir pintando o rosto? Os dias entulham as pessoas de pacotes vazios, e elas se orgulham da quantidade de embrulhos coloridos que carregam.

Feita essa constatação percebi que apenas ela pouca utilidade teria para mim. Seria necessário amarrá-la a objetivos práticos. Eu estava no centro da cidade e precisava pensar em sobreviver, deixaria a descoberta para mais tarde.

Recebo um panfleto anunciando móveis para bebês. O tipo que distribuiu os folhetos faz tudo de maneira tão mecânica que os papéis poderiam estar anunciando tanques de guerra, esquilos azuis ou fadas encantadas, e ele nem perceberia como passa seus dias. E assim me parece quase todo o resto, vasos vazios que poderiam estar sendo enchidos com óleo de oliva, petróleo ou ácido sulfúrico. O que importa não são os frascos nem os líquidos, mas a combinação que realizam dentro de um conjunto do qual desconhecem participar.

O panfleto diz que a loja está logo ali “apenas 50 metros”, não sei porque vou até lá. Encontro uma vitrine cheia de berços azul claro e rosa pálido, móveis, almofadas, cadeiras para amamentação, brinquedos e muitas outras utilidades para recém-nascidos. A luz que banha esses objetos é suave como a que invade a janela de um apartamento e mancha por alguns instantes de dourado um móvel feito de madeira escura. Dentro da loja um jovem casal discute a compra de um berço, ela deve estar no oitavo mês de gestação e ele não tira uma das mãos de sua barriga. A pele de ambos é leitosa e drasticamente perfeita. A vendedora, que deve ser dona da loja é uma mulher alta e bonita, em seu sorriso plácido parece não haver qualquer desejo de receber algo em troca pela mercadoria que irá fornecer. Ela cheira ao verbo “agradar”, repetido muitas vezes, tantas que ela nem percebe que escuta isso todos os dias, o tempo todo.

O carpete da loja é um capítulo à parte, felpudo e lilás, serviria como depósito de meus melhores sonhos, dormindo sobre tanta suavidade encontraria diariamente as respostas para aquelas perguntas que ainda desconheço. Sol chuva e frio não seriam obstáculos para meu sono caso pudesse dormir sobre tal carpete. Cobriam-no alguns tapetes onde ficavam colocados os berços. O pequeno ser de carne seria envolvido por tantas camadas de proteção que se tornaria imune a qualquer espécie de perigo. En-

quanto aquele berço tivesse utilidade, até mesmo o mais eficaz e implacável dos devoradores estaria impedido de entrar. E teria até seu poder invertido. O que normalmente existe para demolir e degradar agora serviria para desabrochar. Em seu casulo inexpugnável a criança estaria protegida contra qualquer intempérie, a seu lado, biologia e sociedade guardariam seu sono. De seus risos e choros sempre haveria pessoa que extraísse graça.

E eu, que sou o contrário de tudo isso, que durmo sobre tábuas cheias de farpas, e conto em meu rosto centenas de buracos por onde o tempo pode entrar sem esforço, e aos poucos alargá-los até que... eu que sou esquecido por tudo o que existe, um detalhe desdentado numa foto amarela, eu, que de tão pouca importância que possuo, acho uma incoerência usar tantas vezes o pronome “eu”. Então continuo dizendo que aquele (anteriormente conhecido por eu), ou aquilo, consegue rir ironicamente quando se imagina trabalhando nessa loja de móveis para bebês. Meu sorriso foi tão inspirador que transformou em realidade o que imaginei (pelo menos o pedido de emprego). É claro que não consegui, mas a simples tentativa já valeu para que algumas camadas encobertas, mostrassem seus seixos brilhantes se tornando disponíveis para futuros reflexos.

Olhando para cima vi o belo rosto da moça alta perder o sorriso. A placidez inicial deu lugar a um meio termo amarelado, sem graça, dentes semi-expostos e maçãs do rosto relaxando a musculatura. O processo continuou... os dentes sumiram, os lábios apertaram-se e por uns poucos instantes ela pareceu completamente neutra. Nesse momento eu já havia me esquecido que não queria ser tratado por “eu”. Ela se desmontava diante de mim, logo eu teria todo o direito ao uso da primeira pessoa do singular. Depois do primeiro intervalo seus lábios viraram-se para baixo, seus braços se cruzaram e uma lufada de ar indicou que ela não queria mais perder tempo com meus pedidos e ex-

plicações. Para mim aquela experiência já estava de bom tamanho, mas antes que saísse aconteceu algo que me desconcertou. Depois que comecei a falar, ela, não sei se por nervosismo, apANHOU um brinquedinho de uma prateleira, e enquanto me escutava apertava-o com uma das mãos. Mesmo de braços cruzados continuou dobrando com o polegar a parte feita de plástico flexível. Nossa conversa se encerrou com o barulho da quebra do brinquedo, com os pedaços fazendo um som abafado quando caíram sobre o tapete confortável. No exato instante do estalo sua fisionomia ganhou traços de um desespero solitário, o chão da loja abriu-se em fendas vulcânicas, a temperatura subiu para sessenta graus e os gases tóxicos prometiam torturar todos os seus pulmões antes de destruí-los. Mas depois desse instante, como que envergonhada pelo ato de destruição de suas próprias mercadorias, ela reimplantou o sorriso plácido com o qual eu a vira atender o casal de compradores. A serenidade reinava e ela me pediu para que dentro de algum tempo eu voltasse a procurá-la pois talvez no futuro pudesse surgir uma vaga.

Despedi-me educadamente. Catei os restos destruídos do brinquedo e entreguei-lhe os cacos em mãos. Ela colocou-os sobre uma mesa de vidro e me disse que depois iria colá-los. Quando saí da loja eu tinha uma certeza “eu havia contaminado-a”. A unanimidade não mais reinaria naquela pequena ilhota lilás. As pernas dos berços passavam a estar sujeitas a fraturas, e o carpete fofinho não seria suficiente para amolecer o choque dos frágeis crânios infantis. Mas não foi só desconfiança o que injetei em sua vida (na verdade esse poder de modificação era novidade pois nada em mim mesmo consegui transformar), o que sei é que ela nunca mais será tão absoluta em seus sorrisos plácidos.

Lembrei-me do porco, e imaginei como aquela mulher reagiria a uma visita minha acompanhada por ele. Seu corpo deformado girando descontrolado pelos tapetes macios, suas patas

casquadas manchando almofadas com excrescências, seus tropeções emporcalhando de sangue a madeira laqueada dos berços. O porco era fardo pesado demais para que ela conseguisse encerrar a conversa com seu sorriso tranquilo. Mas talvez ele conseguisse modificar a mulher muito mais do que eu fiz.

Continuei caminhando até chegar a uma rua comercial cheia de lojas de roupas e sapatos. Como hoje é sábado parece que o lugar é ponto de encontro da sociedade de Itapetininga. Famílias inteiras passeiam, enquanto as mulheres olham as vitrines os homens conversam animados. Ziguezagueio por entre trechos tediosos, tudo o que cada um deles diz parece complementar o que o outro, que está distante vinte metros, acaba de afirmar. A soma das conversas constrói uma grande ladainha vazia, texto que também deve se encaixar dentro de um esquema maior, que nos embrulha às vidas. Parece que a corda que a tudo amarra é de péssima qualidade, e romper-se é parte de seu cotidiano, para que então, aqueles que estão perto do ponto de ruptura, acabem acreditando que são esquinas do mundo e deem um jeito de atarem novamente as duas pontas para que eles mesmos não fiquem fora do grande embrulho. Um sistema como esse tem sua força na fraqueza do conjunto e na falta de visão das individualidades. Contaminados pela miopia cada um encarrega-se de empenhar suas melhores forças na amarração dos pontos frágeis que compõem a grande corda. Esse processo renova as fibras e dá cada vez mais firmeza àquele que tudo ata. Mas como todo o resto, esse sistema não escapa à lei que planta sementes da destruição dentro dos frutos mais frondosos de cada árvore. Quando todos os fracos fortalecerem a corda, ela acabará perdendo seus pontos vulneráveis, as fibras estarão tão bem entrelaçadas que a falta de rompimentos prenderá os fracos em um lugar fixo. Sem poder se mover e nem acreditar que possuem força e são especiais, eles se entregarão às suas fraquezas, e a corda (agora perfeita), não terá

mais o que amarrar, permanecendo sem função e começando a entregar-se ao abandono e a deterioração.

Alguns vendedores se colocam nas portas das lojas oferecendo promoções e falando de seus produtos. Aqui também o que falam se parece, “cliente”, “especial”, “sobras”, “aproveitar”, “última oportunidade”. Tentei encaixar também esses propagandistas dentro do esquema que havia inventado, mas desisti. Devo me preocupar com meus furúnculos e estômago, que está sempre roncando.

Ele me olha nos olhos. Há um anão vestido de palhaço que se ocupa de divulgar uma loja de sapatos. Na mão tem um megafone e sobre o peito e as costas duas placas que oferecem sapatos novos pelo preço de usados. Chega a me constranger a maneira como ele me olha. Desvio o rosto mas a curiosidade puxa-me novamente na direção de seu pequeno corpo. Caminho até o inevitável, sua cabeça não alcança meus ombros, ele é gordo, seus membros desproporcionais, o nariz é grande e feio. Não sei sua idade, mas seja qual for estou diante de um velho. Sem saber o que dizer ensaio três ou quatro palavras vazias. Sem respostas o olhar dele prossegue me devorando. Abaixo o rosto para depois olhar para outro lado e ir embora, ele me surpreende com uma voz de tenor decadente. Pergunta se eu gostaria de ficar em seu lugar. Explica-me como funciona o trabalho e qual o salário. Acompanho-o até a loja, três minutos de conversa até apertar a mão de meu novo patrão. Enquanto me passa a roupa de trabalho, o anão conta que o serviço não é ruim, que conheceu muita gente interessante (nesse momento olhei para baixo desanimado, o que significaria a palavra interessante para ele?), e que só pediu demissão porque queria descansar em seu quartinho, assistindo televisão por um longo mês, até que seu dinheiro acabasse e ele encontrasse outro serviço parecido em uma cidade qualquer “anões nunca ficam desempregados” foi o que ele me disse, a

última frase foi “é pena que você seja muito alto”.

A roupa, que ficava muito larga na cintura, terminava pouco abaixo de meus joelhos. Era uma espécie de macacão colorido e estampado com estrelas e cornetas. Sem experiência em maquiagem levei muito tempo pintando o rosto. O patrão bateu duas vezes na porta do banheiro, os clientes estavam indo para outras lojas. Sem saber se maquiava também os furúnculos ou os contornava, optei pela solução mais rápida e dolorosa, espalhei o pó branco por todo o rosto e suportei de olhos fechados o ardido que envolveu minha cabeça. Circulei meus olhos com um risco escuro de lápis e avermelhei os lábios e bochechas. Antes que o patrão batesse uma terceira vez na porta, dei-me ao luxo de perder alguns instantes me contemplando no espelho. Foram momentos vazios de respostas. Lembrei-me da moça alta, dos conversadores de rua e de todas as condenações que impus a tantas pessoas. A imagem que eu via era a de um sentenciado a prisão perpétua. Atravessei o longo corredor da loja e recebi os primeiros olhares, que carregavam uma mistura de curiosidade, estranhamento, e devo admitir, piedade. O céu azul lembrou-me que, para qualquer prisão há sempre a possibilidade de fuga. Percebi logo de cara que eu chamava mais a atenção que o anão. Talvez pelo fato de eu não ser um anão, e também estar abaixo da estatura média, eu não me enquadrava em nenhuma categoria, e isso despertava um grande interesse principalmente nas crianças. Elas olhavam curiosas e eu escutava a reprimenda de suas mães, quando alguma delas me apontava com o indicador e perguntava porque aquele palhaço tinha o rosto todo pipocado. Resisti bravamente à provocação de alguns adolescentes, mas isso obrigou-me a engolir um ódio com o qual não estou acostumado, e que fez com que eu vomitasse a primeira refeição que fiz com o adiantamento do salário que recebi. Mas não posso só reclamar, meu patrão me trata com respeito e me paga o suficiente para

eu alugar um quarto e fazer três refeições diárias. Nas minhas horas de folga deito-me por longas horas assistindo televisão ou dormindo. Quando saio procuro evitar a região onde trabalho, vou para algum bairro onde ninguém me conhece, quase nunca paro de caminhar para não chamar a atenção de ninguém. Outro dia de tanto que andei senti uma fisgada na panturrilha e parei em uma lanchonete para tomar um suco. O domingo frio estava coberto por uma densa camada cinzenta de nuvens. A luz de chumbo se espalhava por olhos, bocas, emprestando ao ar um peso que impedia qualquer um de realizar movimentos bruscos. Um painel luminoso com os preços do cardápio tentava em vão molhar de branco o que parecia que demoraria para deixar de ser cinza. Nesse clima introspectivo, depois de me distrair com alguns detritos da laranja, que flutuavam no suco como barquinhos sem rumo, perguntei-me o quê, afinal de contas, era ser um palhaço? Gota colorida que flutua n'água transparente até se dissolver. Resposta simplória para perguntas complexas. Palhaço é cachoeira, não é água nem pedra. É acontecimento. Florzinha plástica que finge verdade, fruta caduca que entretém as que vão amadurecer. Caminho na busca de uma dignidade, cuja existência nunca provou ser real.

Os sanduíches são servidos com bocejos. Uma televisão atormenta um canto da sala com luzes e sons tolos. Dou as costas para esse mundo, a segunda-feira me aguarda, espera a todos com suas garras mecânicas e seus relógios despertadores. Hoje não sou palhaço. Ele dorme em seu mundo imaculado de gargalhadas. Não existe, para de repente, voltar à vida. Declinam as luzes de um domingo moribundo, sorrisos inocentes escolhem o que o cardápio tem de mais doce. Meu canudo procura os últimos detritos da laranja, os barcos perderam seu oceano. O palhaço sem corpo ri do barulho que faço. Quem é ele? Lembrança da luz inocente de uma manhã, recordação que acontece no instante

em que a noite está mais escura. Gosto desaparecido dos sabores de infância projetados sobre um insosso prato de arroz com feijão. O palhaço atravessou séculos amarelados e outros que ainda são brotos escondidos dentro dos galhos de humanidade.

O domingo escuro engole o mundo, as pessoas são fetos sonolentos embriagados por um líquido anestésico. Portas, lojas, vozes, feiras e freiras dormem. Não descobri o que é o palhaço nem ao menos entendi o que ele não é. A força noturna de uma brisa anônima balança as folhas de uma árvore despercebida. Ali acontece algo diferente. Frutas amadurecem até se espatifarem no chão e serem sugadas por uma terra sedenta por sobras. As folhas tremulam até amarelarem-se e flutuarem para que a terra... acontecem folhas e movimento e eu aconteço percebendo-os. Amanhã, quando o palhaço voltar a viver através de mim, deixarei de existir como aquele que percebe as folhas. As recordações de hoje estarão enterradas na tumba dos domingos. Mas pode ser que assim como um palito de algodão doce, que depois de consumido ainda guarde uma crosta de açúcares que irão remeter quem o vê ao sabor já experimentado por alguém, pode ser que a tumba dominical tenha a boca muito pequena e não consiga engolir o lento movimento das folhas de uma árvore que ninguém percebe. Talvez seja esse o segredo da sobrevivência do palhaço, é figura por demais pontuda para caber no buraco escuro onde se deposita o esquecimento, valendo-se disso ele continua acontecendo em circos, praças, como propagandista, arrancando sorrisos daqueles que pouco conhecem da vida, e por isso não tem preconceitos contra o que dela guarda apenas os açúcares.

Pago minha conta e me despeço da árvore. A brisa parece ter adormecido junto com as folhas e agora só falta eu desistir desse pedaço de tempo falecido. Meu quarto quente aguarda um sono pesado. Escondendo-me atrás da morte passageira para que na segunda-feira reencarnem todos os dias que até hoje fui.

Na quarta-feira eu só pensava no domingo. Voltar a não ter nada o que fazer. Parece que um dia e meio de trabalho foram suficientes para esgotar minhas expectativas. As reações do público não mais me surpreendiam, a criança assustada, os adolescentes brincalhões, a indiferença dos adultos. Ensanduichado por duas placas publicitárias, eu tentava distribuir os folhetos que poucas pessoas aceitavam. De vez em quando repetia com o megafone o que estava escrito nas placas. Faltava entusiasmo em minha voz e não acredito que ajudei muito nas vendas.

Se palhaço é cascata, não creio que eu fosse um deles, era apenas alguém fantasiado sendo usado para fins comerciais. Estava mais para uma poça d'água estagnada. Da mesma forma que cicatrizaram-se minhas esperanças, anestesiou-se a dor que sentia quando alguém ria de mim ou fazia algum comentário maldoso. As vozes eram apenas ruídos urbanos. Quando meu patrão não via, eu jogava parte dos folhetos no lixo, gostava de ver seu sorriso quando me perguntava se eu tinha distribuído tudo. Aquele homem sonhava, e eu não sabia muito bem como lidar com gente assim. Quanto mais eu desejava o domingo mais ele parecia fugir. O tempo se esticava enquanto eu caminhava de um lado para outro carregando minhas placas. Eventualmente o patrão, procurando um sorriso de cumplicidade, vinha me comunicar sobre alguém que tinha feito uma compra acima da média. Eu esforçava-me para empatar com ele em entusiasmo.

A loja, ao contrário da outra em que trabalhei, era muito organizada. As prateleiras esquadrinhadas separavam de um lado os sapatos masculinos e do outro os femininos. Cada nível continha um tipo de calçado e nos quadrados, uns aos lados dos outros, ficavam as numerações de cada par diferente. Havia também um depósito muito limpo, com as pilhas de caixas assinaladas no chão com as especificações de cada tipo de sapato. A limpeza e organização poderiam até me lembrar a loja de móveis

e acessórios para bebês, mas havia aqui algo bem diferente. Aqui flamejava uma energia solta. O patrão expelia um desejo de espalhar seu negócio por outras cidades, engolir os comerciantes com seu trabalho e desejo, propagar sua mensagem de simpatia, ser útil, rico, gerar empregos, tornar-se um exemplo, descobrir algo novo, acreditar em si, vencer desafios, imbuir-se de uma missão. Essa chama rubra espalhava-se em sua escrivadinha ultra-funcional, ali nenhum objeto ou pedaço de papel era inútil. O que havia era um processo em curso, cada caneta ou clips existia antes como função para só depois ser o próprio objeto. Esse objeto vibrante dissolvia pequenos apegos, mas construía uma fé invisível numa obscura força distante. Seus olhos, enquanto examinavam as faturas, não deixavam também de ser antes de tudo a função, para depois terem a existência concreta. Nesses dois cacos luminosos de movimento refletia-se a fé absoluta nessa força de que ele mesmo só conhecia os cheiros e contornos. Mesmo assim o desejo fazia seus dedos saltitarem velozes pelos números da máquina de calcular. O tempo caminhava na direção oposta das promessas escuras que ele perseguira. Por isso era preciso ser rápido, não desperdiçar palavras nem qualquer pedacinho de papel. Apesar da simpatia com que me tratava, percebi que tudo o que dizia representava uma intenção, nenhuma palavra solta. Para mim aquele homem, ao contrário da maioria dos outros, era alguém fácil de ser compreendido. O que acabou gerando em mim uma certa solidariedade em relação a ele. Aos poucos, fui fingindo acreditar em seu entusiasmo juvenil e me esforçando para cumprir de maneira eficiente meu papel de divulgador da loja. Apesar de ter abraçado uma causa que para mim não fazia nenhum sentido, sentia um prazer desconhecido quando ele vinha me contar que as vendas aumentavam. Nesses instantes de olhos brilhantes, ele chegava até a desperdiçar algumas palavras. Além disso, o empenho que escolhera impor

em minhas atividades, também ajudava a passar o tempo mais rápido e mantinha longe os chatos. Era eu quem incomodava os outros. As ofensas e provocações acabaram. Comecei a pegar prática com o megafone, as palavras fluíam imponentes e cheias de adjetivos “A melhor qualidade... menores preços... oportunidade única... quem não comprar irá se arrepender... sapatos feitos com amor... embalagens para os passos das pessoas felizes”. Pronunciava tudo acreditando em cada palavra, o que fazia com que grupos de seis ou oito homens e mulheres parassem o que estavam fazendo só para me escutar. Não tive dificuldades em adivinhar que eu receberia um aumento de salário. Cresceram também o número de palavras não funcionais que o patrão trocava comigo. Um dia me pediu para que eu contasse como tinha sido minha vida até ali. Não querendo deixá-lo sem respostas gaguejei alguns segundos até conseguir inventar uma vida com dificuldades e superação, um conto de fadas que incluía um presente melhor que o passado e um futuro melhor que o presente. Ele engoliu a seco e colocando uma das mãos sobre meu ombro pronunciou algumas palavras de encorajamento. Nesse instante me dei conta de que eu sabia exatamente quem ele era (talvez estivesse exagerando um pouco), enquanto ele nem suspeitava quem eu sou (aqui estou sendo realista). Isso me colocava em posição de vantagem em relação a ele, condição para a qual não consigo descobrir serventia.

Com o dinheiro do aumento passei a me alimentar melhor, carne, ovos, feijão e salada. Não sei se foi impressão minha mas pareceu que depois de algum tempo sem comer porcarias até meus furúnculos diminuíram de tamanho. Quando me maquiava conseguia cobri-los sem que as pontas amareladas sobrassem. Sorri para o espelho e encontrei um palhaço perfeito, pronto para encobrir sua tristeza nata com uma gargalhada. Cancelei o sorriso e descobri em minha fisionomia séria e maquiada, alguém que

eu desconhecia. Aquele homem que me olhava devia hibernar em algum esconderijo, evitando a claridade do dia, mas usando as noites para influenciar a parte de mim conhecida como eu. Senti minha privacidade invadida por aquele visitante. Não fiz questão de conhecê-lo. Seria melhor deixar as coisas como sempre foram. Mas depois dessa revelação, desconfiei que até mesmo meu patrão possuía camadas de personalidade que não ficavam aparentes, e que o que seria superficialidade, poderia tanto ser o reflexo de um poço escuro com água encardida, quanto da pétala vermelha de uma rosa, que depois de se desprender da flor, é levada embora pelas águas de um riacho.

Confuso, lembrei-me do porco e de seus giros sobre o próprio eixo. O bicho estava envolvido por uma camada nublada de tempo que me fazia duvidar se algum dia o conhecera, ou tudo não passara de imaginação. No dia seguinte abandonei a alimentação saudável e recomecei a comer porcarias, tinha um fraco por frituras e salgadinhos industrializados. O chão de meu quarto ficava cheio de pacotes vazios que eu devorava enquanto assistia programas de auditório na televisão. As embalagens coloridas eram cheias de pontos de exclamação, promoções e sorteios. As cores fortes que ficavam pelo chão quebravam a monotonia das paredes brancas, emprestando ao ambiente algo que, na falta de uma palavra melhor defini como vida. Às vezes quando me cansava da televisão, eu apanhava quatro ou cinco dessas embalagens e lia as letras miúdas que explicavam as promoções e diziam onde era a fábrica. Cheguei até a descobrir um erro de português num dos rótulos de uma fábrica de pequeno porte. Não tive dúvidas, escrevi uma carta denunciando e pedindo com alguma gentileza, se eles poderiam me enviar trinta ou cinquenta pacotes, deixei nas entrelinhas meu desejo de receber um suplemento vitalício de salgadinhos. Nunca recebi nenhuma resposta, e os pacotes continuaram sendo impressos com o mesmo erro.

Uma semana após recomeçar a comer porcarias senti uma oleosidade na pele que havia sumido, duas semanas depois minhas espinhas voltaram a crescer. Permiti que suas pontas amareladas se elevassem acima da camada de maquiagem que me cobria o rosto. Sem saber muito bem o que fazer com o dinheiro que começou a sobrar, decidi apenas guardá-lo dentro do travesseiro.

O patrão dizia que me admirava pois percebia que eu vinha fazendo economias para o futuro. Sem querer contrariá-lo eu apenas sorria.

Seis meses aconteceram envolvidos pela bruma da rotina. Os acontecimentos eram diferentes mas a ossatura dos dias era sempre a mesma, a criança envelhecia, o velho renovava suas energias, a mulher emagrecia ou enfeiava-se, mas sempre haveria alguém com a aparência que fosse, pronto para me dizer, sempre no mesmo horário, palavras que significavam o mesmo, e que acabavam fazendo com que eu saboreasse sempre um único dia.

Mas para essa regra também havia exceções. Enquanto gritava minhas promoções de sapatos, às vezes encontrava alguma lata de refrigerantes amassada no chão, sobre ela pousava um raio de sol de um dia moribundo. O amarelo da luz mergulhava no vermelho da lata transportando-me para onde tudo tinha cores que se encaixavam dentro de gostos e cheiros. Lá eu era todas as sensações e também era outros. Antes que pudesse compreender o que sentia, a luz ia embora e a lata transformava-se em lixo abandonado. Essas gotas douradas brilhavam no asfalto previsível dos dias, mas assim como a chuva faz, não diziam quando nem em que situação voltariam.

Enquanto guardava minhas coisas encerrando as atividades do dia, fui abordado por um senhor que se identificou como representante de um grande atacado de roupas e calçados que se instalava na cidade. Disse que já acompanhava meu trabalho há

um bom tempo e sabia dos resultados positivos para a loja. Perguntou quanto eu ganhava, e antes que respondesse disse que poderia me oferecer um aumento de cinquenta por cento mais adicionais. Ele falava quase sem parar e me fez escutar uma palestra de quinze minutos sobre as vantagens que eu poderia ter trabalhando para um grupo que tinha muitas lojas. Disse-me que voltaria amanhã no mesmo horário para que eu confirmasse que aceitava o que ele propunha.

Iniciava-se uma noite confusa, ideias atropelavam-se, pensei no sorriso até certo ponto ingênuo de meu patrão, lembrei-me que por trás dele não existia uma gota de generosidade, e que toda a gentileza com que me tratava não era nada além de interesse pessoal. Não dei muita importância para as promessas de ganhos e estabilidade com as quais o homem tentou me cativar. Mas talvez mudar de ares não fosse má ideia. Um novo cotidiano que brilharia por alguns instantes antes que as sombras se formassem.

A bifurcação oferecia duas perspectivas que rejeitei. Juntei minhas roupas e decidi que a permanência em Itapetininga estava encerrada. Abandonaria o emprego sem aceitar o outro. Quando já estava na rodoviária, lembrei-me que o último ônibus já havia partido e eu precisaria esperar o dia nascer para pegar o próximo. Lembro-me também do dinheiro que coloquei dentro do travesseiro e esqueci de pegar. Voltei correndo para o quarto, disse para a mulher da pensão que esquecera uma chave. Entrando lá os lençóis estavam do jeito que eu os deixara. Enchi os bolsos com o dinheiro e fiquei surpreso com a quantia. Sem perceber acumulei dois maços grossos de notas coloridas. Ainda poderia recuar, dizer à dona da pensão que me arrependera e que queria continuar alugando aquele quarto. Poderia permanecer no mesmo emprego ou aceitar outro. Quando fui pedir para pagar mais um mês, a proprietária estava discutindo com um

morador inadimplente. Apenas caminhei até a rodoviária, meu percurso foi acompanhado por lua cheia e temperatura agradável. Interpretei isso como um bom sinal. Apesar de tudo a estada em Itapetininga havia sido boa, mas agora eu precisava continuar. Por que? Não sei.

No caminho parei em frente de algumas casinhas iluminadas, e então algo diferente aconteceu. Pela primeira vez na vida desejei participar daquelas paredes. A cama macia, a mulher amorosa, a estabilidade. Perguntei-me o que eu poderia fazer para chegar lá, o caminho era tão longo que todas minhas forças ficariam pela estrada, quando atingisse meu objetivo pouco sobriaria de mim para ser afagado e protegido. Seria melhor que me contentasse em percorrer apenas um trecho, aceitando satisfazer somente minhas vontades carnis. Em meus anos de vivência em rodoviárias e cercanias acumulei desejos alaranjados. Por todos os lugares que passei encontrei uma espécie de banco de espera, que tinha um contorno anatômico e cor de laranja madura. Observava como o corpo feminino encaixava-se nas curvas feitas de fibra de vidro, a maneira como as pernas se cruzavam, como braços e seios relaxavam sob efeito do sono. Nunca conheci nenhuma de minhas parceiras, porque nenhuma delas soube que eu existia. Depois de contemplar o abandono de corpos entediados pela espera e erotizados pelas curvas dos bancos alaranjados, eu buscava qualquer esconderijo onde o cimento armado e a masturbação pudessem conviver em paz por uma boa hora. Quando saía dos armários de vassouras tinha os olhos baixos, forças exauridas, um gosto amargo na boca e outro na alma.

Se as casinhas iluminadas eram para mim uma realidade distante, poderia chegar a pelo menos encontrar alguém que comigo compartilhasse o sexo que eu praticava sozinho. Sempre achei as mulheres seres estranhos, e isso diminuiu bastante a

atração que deveria sentir por elas. Ao contrário do que acontece com a maioria das pessoas, meu desejo de me relacionar sexualmente não tem nada de obsessivo, procuro apenas um instrumento que me facilite o prazer. Não quero rostos, nomes, não procuro cheiros agradáveis ou formas harmoniosas. Mas ficaria contente em experimentar, nem que fosse apenas uma vez, a companhia de um corpo feminino. A noite evaporou-se lentamente, enquanto isso, para passar o tempo, eu imaginava que os bancos alaranjados vazios eram ocupados por dúzias de coxas, que estavam ali somente para saciar minha curiosidade. As vitrines das lojas de lembranças permaneciam acesas, luzes frias, espelhos e cores fortes traziam (de dentro das portas transparentes) uma cachoeira invisível de melancolia, e uma sensação de que tudo é em vão. Com o rosto molhado senti o peso de uma frase nunca dita “Todo tempo é perdido”. Uma página estava sendo virada em minha vida e eu precisava me manter afastado desse tipo de pensamento. Tirei do bolso um dos maços de notas e passei a manipular o dinheiro reparando principalmente nas figuras de animais. Lembrei-me do porco defeituoso e tentei descobrir qual seria o valor da nota na qual ele eventualmente estivesse representado.

Os guichês de venda de passagens ainda estavam todos fechados, passei por eles como alguém que tem acesso ao cardápio antes do restaurante abrir. Mesmo sabendo que pouca diferença faria o destino que escolhesse, degustei cada nome: Presidente Prudente, descartei pois nunca me dei muito bem com a vogal “e”, Araraquara, na verdade qualquer vogal em excesso torna a palavra tediosa. Araçatuba, o “u” quebra a unanimidade do “a”, mas ainda não faz brilhar o som. Meus olhos percorreram uma infinidade de nomes de cidades com o sufixo “ita”, o que já coloca duas vogais diferentes apenas na primeira sílaba. Simpatizei com Itapeva, sons abertos nunca deixaram

de ser uma promessa de felicidade. Mas será que era isso mesmo o que eu desejava? Continuei percorrendo as páginas do cardápio de destinos, quando encontrava alguma cidade que começava por “Santa” desviava o olhar, causava-me um tédio imenso a divisão de uma palavra em duas sílabas com duas vogais iguais.

Não conseguia fazer minha escolha, o excesso leva à glotonice, e nenhum nome parecia suficientemente melhor que o outro para que eu fizesse opção. Cheguei a pensar em ficar onde estava, procurar alguma oportunidade do outro lado da cidade e esquecer o resto, pensei também no oposto, empanturrar-me com destinos sem charme até encontrar dentro do ventre da repetição, um pedaço não digerido de novidade.

Meus ouvidos finalmente enxergaram o prato que lhes agradou. Meus olhos escutaram os sons dos azeites estalando no ar. Senti o cheiro de um estômago que roncava enquanto a boca salivava esperando o alimento desejado. Boituva tinha de tudo um pouco, melancolia na dose certa, o nome de um animal e o de uma fruta, quatro vogais sendo duas abertas e duas fechadas posicionadas em um ziguezague tônico que começava em baixo, subia, descia novamente para terminar em alta.

Assim que o guichê abriu comprei minha passagem. Acho que o vendedor até estranhou a ansiedade com que eu desejava garantir meu lugar. Dessa vez não precisei me enfiar em bagageiros e buscar buracos para respirar. Sentei-me numa poltrona reclinável ao lado da grande janela vítrea. O ônibus tinha um ar condicionado que parecia anular qualquer temperatura, as paisagens emendavam-se com uma sutileza que me deixava tonto. O homem ao meu lado estava mergulhado dentro de uma bolha sonora que vinha de seus fones de ouvidos, permitindo que eu engolisse sozinho tudo que aquele novo mundo me oferecia. As estradas são sempre muito mais suaves para quem aprecia

a viagem sentado em bancos confortáveis, ciente disso procurei usufruir de cada minuto que a passagem me proporcionava. Antes de chegar a Boituva há uma região de campos planos onde a estrada é muito boa. Eu reparava em cada detalhe, nas diferenças de tom que a relva ia assumindo, nos carros que vinham na direção oposta, nos morros que se espalhavam pelas fronteiras com o horizonte. No sol, que apesar de ainda estar iniciando sua ascensão, já indicava em qual direção encontraria a noite. Eu aproveitava para enxergar o que levaria boas horas para acontecer, olhava para o declínio de luzes que não tinham aparecido por completo. Amarelava o translúcido para que o instante vivido pudesse ser ele mesmo, e também outros. Cada centavo do valor da passagem se desdobraria num valor capaz de adquirir alguns ônibus como o em que eu viajava. Um ponto líquido escorrendo do céu chamou minha atenção. Parecia um pequeno detalhe planejado para contrastar com as nuvens aquareladas. Ele descia do céu de paraquedas, acompanhei seu percurso até onde meu pescoço permitiu, depois, já sem vê-lo, imaginei-o enxergando lá de cima meu ônibus, e refletindo sobre como uma pequena caixa metálica poderia ser grande o suficiente para comportar quarenta almas. O paraquedista ainda olhou para o horizonte e viu todas as indSCRIções coloridas que ele costuma conter. Depois quis perguntar algumas coisas, não sabia o quê nem a quem. A distância do solo continuava diminuindo e enxerguei um rosto confuso, mas que aos poucos foi relaxando. As respostas permaneceriam enterradas, pois nenhuma pergunta riscaria o desconhecido que existia em todos os cantos. O paraquedista pousou seus pés protegidos por tênis com amortecedores, seu rosto agora estava cheio de certezas, suas cores eram impressas em papel, divisão matemática de espaços sem fronteiras ou borrões. Enrolando o paraquedas lembrou-se das normas de segurança para o próximo salto. E de nada mais.

Despedi-me do paraquedista, que de agora em diante manteria seus pés no chão, da mesma forma que mantenho os meus. Quando desembarquei o sol lixava o solo com um amarelo áspero, o que fez com que depois de muito tempo eu lembrasse de meus furúnculos. Quando me preparava para ir embora reconheci a mala com meus pertences. Das outras vezes que cheguei a uma cidade não carregava nada, o que não deixava de ser uma vantagem. Minha grande valise azul não tinha rodinhas, antes de sair da rodoviária tive de parar uma vez para descansar. Com a água de um bebedouro molhei o rosto para me proteger dos efeitos do sol. Antes de atravessar a porta de saída percebi que a cidade era apenas mais uma igual a muitas outras, e que talvez fosse melhor eu pensar um pouco sobre o que iria fazer antes de ficar andando de um lado para outro carregando peso e suando. Sentei-me num dos tradicionais bancos alaranjados de rodoviária, bem em frente de uma lanchonete. Só depois de uns dez minutos assistindo ao movimento me lembrei que tinha dinheiro e poderia comer como um freguês qualquer. Devorei dois quibes com molho de pimenta enquanto reparava nas pessoas que se preparavam para viajar, todos guardavam nos olhos alguma expectativa de mudança. Logo estariam tomando o rumo de seus destinos e afastando-se de suas rotinas. Eu compartilhava com eles esses instantes que antecediam à modificação. Mas era um falso companheiro, havia acabado de chegar e não sabia para onde ir. Prolonguei minha estadia o máximo que pude conhecendo várias gerações de viajantes apressados. Os rostos mudavam mas afora isso as atitudes se repetiam como se fossem apenas uma. Eu era a consciência daquela lanchonete. Perguntei-me se os funcionários, que diariamente atendiam àquela pessoa com muitos rostos, percebiam que o coração dos fregueses era sempre o mesmo, ou então eles se conformariam em nutrir-se dos detalhes, engolindo as pequenas diferenças de aparência e com-

portamento e concedendo a elas o valor de algo fundamental.

Reparei quando um dos funcionários, que parecia o mais entediado, abriu uma geladeira e retirou de lá um maço de espetinhos de carne e colocou-os para assar sobre uma chapa quente. Enquanto a carne escurecia e chiava, soube o que faria no dia seguinte logo pela manhã. Estava encerrada minha espera, que nem foi muito longa nem deixou de ser útil. Ainda permaneci algum tempo na lanchonete reparando na maneira mecânica como o atendente retirava os espetinhos da chapa e os colocava em uma estufa para serem vendidos. Eu poderia ter usufruído muito mais das expressões desse rapaz, mas enquanto contemplava sua fisionomia, minha mente tentava amarrar cada detalhe do novo cotidiano que havia criado para mim mesmo e que até então brilhava como se fosse composto por instantes esmeralda e outros rubi. As miudezas engoliam outras preocupações dissolvendo tudo que tivesse tamanho de moderado para cima.

Quando saí da rodoviária minha mala parecia ter perdido peso. Não tive dificuldades para carregá-la até um hotelzinho que alugava quartos para mensalistas. Paguei um mês adiantado e só então percebi que um dos maços de dinheiro não existia mais, precisava administrar melhor o segundo. O quarto não tinha banheiro, as paredes descascadas pela segunda vez eram pintadas da mesma cor que minha mala. Um azul desbotado que lembrava céu de inverno. Dentro do quarto era sempre um dia esburacado, atravessado por pregos e orifícios mal fechados. O banheiro que ficava no corredor, era frequentado por pessoas envergonhadas que faziam o possível para não serem notadas. Quando davam azar de trocar olhares, cumprimentavam-se com um movimento de cabeça, ou algum som que vinha da garganta e nem fazia as bocas se abrirem.

Logo em minha primeira manhã em Boituva saí para comprar todo o necessário que precisava para vender espetinhos de

carne. Adquiri uma pequena churrasqueira feita de lâminas de metal, um saco de carvão, carne, os espetos de madeira, sal, algumas embalagens para guardar molhos, farinha e guardanapos. Depois de tudo comprado, o dinheiro que sobrou dava somente para uma refeição. Fato que estreitava bastante minha margem de erro.

Investi as duas últimas notas em um almoço que não foi barato. Parecia que agora, com a obrigação de dar certo, aumentava também a possibilidade de isso acontecer. Enquanto palitava os dentes filosofava sobre qual seria o melhor momento para acender o fogo.

Mas nesse caso ainda mais importante do que o tempo era o espaço. Precisava encontrar um lugar adequado para colocar minha churrasqueira. Devia estar perto do movimento sem permitir que a fumaça atrapalhasse. Aproveitei para caminhar pelas ruas mais movimentadas da cidade. Enquanto olhava para baixo vi um menino apontando para o céu. O paraquedista descia lentamente, o vento levava-o de um lado para o outro. Enquanto eu o enxergava sozinho, ele devia estar vendo muitos pontos em movimento parecidos comigo. Éramos formigas escuras realizando suas tarefas anônimas, enquanto isso ele resplandecia como um cisne que nada sozinho no lago de um castelo.

Eu precisava continuar agindo como formiga atenta às suas tarefas cotidianas, na verdade começar a agir como uma delas. Esqueci os olhos da criança e os céus, que eram o mar por onde o paraquedista navegava. Escolhi uma esquina movimentada perto da rodoviária. Acendi o fogo mas logo tive de apagar por causa de um fiscal da prefeitura que pediu para ver minha autorização de vendedor ambulante. Caminhei até a rua de trás onde o movimento era bem menor, mas pelo menos ninguém perturbava. Acendi o fogo e não levei muito tempo até vender o primeiro espeto. O movimento permaneceu espaçado até o fim da tarde quando voltou a subir e se estendeu até as oito da noite. Vendi toda a carne que trouxe e se tivesse trazido mais teria vendido. Estava com os

bolsos cheios de moedas e notas miúdas. Espalhei todo o dinheiro sobre a cama e contei-o, aquilo não era tudo meu, precisava separar a maior parte para comprar a carne para o dia seguinte. Reservei uma quantia que julgava ser meu lucro e escondi debaixo do colchão. Meu objetivo seria, todos os dias, nem que fosse apenas com uma moeda, engordar minhas economias.

Os dias ensinaram-me alguns macetes, horários e locais que facilitavam a venda. Havia um intervalo entre as 15:30 e 16:30 em que eu nunca vendia nada, então apagava a churrasqueira e dava uma cochilada em algum canto.

Descobri que fiscais têm fome, e que eu sempre deveria preparar alguns espetos para eles e tratá-los com toda a reverência, fingindo que o que fazia, entregando-lhes gratuitamente o fruto de meu trabalho, não passava de obrigação, um dever ético que compensava o relaxamento moral com o qual eles me presenteavam.

Aprendi também que por mais vazias e falsas que possam ser a dúzia de palavras que comecei a trocar com meus fregueses, elas influenciavam sim no aumento das vendas. As pessoas compravam algo além do alimento para matar a fome, pagavam também pelo preenchimento do instante, e da mesma maneira com que agia com os fiscais que não me multavam, passei a retribuir-lhes com algumas frases e sorrisos por me comprarem os espetos.

Esse aprendizado que a prática me proporcionou, fazia com que todas as noites eu separasse duas ou três notas que deveriam ficar escondidas dentro do colchão. Aprendi também a comprar carne que não fosse nem mole o suficiente para encurtar os lucros, nem dura o suficiente para diminuir as vendas. Havia um ponto exato de maciez onde todos ganhavam. Descobri também que poderia me dar ao luxo de eventualmente, escolher uma carne bem barata e amolecê-la com um limão espremido. Mas sabia que esses espetinhos agradavam apenas aos fregueses comuns.

Os fiscais sabiam reconhecê-los e não os apreciavam.

Um dia acordei com a dona do hotel batendo à porta. Meu mês havia vencido e ela me estendia a mão. Eu tinha esquecido completamente que precisava pagar pela estadia. Quando estava quase dizendo que não tinha como pagar, percebi que essa não seria uma boa ideia. Corri para o colchão e separei a quantia que ela cobrava. Ainda sobrou metade do que eu havia guardado. Enquanto contava essas notas ela bateu novamente na porta, dessa vez não entregaria com tanta facilidade o que me custou tamanho esforço. Ela só queria me entregar o recibo de meu pagamento, e trazia-o com um sorriso no rosto que não estava lá quando ela me cobrava. Retribui seu sorriso e me senti um pouco como meus fregueses que pagam por minhas palavras e simpatia.

As semanas escorreram como a gordura que pingava de minha churrasqueira. Espessas e grudentas as noites eram detalhes insignificantes dentro de um único dia, que a cada vinte e quatro horas expandia suas fronteiras. Antes que o sono conseguisse mergulhar-me no mar sem luzes, eu obedecia à liturgia das moedas e pequenas notas. Separava o que seria necessário para a compra do material do dia seguinte, reservava um tanto para o pagamento do quarto e entesourava o lucro no buraco mais fundo do colchão. Com o passar do tempo pude sentir aumentar o volume que o dinheiro fazia sob meus pés. Isso por um lado alegrava-me, pois aquele inchaço no colchão representava que meu esforço estava sendo recompensado, mas por outro lado criava uma preocupação que antes não existia, a de um dia voltar para o quarto e encontrar o colchão plano. Pensei em espalhar o dinheiro por vários lugares, ou andar com ele o tempo todo, mas isso não diminuiria os riscos. Teria de aprender a conviver com essa preocupação e estar preparado para recomençar tudo de novo, caso o pior acontecesse. O aumento de minha inquietação relacionava-se com a posição de meus pés, quanto mais para

cima eles ficavam piores eram minhas noites. O mar escuro em que eu costumava mergulhar passou a ser povoado por criaturas monstruosas. Acordava suando e logo me aliviava ao descobrir que meu colchão continuava guardando meu dinheiro e não vísceras humanas.

Pensei em comprar trancas e cadeados para minha porta e janelas, mas logo vi que isso só chamaria a atenção para meu colchão e sua corcova. Foi quando, de repente, enquanto passava em frente ao pequeno espelho da parede, vi uma nesga de meus olhos atravessarem o quarto. No lugar onde eles estavam opacos e refletiriam no máximo o brilho de algumas moedas, havia uma camada mais profunda, um branco amarelado cheio de losangos, de veias, substância que perguntava, talvez exalando algum cheiro que eu não consiga sentir: “Qual era o sentido de juntar esse dinheiro?”

A pergunta era como ferro quente sobre a manteiga, devastava com força progressiva, escavando camadas de mentiras e meias verdades que construía a imagem que eu formava de mim mesmo. Procurei picotá-la em pedaços que seriam mais fáceis de deglutir. Mas eles logo ganhavam nova cabeça e cauda e cresciam rapidamente. As perguntas além de multiplicarem-se em número tornavam-se mais ácidas, e esses sucos essenciais estavam prontos para derreter a máscara de cera na qual eu me reconhecia.

Só havia uma maneira de me livrar dessa situação, respondendo à pergunta e dessa forma estacando a hemorragia de honestidade que me ameaçava. Aproveitei a manhã de domingo sem nuvens para que o movimento me ajudasse a encontrar uma resposta. Enquanto caminhava pelas ruas de Boituva atravessavam-me o pensamento todas as respostas clássicas para aquela pergunta, mas em nenhuma delas eu acreditava. As quadras foram ficando para trás e em pouco tempo eu estava na zona rural.

A questão continuava manchando meus passos com um desconforto azedo.

O céu claro não combinava com o que eu sentia. O sol parecia que exalava luz, mas se esquecera do calor. A temperatura estava perfeita e por isso mesmo lamentei carregar esse fardo psicológico enquanto sentia-me equilibrado e minha pele de nada reclamava. As colinas verdes alternavam-se até o horizonte, cercas de arame, casinhas brancas e vacas malhadas completavam a paisagem.

Escuto distante o ronco do motor de um avião. Continuo olhando para as colinas sem tentar encontrá-lo no céu. O barulho vai envelhecendo até sumir. Sinto a mudança chegando. A pergunta parece ter ficado mais leve ou sou eu que ganhei forças? A tranquilidade assoprada molha meu rosto. Os cabelos se movimentam e meus lábios lentamente desenhavam um sorriso. No alto de uma colina completamente verde, uma luz amarela começa a coroar o dia. O azul ao redor perde o vigor e um paraquedista de macacão branco flutua como uma folha de outono. Nos pequenos movimentos que faz parecem estar concentrados todos os ingredientes que dão sabor à vida.

Olho para uma vaca, para o chão, qualquer pedrinha serve de desculpas para que eu tire os olhos do céu. Preciso deglutir o que senti. Meus olhos se enchem de lágrimas e sem querer acabo vendo de longe o avião de onde o homem saltou. Estou livre de um peso, pelo menos provisoriamente. A resposta é viva e tem o cheiro do sol de amanhã. De agora em diante terei uma causa, e minhas moedas não mais se acumularão sem que eu saiba o porquê. Economizarei para pagar meu salto de paraquedas.

Na segunda-feira enquanto assava os espetinhos deixei meus olhos acompanharem a fumaça que subia até desaparecer num céu que continuava azul. Um freguês me informou quanto custava um salto de paraquedas. Para saltar sozinho eu preci-

saria de um curso, o que acabava aumentando o preço. Decidi que saltaria acompanhado por um instrutor. Para isso já tinha o dinheiro guardado, então poderia escolher o momento correto e degustar a espera, que talvez fosse o prato mais apetitoso.

Estando na posse de um segredo, ele me protegia contra as pequenas chateações cotidianas, e foi com um riso que nunca possuí, que entreguei dois espetinhos a um mendigo que costumava me perturbar. Mas essa felicidade escura tinha prazo de validade, se a expectativa se prolongasse por muito tempo o caroço da fruta apodreceria impossibilitando seu consumo. Passei os próximos dois dias sendo mais gentil do que de costume, perdendo a falta de uma moeda e afagando o cabelo das crianças. Nos fins de tarde, antes que o movimento começasse a apertar, em vez de dormir caminhava até uma rua de onde conseguia enxergar as colinas e o céu. Imaginava minha queda e tudo o que veria, casas pequenas habitadas por formigas que viviam dentro de um tempo diferente de todos os que eu conhecia. Veria rios-espelho recheados de nuvens, estradas cinzentas que eram rachaduras no verde absoluto. Sentiria a potência de um vento que parecia querer me mandar de volta para o ponto de onde saltei, mas que aos poucos iria cedendo espaço à minha intromissão e percebendo como era inevitável a minha queda. Depois que o paraquedas fosse aberto o silêncio engoliria o mundo, deixando de fora apenas o vento. Sob esse ponto de vista provisório as coisas teriam uma proporção mais parecida com seus verdadeiros tamanhos.

Conta confusa essa, pois os segundos faziam as coisas duplicarem de tamanho, afastando-as do que eu julgava ser a dimensão real da importância de cada objeto, mas fazendo-as parecerem-se cada vez mais com os velhos tamanhos e formas com que eu estava acostumado.

Lembrei-me que durante a queda planejava prestar atenção

nos telhados das casas, em como elas se unem umas às outras, nos espaços vagos que existem entre elas, no conjunto que formam, em como são construídas as cidades, e como essas se posicionam em relação aos espaços vazios. Tudo isso eram assuntos que me interessavam desde a infância. Não sei dizer o porquê, talvez porque nunca tivesse compreendido bem para que servem exatamente as cidades. A vista do alto poderia me esclarecer algum detalhe que deixei passar despercebido, pode ser que de cima as cidades fizessem todo sentido.

No terceiro dia fui até o escritório de uma empresa que agenciava os saltos de paraquedas com instrutor. Eu deveria pagar a taxa, receber umas rápidas instruções e se o tempo estivesse bom, poderia saltar no mesmo dia. Resolvi não me precipitar, e apesar do tempo estar ótimo, deixei para o dia seguinte, teria mais uma noite para planejar o que desejava ver e abrir-me para o que poderia sentir. Separei o dinheiro do salto, um macinho de notas pequenas que envolvi com elástico e deixei na mesinha de cabeceira.

A segunda-feira amanheceu chuvosa. Vendi quase nada e passei a maior parte do dia flutuando. Por entre as várias camadas de ar eu imaginava os muitos mundos que conseguiria enxergar, alguns deles livres do peso desconhecido que eu carregava desde que me entendia por gente. Talvez eu conseguisse perceber uma harmonia perdida, que umas poucas vezes consegui sentir. Encantava-me com a possibilidade de ir além, mergulhando na labareda da qual o máximo que conheci foi um longínquo cheiro de fumaça. Maravilhava-me também todos os níveis de distância, tempo e luzes que eu experimentaria durante o salto. Dentro dos poucos minutos que durasse minha queda, a bolha seca que compunha minha vida seria invadida por outras substâncias com cores, cheiros e gostos diferentes. E poderia ser que depois que meus pés tocassem o chão, restos desses potássios exóticos permanecessem comigo. Eu passaria a ser um pou-

co de todas as distâncias e tempos, e não ficaria mais limitado ao que meu nascimento demarcou. Então poderia inverter a lei que normalmente comanda as vidas, deixaria de buscar a amplidão para dela recortar meu mundo, faria o contrário, dentro de qualquer retalho descobriria todos os desenhos que desejasse.

O dia permaneceu nublado, luzes cinzentas espalhavam-se por olhos e narizes. Mas eu transformava essas sombras na cor de minha sobremesa favorita, lambuzando-me com a expectativa dos sabores. As horas desapareceram sem que eu percebesse. Voltei caminhando lentamente para a pensão, qualquer sombra ou movimento dos galhos de uma árvore poderia ser um prenúncio do novo mundo que possivelmente me esperava no dia seguinte. Reparei em muitos detalhes que normalmente me passam despercebidos. Evitei conclusões e dissolvi expectativas. Quando entrei no meu quarto senti que nada em mim faltava ou sobrava, eu possuía meu ritmo e ele era como deveria ser. O espelho me mostrou alguém exatamente do jeito que sou. Suspenso por fluídos que anestesiavam o peso das juntas, pousei sobre minha cama e olhando para os lados cheguei a única conclusão possível: essas são verdadeiras paredes, e estão exatamente onde deveriam estar.

Alguém bateu na porta. Era engano, procuravam por outra pessoa. As águas serenas formavam uma leve marola por causa dessa interrupção. Uma ideia estranha: não estariam procurando por mim mesmo, mas quando eu ainda não conseguia encaixar a imagem que fazia de mim, dentro da aparência externa que possumo? Do pensamento esquisito sobrou um sorriso que me fez enfiar as mãos nos bolsos e contar quanto tinha vendido. Pela primeira vez o dinheiro era suficiente apenas para repor a mercadoria do dia seguinte. Nenhuma moeda teria a cor do lucro. Eu continuava sentindo o odor de um vidro fechado de perfume, cujo líquido era

de uma cor que encantava meus olhos. Acho que foi isso que fez com que não me preocupasse com a fraca venda e dormisse um sonho cheio de moedas de chocolate e tigres mansos.

O dia seguinte amanheceu com o sol esforçando-se para abrir caminho entre as nuvens. Grandes bocados de céu azul eram envolvidos por muitas nuvens brancas e algumas negras. A luz, mais viva que no dia anterior, era imprevisível, e de repente transformava em fim de tarde um dia que apenas começava. Lá pelas dez da manhã um grande buraco azul apareceu entre as nuvens. Não tive dúvida, peguei o dinheiro e corri para a agência de paraquedismo. Disseram-me que não voavam com aquelas nuvens pretas, mas se eu quisesse poderia deixar o salto pago para quando o tempo firmasse. Pensei alguns instantes e quando retirava o dinheiro do bolso algo me disse que não deveria dar dinheiro antecipado. O funcionário percebeu minha atitude e meio constrangido disse que se quisesse poderia pagar no dia, mas quem pagasse primeiro teria prioridade nos seis lugares do avião.

Trabalhei o resto do dia repartindo minha atenção entre as tarefas de vendedor de espetinhos e o arrependimento. O macinho de notas coloridas me pesava no bolso como se não me pertencesse. Os fregueses vieram em maior número que no dia anterior, servi-os de maneira protocolar, sorrindo sem vontade e apenas respondendo suas perguntas. No fim da tarde uns pingos de chuva começaram a cair e percebi que também no dia seguinte não poderia saltar. Desanimado escondi-me sob a marquise de uma loja, a chuva apertou, o que acabou fazendo com que muita gente viesse se proteger ali, acabei vendendo tudo o que tinha. Voltei para a pensão com os bolsos cheios de trocados, mas bastante desanimado. Deitado na cama separava notas de moedas enquanto uma suspeita cinzenta espremia minhas esperanças.

O sono demorou a chegar e quando veio trouxe consigo homens sem rosto que se esforçavam para comunicar-me suas

verdades através de movimentos das mãos e dos braços. Quando acordei o relógio me assustou, já passava de meio-dia. Até me arrumar, comprar os ingredientes e prepará-los seriam três da tarde. Horário bem próximo ao buraco do meio do dia onde nada se vende. Decidi que só aproveitaria o fim da tarde, quando as vendas normalmente voltam a acontecer. Não abri a janela do quarto e fiquei tentando escutar algum barulho da chuva. Nessas duas horas não pensei em nada, degustei minha cama e os lençóis, de vez em quando olhava para o relógio. Respirei as paredes brancas e a luz fria do teto, engoli a seco. As pernas do guarda-roupas permaneciam imóveis, então espreguicei-me. Quando decidi levantar, abri a janela e fui surpreendido por um céu quase sem nuvens. Não consegui enxergar mas tive a impressão de ter ouvido o barulho de um motor de avião.

Uma mulher perguntou quanto eu conseguia faturar. Conversamos sobre os rendimentos e ela pareceu interessada em meu negócio. Disse-lhe que montar mais uma barraquinha de vender espetinhos em uma cidade pequena como Boituva, prejudicaria meu negócio e não faria o dela prosperar. Ofereci vender-lhe meu negócio, ela veio logo dizendo que não tinha dinheiro, mas quando ouviu o preço que pedi aceitou na hora. O valor não dava nem para pagar a carne, os condimentos e a churrasqueira. No dia seguinte ela me pagou, juntei o dinheiro com aquele que se destinaria a meu salto, tentei em vão receber o que já havia pago adiantado na pensão, juntei meus pertences e fui para a rodoviária. Aninhei-me nos bancos alaranjados tentando entender minha atitude. As expectativas e ideias sobre o que eu enxergaria durante o salto tinham perdido toda a cor e dissolvido seus contornos. O interesse que aqueles pensamentos me despertavam equivalia à curiosidade que a máquina de vender refrigerantes e salgadinhos, que brilhava na minha frente, me causava. Ela estava ali, sabia como funcionava e o que poderia oferecer. Iguais a ela encontraria

muitas outras. Depois de algum tempo sentado ali assistindo ao movimento da rodoviária, mal conseguia acreditar que Boituva, espetinhos, paraquedas, que tudo isso tenha um dia existido.

Um menino cheio de moedas enfiou algumas no buraco da máquina e saiu sorrindo com um pacote de salgadinhos que não lhe atrairia a atenção se estivesse sendo vendido na prateleira de um supermercado. Colocando as moedas no orifício e digitando o número desejado, ele havia vencido uma barreira, com sua habilidade soube como se desvencilhar do obstáculo que o impedia de comer o que desejava. Resolvi usar minhas moedas para também eu ultrapassar essa dificuldade. Escolhi um saco de marshmallows, enfiei as moedas, digitei o número, a máquina demorou um pouco, o que me fez acreditar por um instante que eu havia perdido meu dinheiro (essa demora talvez seja o grande segredo dessas máquinas), mas logo em seguida escutei o barulho de algo se movendo, os doces desapareceram da minha vista e um som abafado chamou a atenção para o orifício onde devo retirar o produto.

Meus dedos cheiram bravura no momento que abro o pacote. Depois disso o produto torna-se exatamente igual a qualquer outro que estivesse exposto em uma enorme pilha de iguais. As cores artificiais encaixam-se dentro do sabor, mesmo assim prosigo devorando os doces até que o pacote fique pela metade. Sei que meu estômago cobrará caro por essa extravagância. Fecho o saco plástico e enfio o que sobrou dentro daqueles cinzeiros-torre. O enjoo não demora e vem com força suficiente para concentrar todas minhas atenções nele, mas não é forte o bastante para me fazer vomitar. Suporto-o sentado nas cadeiras alaranjadas e imaginando o quanto falta à minha pele para que eu fique da cor da cadeira. O mal-estar se expande por todos meus poros e qualquer cor desaparece. O mundo torna-se uma doença a ser evitada. Caminho pela rodoviária como uma fera que teve suas

crias roubadas. Todos os homens são meus inimigos e as mulheres animaizinhos licenciosos prontos para me ferir com dentes pontudos e lambida envenenada.

Uma coca-cola alivia parte de meu enjoo e sinto uma gratidão desproporcional pelo atendente que me serviu. As cadeiras voltam a ser alaranjadas e as pessoas apenas seres que se ocupam exclusivamente de seus destinos individuais.

Aproveito o alívio enquanto ele não amadurece. Depois disso surge o anseio de movimento. Preciso fazer alguma coisa, ir para algum lugar. As rodoviárias são um capítulo de minha vida cujas páginas começam a amarelar. Alguns balcões de venda mostram opções de viagens diretas e outras com baldeações. Para a maior parte dos destinos é preciso trocar de ônibus em São Paulo. Escolher o nome da cidade pela sonoridade, como fiz da última vez, parece-me uma grande bobagem, nem mesmo o significado dos nomes diz algo, pois quase todas elas se parecem muito. Poderia então apenas fechar os olhos e apontar para um destino que minha escolha estaria bem feita. E foi o que fiz, o nome da eleita foi Fernandópolis. Enquanto esperava o ônibus comi dois pães de queijo que encheram meu estômago e conseguiram acabar com o resto de enjoo que sentia. Com o bilhete no bolso vivi a legitimidade daqueles que realmente precisam usufruir das rodoviárias. Olhando para as paredes, quiosques e balcões enxerguei apenas um lugar de transição.

Algumas pessoas se despediam emocionadas, coisa com a qual estava perfeitamente acostumado. Mas dessa vez acho que minha imunidade estava baixa e fui contaminado por um sentimento que até então desconhecia. Lágrimas vazias escorreram até que percebesse que não chorava por aquelas pessoas nem por nenhuma outra, desejava apenas saber do que fugia, e a falta de resposta molhava meus olhos. Enxuguei o rosto e embarquei no ônibus. O homem ao meu lado era um dos que ainda tinha lágri-

mas secas na face. Percebi que estava louco para puxar conversa. Ele foi mais rápido que eu, e antes que fingisse estar dormindo desandou a contar sua vida, chamava-se Antônio Moraes, apertou minha mão e colocou a outra sobre meu ombro, querendo demonstrar que era realmente um prazer me conhecer. Antes de mais nada tentava justificar porque um homem “com barba branca”, desmanchava-se antes de uma simples viagem “não vai achar que sou um fraco”. Ofereceu-me parte de seu sanduíche e parou alguns minutos de falar enquanto mastigava “saco vazio não para em pé”. Ele nem percebeu que aproveitei de sua refeição para fechar os olhos escondendo-me atrás de um sono mentiroso que pretendia que durasse até Fernandópolis. Falava alto sem me olhar, abri os olhos porque percebi que de qualquer forma ele continuaria falando e também porque viajar muito tempo de olhos fechados sempre me causava enjoos.

“Se eu estiver incomodando é só me dizer, mas acho que ainda temos umas boas horas até Fernandópolis, e a vida dos outros sempre serve de distração para a gente. Terei prazer em escutar a sua se quiser me contar.

Tenho cinquenta e três anos e até os quarenta e nove morei com minha mãe. Nunca trabalhei. Ela sempre me sustentou e depois que morreu vivo de umas casinhas de aluguel. Acordo tarde, meio-dia, uma hora, tomo banho, almoço e só saio de casa quando o sol começa a perder a força. Vou sempre nos mesmos lugares encontrar as mesmas pessoas e conversar sobre assuntos tão comuns e repetidos quanto postes elétricos. Sem muito entusiasmo, sou um continuador da coleção de selos que herdei de meu pai. Uso meu tempo vagando pelas principais ruas de Fernandópolis, às vezes paro na biblioteca pública para emprestar algum livro de aventura. Gosto de ler sobre épocas e lugares distantes, grandes desafios e riscos. Sinto um estranho prazer em segurar nas mãos a descrição do exato contrário do que sou. Aos poucos a preguiça foi

fazendo com que gradualmente substituísse os livros por filmes do mesmo tipo, que alugo em grande quantidade.

Há alguns anos começaram a faltar-me os amigos. As primeiras mortes foram lubrificadas com muitas lágrimas. As últimas, inclusive a de minha mãe, receberam pouco mais do que um soluço seco. O inevitável, parece ter atravessado o esôfago, onde era peça incômoda que descia ferindo a mucosa, e assentou-se no estômago, onde cabe direitinho, e só eventualmente encosta em alguma parede causando desconforto.

Essa condição fortaleceu ainda mais minha proteção contra as críticas que sempre sofri. Se quando ainda era mais jovem não me importava com aqueles que me chamavam de vagabundo, ou então, dizendo-se preocupados comigo, afirmavam que eu estava jogando minha vida fora, agora consigo até rir de meus críticos.

Pergunto ao senhor, sou eu que jogo minha vida no lixo, ou aqueles que escolheram passar oito ou dez horas por dia durante trinta anos, executando tarefas que em sua grande maioria são tediosas e que, no fundo, se formos seguindo o fio das consequências, não servem para absolutamente nada? Não os culpo e não nutro por meus críticos um pinga de qualquer sentimento que não seja a pena. Não enxergam os resultados de seus atos, pois desconhecem a razão que os leva a executá-los.

Durmo um sono tranquilo porque não tenho nenhum peso sobre os ombros. Se consegui deglutir o inevitável, o que mais poderia me incomodar? Um dia acordei e percebi que havia chegado ao cume de uma montanha de onde poderia assistir à humanidade lutar contra inundações e construir seus dramas, mas que de onde estava nenhuma gota jamais me molharia os pés. Sem que eu percebesse como espaço e tempo tinham agido para destruir minha ilusão, quando me dei conta estava sendo levado pelas águas violentas e sujas de um córrego, enquanto meus críticos tentavam me lançar uma corda. Vou deixar de lado essas me-

táforas antigas que percebo estão confundindo o senhor. O que aconteceu foi que um dia onde nada de especial aconteceu, dia que não era nenhuma das grandes datas que costumam marcar a vida de um homem, de súbito todo meu mundo ruiu. E tudo isso aconteceu depois que eu dobrei uma esquina e dei de cara com uma cena prosaica. Uma avó abraçava a neta e despedia-se da filha e do genro. Não sei por que aquilo me tocou de maneira tão funda que explodi em lágrimas interrompendo a cena que havia me emocionado. As pessoas vieram até mim perguntando se eu estava passando mal. Depois de me acalmar consegui dizer para eles que na verdade eu chorava porque... não consegui completar a frase nem terminar meu raciocínio, não sei o que concluir daquela grande surpresa que estava à minha espera depois que dobrei aquela esquina.

Essas pessoas de quem falei foram as mesmas de quem me despedi na rodoviária de Boituva. Uma amizade se formou entre nós e a cada duas semanas venho visitá-los. Quase sempre acabo derramando umas lágrimas, hábito que acabei também transmitindo a eles.

Durante o período que estou em casa minha vida permanece a mesma, continuo acordando tarde, jogando conversa fora, tomando bastante café e de vez em quando comprando algum selo que acabo juntando à minha coleção para depois guardá-la.

Outro dia, depois do terceiro café, senti uma azia e saí da lanchonete para tomar ar. Na frente do estabelecimento havia um pequeno jardinete com folhagens e algumas flores plantadas. As plantas estavam cobertas por uma fuligem que misturava poeira e poluição. As cores fanadas eram apenas lembretes das que ali deveriam estar. Uma flor que desconheço o nome olhava para baixo, algumas pétalas caídas cobriam o pé de sua haste. O miolo dela parecia uma cabeça que havia desistido de tudo, inclusive da desistência. Pesava-lhe sobre sua condição de flor um fardo muito

maior do que conseguiria carregar, e ela entregava-se ao inevitável, desapegando-se da imagem da flor ideal, aceitando com a mesma força com que antes renegava, a imagem de desbotada e decadente.

Voltei para dentro da lanchonete, havia esquecido da azia e pedi um quarto cafezinho. Atrás do balcão vi um calendário que lembrou que em dois dias eu embarcaria para Boituva para rever meus amigos. Um sabor desconhecido acompanhou meu gole transformando aquele instante numa gota de luz que escureceu meus medos tornando aquele o momento mais precioso de minha vida.”

O homem subitamente parou de falar e achei que ele havia se emocionado, ou então que aquela pausa destinava-se a perguntas. Estranhei o silêncio que persistia e quando olhei para o lado o homem dormia e passou o resto da viagem inconsciente. Quando chegamos a Fernandópolis achei que ele iria querer continuar contando sua história, mas foi embora sem ao menos se despedir.

Ainda confuso com a história que acabara de escutar sentei-me num banco alaranjado enquanto a rodoviária acontecia ao meu redor. Perguntei-me o quanto minha vida se parecia com a daquele homem. Sem saber responder encontrei uma grande diferença entre as duas histórias. Por mais que nunca tivesse realizado nada e fosse um desocupado, ele nutria um certo entusiasmo por seus dias, mesmo sendo eles repetitivos. Ele aferrava-se à rotina como sua tábua de salvação, enquanto eu só tive o mar, meus pés e mãos, os dias nunca foram uma riqueza acumulada, mas uma montanha de areia que precisava remover. Mas talvez para um observador distante que não leve em conta o que os olhos de quem participa dessa disputa consideram, nós dois (e talvez, dependendo da distância em que se encontra o observador, também todo o resto da humanidade) seríamos corpos sem esperança que, enquanto tiverem energias, baterão as pernas e

cuspirão fora a água que teima em inundar nossos pulmões, mas terminaríamos invariavelmente movendo nossas mãos no ritmo das algas do fundo do mar, e olhando sem conseguir enxergar os peixes que se aproximam para nos devorar.

Nunca senti tão forte o desejo de não abandonar uma rodoviária. Por mim ficaria por aqui mesmo, engulo esse mundo em conserva esquecendo que os vinagres e condimentos fazem mal para o estômago. Esqueço-me que lá fora posso encontrar alimentos naturais, e dedico-me a nutrir de azedos e excrementos os pequenos estômagos de meus furúnculos, passando eu a me tornar um abscesso do grande conjunto inflamado formado por eles. Serei a sombra inútil que escorre pelo chão sem que ninguém veja. Quando adormecer carregarei para dentro de mim as paredes e luzes da rodoviária e prosseguirei em meu mundo protegido.

Uma mulher de saia me provoca com suas pernas cruzadas. Engulo a seco um desejo do qual nem mesmo as grossas paredes de concreto aparente conseguem me proteger. Caminho um pouco pela rodoviária e logo alguém ocupa o lugar em que eu estava sentado. Sei que o útero arrumará uma maneira de me expelir, mas até lá vou aproveitando o conforto a que todos têm direito. Descubro que a despeito dos privilégios, a vida dentro de meu refúgio está longe de ser perfeita. Possui os mesmos percalços e premiações da vida lá fora, o que acontece é que ambos chegam até mim atenuados. Sombras projetam-se pelos cantos, invadem esconderijos e desenham grandes formas sem significado. Agem exatamente como a luz faz.

A fome começa a apertar, e quando eu já pensava em revirar as latas de lixo ou esperar pelos salgados que as lanchonetes jogam fora, lembrei-me que tinha algum dinheiro guardado. Para mim soava um desperdício pagar por comida que em poucas horas eu poderia conseguir de graça. Saí da rodoviária e encontrei um pequeno restaurante que servia pratos prontos a

um preço bem baixo. O arroz e o feijão eram servidos em quantidade, o ovo era um ovo, a carne era dura, o que criou tempo para que eu refletisse sobre o caminho já percorrido por mim, meus dentes destruíam com dificuldade as fibras de gordura que tentavam buscar refúgio nas gengivas e buracos dos dentes. E foi exatamente o que fiz durante toda minha vida, tentei encontrar esconderijos para que não fosse triturado. O resultado desse esforço vem sendo satisfatório, mas começo a me questionar se o propósito dessa fuga teria algum sentido.

Tento encontrar possibilidades vivas no restaurante, mas parece que o proprietário vedou todos os buracos. Fica atrás do balcão anotando os pedidos e recebendo os pagamentos, há uma garçonne tão gorda que tem dificuldades para caminhar entre as mesas. Atrás da janela da cozinha e da fumaça consigo enxergar uma ou duas cabeças, às vezes elas parecem ser a mesma, mas tanto faz, quem cozinha cabe exatamente no espaço da cozinha, não há sobras. Saio do restaurante tão cheio quanto vazio, meu estômago pesa, mas eu não sei o que fazer com nenhuma parte do que sou. O mundo espalha-se à minha frente e sinto que também eu escorro um pouco para cada canto. Imóvel, sinto-me outros, sento-me sobre o que fui enquanto olho para a rodoviária. Aquilo me parece tão distante, gente longínqua escondida atrás da bruma... por que eles são? Até é engraçado, como todas as pessoas fazem questão de ser. Ao menos algumas poderiam se contentar em tornarem-se figurantes para si mesmos. Aceitariam a neblina descobrindo as vantagens de viverem afastados dos extremos, mastigando sem receio de perder comida no buraco dos dentes. Mas o mundo fez de todos pequenos sóis que acham que quando seus calores se extinguirem toda a vida que existe também deixará de existir.

Escolho voltar para a rodoviária, mas no meio do caminho mudo de ideia. O útero não permite retornos. Paro em frente a

um ponto de táxi, sentado num banco fico observando o comportamento dos motoristas. Todos têm o tédio estampado no rosto, o que acaba dando a impressão de que foram contaminados por uma epidemia incurável de sono e insônia, nunca conseguiram dormir nem deixar de lado a sonolência. Preguiçosos, esses homens desenrolam seus jornais que falam de violência e futebol. Um deles começa a cochilar sentado no banco do motorista, acho que não vai demorar até abrir a boca.

Lembro-me do dinheiro que tenho no bolso. Uma ideia aleatória me assalta: devo pegar um desses táxis. O absurdo aos poucos vai ganhando fundamentos emocionais, e até alguns lógicos, preciso dar mais espaço em minha vida para o imprevisto, ele poderá me conduzir a lugares que nunca conheci. Mas para onde irei? Não conheço a cidade nem tenho qualquer referência. Resolvo me precipitar e caminhar na direção do táxi, o motorista me vê, e reparo que ajeita-se no banco e guarda o jornal que lia no porta-luvas. Quando abro a porta reparo que o motorista do carro de trás já dorme de boca aberta. Entro no veículo sem dizer nada. Ele me pergunta para onde quero ir. Enquanto gaguejo para responder, tento encontrar algum tipo de lugar que todas as cidades possuem, depois de descartar a própria rodoviária respondendo ao homem com uma só palavra: cemitério.

A corrida é rápida, e apesar de não termos trocado nenhuma palavra, reparei que ele não tirou o olho do espelhinho retrovisor. Talvez acreditasse estar vivendo uma daquelas clássicas lendas urbanas onde o morto pede uma corrida de táxi para levá-lo de volta à sua morada. Quando o paguei acho que desfiz um pouco o encanto, pois nessas lendas o motorista sempre descobre que seu passageiro era uma assombração quando vai receber pela corrida dentro do cemitério, e então encontra sobre um túmulo a foto da pessoa que levou até ali. Antes do táxi partir irrito-me com aqueles olhares pelo retrovisor. Desço do

carro sem agradecer e uma pedra no chão quase me convence a atirá-la no para-brisa. Lembro-me de todas as humilhações pelas quais passei, e apesar de tudo nunca reagi com violência. Se jogasse a pedra estaria modificando um parâmetro de minha vida, e a partir daí teria de reagir de forma proporcional a qualquer contrariedade que sofresse. Atitude que poderia trazer consigo possibilidades radicais de mudança. Fui conservador e deixei a pedra onde estava.

Não tenho vontade de entrar no cemitério, mas uma inércia sustentada pelo arrependimento de ter gasto de forma inútil o pouco dinheiro que possuo, faz com que eu atravesse o portão. Os primeiros túmulos causam uma impressão neutra, como se fossem pedras colocadas ali pelo acaso. Avanço pela ruela central e a primeira imagem que revela o que realmente está acontecendo sob aquelas lápides anti-sépticas, é a de um ramo de flores apodrecidas que derrama suas pétalas destruídas sob o chão de pedra escura. Agora eu estou dentro do cemitério. Sobre uma cruz de mármore negro vejo um passarinho de peito amarelo, essa seria uma excelente foto. Ele bate as asas deixando a cruz sozinha. Os túmulos são como casas, encontramos-os de todos os tamanhos, com maior ou menor luxo. Alguns são bem cuidados e limpos, outros parecem prestes a revelar a identidade dos moradores.

As fotografias impressas em cerâmica são o que mais me chama a atenção. Passeio os olhos pelos nomes, datas de nascimento e morte, mas volto a olhar os rostos e pensar se aquelas cabeças, muitas delas sorridentes, e a maioria fotografada ainda na juventude, imaginariam se aquele instante congelado, aquele momento que quando foi capturado emendava-se a muitos já vividos, e tantos outros por acontecer, tecendo uma linha, que mais do que ser objeto concreto, era fluxo, se aquele exato segundo despercebido, ponto de encontro de vários tipos de memória, serviria algum dia para que outros se lembrassem delas.

Os sorrisos pareciam de uma inocência excessiva, denunciavam que alguma parte profunda da alma suspeitava que aquela pose serviria para essa finalidade.

Encontro um sorriso que... amargo, marinho, arrependido e solícito... ela morreu vinte anos antes do meu nascimento com um ano a mais do que tenho hoje. Pele branca como a cerâmica virgem, cabelos escuros, olhos... que parecem saber que algum dia eu viria aqui para descobri-la. Sinto-a presente. Se o espírito sobrevive à morte, ele deve ter hábitos parecidos aos que tinha quando vivo. Quando os mortos dormem poderão sonhar que continuam... Amanda... umas flores vou te oferecer... gasto mais um pouco de meu dinheiro... margaridas amarelas combinam com tua palidez... vela não vou acender porque não quero formas derretidas ao lado de teu retrato.

Continuo caminhando, cruzo com algumas pessoas que limpam túmulos, um velho conversa com sua mulher enterrada, quando percebe minha presença passa a sussurrar. Descubro um túmulo que está coberto por coroas de flores, o enterro provavelmente aconteceu ontem. As fitas falam de saudade, amizade e amor eterno. Mais alguns dias as flores murcharão e os coveiros jogarão tudo fora. A eternidade é engraçada, nunca ninguém viveu o suficiente para conhecê-la, ela permanece como palavra extensa que pode ser útil àqueles que desejam ultrapassar os limites de seus cotidianos. Eternos, entretanto, são os instantes vividos, o mais prosaico momento carrega dentro de seu bojo um caminho sem fim, mas quando tentamos segurá-lo nas mãos, ele imediatamente torna-se passado, a fruta apodrece anulando os sabores que o fariam se lembrar de outras árvores.

Na avenida central do cemitério há uma grande cruz, uma mulher está rezando. Aproximo-me dela procurando não fazer barulho. Olhando para o chão descubro um rato que sai de dentro de uma sepultura. Ao lado da cruz estão centenas de velas

derretidas que formam um calçamento de cera furado por pavios escuros, há também algumas fotos de pessoas e imagens de santos. A mulher chora e segura ansiosa entre os dedos as contas de um rosário. Está de pé e agora de joelhos. Seus olhos tornam-se pequenos para a quantidade de lágrimas e os soluços transformam seu pranto em algo público. Começo a ficar constrangido, pois mesmo sem ela ter me visto passa a ser uma obrigação moral ajudar alguém que sofre tanto quanto ela. Olho ao redor e não há ninguém além de nós dois. Se estivesse na situação dela não gostaria de ver minha tristeza interrompida por algum estranho cheio de frases feitas. O peso de sua dor faz com que ela deite-se com o rosto sobre a camada de velas derretidas. Vira o rosto para o lado oposto ao meu mas continuo escutando seus soluços cada vez mais fortes. Dou um passo em direção a ela mas paro, caminho na direção oposta, olho para o céu, onde as nuvens quase unânimes começam a dar pequenas brechas para o azul, os soluços são engolidos pelo espaço e agora aguardam os dentes do tempo.

Saio do cemitério da mesma forma que cheguei à rodoviária, esquerda e direita me parecem escolhas iguais. Lembro-me onde o táxi parou e decido voltar para o centro da cidade, tomei essa decisão por puro hábito. Descubro que estou mais perto do que pensava da rodoviária e que o motorista provavelmente deu algumas voltas a mais para fazer o taxímetro rodar.

Se minha pele fosse... talvez... interrompo pensamentos que não fazem... estou de volta a mais um centro de cidade. Encontro o taxista que me levou ao cemitério, ele finge não me reconhecer e cobre o rosto com o jornal... nenhuma raiva... estou meditativo... as bancas vendem revistas e as lanchonetes gordura, o sinaleiro não se decide entre as três cores e as pessoas que atravessam a rua trazem desenhado nos rostos aquela impressão de que aquilo que poderia torná-las felizes, está na posse da pessoa que

está ao seu lado, e essa por ignorância, nem torna-se feliz, nem permite que ela o seja. A velha cidade feita de gente desanimada estende-se por muitas quadras, tem papéis no chão e balcões metálicos, guardas de trânsito e homens barrigudos passeando com os cachorros. A cidade também está tenra de esperança, que vai diminuindo à medida que a pele dos moradores ganha vincos.

Sinto-me distante. As promoções, imagens e cheiros urbanos têm a realidade das vitrines encontradas em sonhos. É novidade para mim sentir-me alheio a esse mundo ao qual sempre pertenci. Sou alguém que estando acordado, passeia pelos cenários de um sonho.

Não presto atenção em nada, pois afinal de contas nada é... são três as camadas que constroem aquilo que agora parece ser minha realidade, a foto da mulher morta, o rato saindo do túmulo e a sofredora que se desfazia em lágrimas ao lado da cruz. Um banco de praça vem oferecer acolhida física para alguém que estava além... os símbolos cotidianos desfilam à minha frente e até parecem fáceis de serem compreendidos, mas no momento eles simplesmente não me interessam. Por outro lado, o que tento decifrar parece estar escrito em algum idioma perdido. Morte, desejo e repulsa se misturam, camadas de símbolos se sobrepõem a desejos reprimidos. Lágrimas verdes escorrem sobre minha pele dourada por um sol que se prepara para ir embora. Destruo sedimentos acumulados em mim desde a infância. O rato rói a manga do terno do meu homem enterrado. Abandono algumas carnes escuras que prosseguem dentro do estômago do roedor até voltarem a se misturar com terra. Sinto-me flutuando dentro de uma bolha de alívio. O sol dissolve minhas espinhas que aos poucos abandonam a memória. Acho que sou o que vivo nesse instante. Os outros eram outros que acabei me tornando. O vermelho mostra o retrato esbranquiçado de Amanda, enquanto é muito azul o piso de velas derretidas sobre a qual a mulher chorava, as cores

se confundem e fundem-se, e dentro de mim, atravessam muros temporais, transpõem a cerca do desejo remontando de maneira diversa meu esqueleto emocional. A lágrima é minha, mas agora que escorre ela pertence ao mundo, eu sou o rato que rói seu sustento das sobras apodrecidas que a vida deixou de lado, sou a chorosa inútil vomitando lamentações, afundando a cabeça de quem tenta lhe salvar a vida em alto mar. Resplandeço dentro de meus armários escuros e depósitos de vassouras. Sou a cor que os outros não enxergam. Ouro envasado em garrafa feita de sucata. Reciclo-me acontecendo como sol que derrete montanhas de gelo que sempre fui, sem ter de ser. Vazo água suja por meus furúnculos amarelados e acabo esvaziando-me até quase secá-los.

Agora, o instante me parece fruta saborosa, manga rosa com pétalas vermelhas, que soa à música de mau gosto. Não há pesos para carregar, minhas costas estão livres, sou outro, mas ele também sou eu, nos encaixamos sem sobras. Nossa soma é também o grão de trigo carregado no bico do passarinho ou o raio de luar que molha as águas do mundo.

Acontecem nos altos cumes das cores, festas iluminadas cheias de rodoviárias e lanchonetes sem graça, desenrolam-se tapetes desenhados com unicórnios unânimes, glorificados por um ar pastoso que absorve gordura, feiúra e devolve fantasia e glória. Eu não preciso de realidade para existir, nem preciso existir para ser real. Nos bailes barrocos onde sou orquestra e dançarino a luz desvela todos os tempos que vivi, minhas lágrimas transmutam-se em cores-acordes e eu giro pelo salão iluminado pelas luzes de todas as horas do dia. Assisto aos dançarinos fêmea-homem-homem-fêmea que têm o rosto de todas as pessoas. A música cromática expulsa de dentro de cada bailarino todos os buracos mudos, e o homem de todos os sexos exala sorrisos-sabores, eflúvios de zangões listrados verde-grená, eclosões de memórias infantis molhadas por sucos deliciosos isentos do peso

do tempo. Um grito de cor rosa vaza por minhas veias cantando sensações tão estranhas que parecem não pertencer a nenhuma realidade. Fui sem ter sido luz, mas continuo acontecendo de forma iluminada e sonora. Frutas apodrecidas são atiradas sobre os dançarinos, e eles as aceitam permitindo que a decadência escorra sobre suas roupas luxuosas até inundarem o chão da sala de baile com um suco pestilento, que começa a provocar lágrimas involuntárias e escorregões grotescos em todos aqueles que ensaiam seus passos de dança.

Duas crianças gritam. Uma persegue a outra, percebo que estou sentado num banco de praça. As memórias do cemitério começam a ser deglutidas assentando-se em meu intestino mental, preparando seu caminho para serem expelidas para o mar das memórias profundas. De onde um dia poderão evaporar e chover sobre a camada mais rasa de minhas recordações, ou até inundar a ideia que estou tendo no instante mais vivo, esse fogo que queima as mãos, e que uns conhecem como “agora” e outros como “eu-sendo”.

Bem na minha frente uma velha e indissolúvel questão, uma grande árvore cheia de cascas cavernosas, raízes rebeldes e tentáculos verdes de uma hera invasora que lhe rodeia o tronco sem forças para estrangulá-lo. Os enigmas somam-se mas o maior deles permanece na copa da árvore, as milhares de folhas continuam balançando inutilmente ao sabor da brisa, cada uma de maneira independente, mas ao mesmo tempo dependente do galho em que está presa, que por sua vez está preso a outro galho maior que une-se ao tronco, que está fincado na terra, cujas raízes espalham-se... cada folha também recebe de maneira diferente os restos de iluminação dos postes e algumas gotas de luar. Sigo-as... mas sei que o único lugar a que chegarei é num bosque sem fim chamado abstração. Sou chamado de volta por uma sensação bem mais concreta, estou com fome. Numa banca de revistas gasto meus

últimos trocados comprando saquinhos de amendoim, doce de mocotó e picolé de manga. A cidade dorme, e com o estômago mais tranquilo decido fazer o mesmo. Ajeito-me no banco da praça e fico reparando em como a lua está amarelada.

Acordo com o corpo doído. Se tivesse dormido sobre a grama talvez meu corpo não reclamasse tanto. Por um instante planejo dormir no chão a próxima noite, em seguida rebelo-me contra essa ideia, preciso arrumar um lugar decente para comer e dormir.

Encontro duas moedas no bolso e deixo que caiam dentro de um bueiro. Na metade da manhã a fome já está de volta. Ao meio-dia desisti de pedir emprego e fui tentar conseguir comida velha na rodoviária. Sem sucesso revirei algumas lixeiras tentando encontrar algo para comer. No fim da tarde voltei para a rodoviária mas a doação das sobras já tinha dono, os mendigos dividiam a comida entre si e não quiseram me dar nada. Entro no supermercado acompanhado por uma tontura que se não viesse junto com a fraqueza até poderia ser prazerosa. Passeio pelos corredores tentando encontrar algum olhar que reconheça no meu, o sofrimento que vivo. Não consigo que nenhuma cabeça permaneça na direção da minha. Supermercados talvez sejam os últimos lugares onde alguém tente descobrir os sentimentos alheios. Troco as pessoas pela comida, é ela que me interessa. As opções são tantas que chego a ficar confuso, meu estômago volta a roncar e minha boca a salivar. Nas prateleiras há muita comida para ser preparada, como não tenho fogão, não tenho nada, presto atenção somente nos alimentos prontos. Enfio sacos de salgadinhos dentro da camisa, o pão de forma faz muito volume. Nos bolsos das calças amendoim japonês. Atravesso a porta de saída sem ser percebido. Uma quadra de distância e sinto que alguém resfolega em minha direção. O segurança me puxa pela camisa que rasga, os salgadinhos caem todos no chão. Continua me perseguindo sem se preocupar com a mercadoria que roubei. Seus

olhos estão cheios de uma raiva sem justificativas. Ele corre muito mais que eu. Entro em um beco apertado onde a vantagem passa a ser minha, dobro duas esquinas e na terceira perco-o de vista, estou bem em frente a uma lotérica, escondo-me atrás de uma placa que promete milhões em prêmios. Agachado, espero meu fôlego voltar ao normal, pela fresta de uma dobradiça espio a rua sem encontrar sinal de meu perseguidor. Observo a placa, que promete além de dinheiro, algo que vem embutido dentro dele. Percebo que meu braço sangra, devo ter esbarrado em algo durante a fuga. Como estou sem camisa as pessoas me olham mais do que nunca. Sou pequeno e estou apavorado. Encontro um canto escuro em um beco que, mesmo sem nenhuma nuvem no céu, goteja sem parar. Sentado no chão deixo que as lágrimas que escorrem pela parede molhem meus cabelos e desçam por meu rosto. Ao contrário da placa que falava do prêmio e prometia... eu não posso continuar desse jeito... caí no fosso que existe no fundo do abismo e daqui onde estou só posso enxergar quem desprezo e almejar me tornar igual a eles. Preciso pelo menos sair desse buraco para igualar-me aos que rejeito e almejar os que admiro. Sou jovem e tenho braços e pernas saudáveis, não posso aceitar o que sou, por isso tenho de me tornar o que realmente sou.

Ao meu lado um cachorro vira uma lata de lixo e lambe o chão tentando separar plásticos e embalagens de restos de comida. Sua longa língua molha o cimento sujo e desejo que fossem meus dedos que recebessem aquela saliva. Lembro-me dos amendoins que carrego no bolso das calças, espalho-os no chão e o cachorro se aproxima de mim. É muito magro e seu pêlo está coberto por pústulas. Devora os amendoins com uma rapidez de alguém que é feliz. Coloco alguns na mão e recebo a carícia de que precisava. Depois de lambe meus dedos o cão vai embora.

Abro o segundo pacote e durante o pouco tempo que levo

para comê-lo, me pergunto por que os olhos daquele segurança brilharam com tanto ódio? Aquele era um cão brabo que teve alguns de seus interesses contrariados. Terminada a refeição ainda tenho fome, meu estômago ronca, não tenho camisa e não sei por onde começar, nem o que devo fazer, não sei nem mesmo se apenas remedio minha situação ou tento uma mudança radical. A necessidade que possuía de mudar parece que vai desbotando suas cores. Vou tocando do jeito que dá, se mudança vier não será uma revolução, acontecerá nas pequenas coisas... quando perceber já estou diferente. Se não vier, continuo meu caminho, faço o que sempre fiz, sujo, gotejo sobre esse mundo sem graça feito de lâmpadas queimadas e objetos sem uso. Torno-me cenário de meu próprio filme, que não terá protagonistas.

Uma tampa de bueiro... conheço o truque... os mendigos escondem suas roupas ali... encontro uma camisa, um pedaço de sabonete, um par de tênis velhos e uma escova de dentes. Visto a camisa e o tecido alcança a metade de minha coxa. Enfio o pano excedente por dentro das calças sabendo que o ridículo será sempre menor do que aquele de quando estava sem camisa. Experimento um raio de felicidade que brilha por um tempo desconhecido no mundo dos relógios, mas que imprimiu em meu rosto um sorriso com o peso da eternidade. A esperança e o sol parecem feitos da mesma matéria renovadora. Fernandópolis acontece ao meu redor e cada esquina parece um entroncamento de possibilidades. Fascina-me o que há pouco me entediava. Ideias mirabolantes raíam e desaparecem no horizonte. Atravesso ruas sem me preocupar com os carros, alguém buzina e me xinga, um homem me pega pelo braço e me pede para ter cuidado pois minha vida é muito preciosa. Reconheço pequenos vendedores que nunca vi, eu sou aqueles homens humildes cheios de pequenas esperanças e grandes resignações. Tenho vontade de comprar um doce na banca de revistas, mas me lembro que não tenho dinheiro.

O raio feliz que dentro de mim brilhou parecendo não ter fim, agora cheira à pólvora queimada, sinto a ressaca da falta de perspectivas, flerto com as grandes rodas de um ônibus e a perspectiva da noite sem lua, estrelas e fim. A vida estira-me querendo dividir o que sou entre duas destinações mesquinhas. Decido que não permitirei que interesses egoístas interfiram em meu egoísmo particular.

A fome tem prioridade em relação à mudança. Lembro-me do que sempre fui e volto para a rodoviária. Ainda não está na hora das lanchonetes se desfazerem dos salgados não vendidos. Imploro doação mas ninguém me atende. Encontro algumas sobras de doces sobre a mesa e antes que o dono venha me espantar consigo devorar uma quantidade suficiente para acalmar meu estômago. Sento-me em um banco e enquanto desfruto os efeitos da glicose em meu organismo, lembro-me do desejo de mudar minha vida... nesse curto espaço de tempo escombros soterraram aquela esperança, e agora a vejo distante, têm olhos abertos mas esvaziados de vida.

Meus olhos passeiam por mulheres, cinzeiros, placas de sinalização, o que enxergo parece ter um cheiro único, que por sua vez está amarrado a memórias de épocas longínquas de minha vida, recordações que apesar de estarem encobertas por camadas muito maiores de destroços, ainda guardam olhos vivos que pertencem a corpos paralisados.

Um nome me chama a atenção. Bem na minha frente acontece o embarque de um ônibus com destino a Itararé. A cidade onde nasci, palco de uma batalha que nunca aconteceu. O sarcasmo faz com que eu mostre meus dentes, mas ninguém percebe. O motorista enfia meio corpo dentro do bagageiro para ajeitar as malas. Não há ninguém na porta controlando os bilhetes. Por um instante penso em me enfiar dentro do ônibus. Talvez algum conhecido, meus pais ou avós ainda estejam vivos. Alguém que

conheça a história de minha origem e queira ajudar. Então a batalha finalmente aconteceria e eu teria uma chance de sair vitorioso, e se fosse derrotado, saberia ter usado todas minhas forças no combate, estaria com a consciência leve pois meu destino era tão definitivo quanto o mar.

Uma velha gorda cheia de bagagens adaptadas, sacolas amarradas com cizal, baú de madeira que não fechava direito, aguardava sua vez para que o motorista acomodasse seus pertences. Depois dela terminava a fila e o ônibus partiria. Eu poderia me enfiar no veículo, mas me lembrei que sempre antes da partida há uma contagem de passageiros. O motorista demonstrou com as sobrancelhas e a boca o que senti quando vi a bagagem da velha gorda. Ela deixou claro com todo o rosto sua preocupação com seus pertences. Li na expressão do homem um arrependimento por ter se tornado motorista de ônibus, no rosto dela enxerguei uma vida construída pelo medo, cheia de sobresaltos. Um casaco de lã azul arrastava uma manga para fora da sacola, sem dizer palavra ela contorceu a fisionomia quando o motorista quase sujou com a sola de seu sapato aquele azul celestial. Desisti de embarcar pois apesar de todo aquele sofrimento que deslizava de um lado para outro, a cena toda foi bastante rápida. O motorista fechou a porta do bagageiro e rasgou o bilhete da velha. Os dois estavam prestes a entrar no ônibus quando a mulher tocou no ombro do motorista, e com o rosto pedindo piedade fez com que ele voltasse a abrir o bagageiro. O homem olhou para o chão e deve ter se lembrado de sua mãe ou avó, seguiu resignado, destravou a porta e metade de seu corpo desapareceu entre as malas. Eu teria um instante. Eu tenho só um, e é isso o que faço, entro no ônibus e encontro passageiros distraídos com o movimento da rodoviária, ninguém nota minha presença. Apesar de vários bancos estarem vazios, sei que por causa da contagem, pelo menos por hora não posso usá-los. Enfio-me

atrás de um banco mas logo saio dali porque estou ao alcance dos olhos de uma criança. A porta do banheiro estava aberta, fecho-a por dentro e fico esperando o movimento do ônibus. Os minutos escorrem espinhosos como se fossem horas amargas. Alguém mexe na fechadura, isso pode ser o fim de meu esconderijo, enxergo toda a cena, a polícia será chamada, eu sendo algemado e humilhado pelos passageiros que me culpariam pelo atraso. Distraio-me com essas previsões medrosas e quando percebo o ônibus está em movimento. A alegria que sinto é desproporcional ao acontecimento. Através do buraco da privada consigo enxergar o asfalto, há também uma pequena janela que abro para arejar o ambiente, minúsculo até para meu tamanho. Quando penso em passar a viagem inteira dentro do banheiro a maçaneta se move e ouço um pigarro de alguém que está disposto a esperar, mas que quer que quem esteja dentro saiba que ele está lá. Espero dois minutos e saio sem olhar no rosto de quem aguarda. Sento-me no primeiro banco livre que encontro. Ninguém percebe minha presença, a maioria dos passageiros dorme e os outros parecem esperar estar em algum lugar, pois onde estão não é lugar algum. Mas há uma exceção, um menino encontrou suas raízes espalhadas entre os bancos e o corredor do ônibus. Brinca com seu carrinho como se estivesse no chão de seu quarto, a velocidade deixa as paisagens para trás mas ele permanece atento a suas brincadeiras e mergulhado no eterno que está disfarçado de efêmero. Ele só para de brincar quando repara minha presença, então passa a não tirar os olhos de mim. Para ele eu não sou apenas um vulto, ou uma cabeça encostada no assento dos bancos. Sou parte integrante de seu espaço, e por isso existo de verdade. Por alguns instantes temo que o olhar da criança possa atrair a atenção de seus pais e eles me denunciarem... lembro-me que ninguém denunciaria algo em cuja existência não crêem. Os olhos infantis logo voltam-se para outro pedaço mais interessan-

te de sua realidade e acompanham seu carrinho, que atravessa com energia as protuberâncias dos encostos das poltronas.

A estrada veste-se de tédio mostrando seus adereços formados por placas publicitárias, vendedores de banana e capões de mata que possuem folhas quase desistindo da cor verde. Alguém... pouco importa a idade ou o sexo, pois essas pessoas que estão ao meu redor também não existem para mim, entra no banheiro, e reparo que tem dificuldade para fechar a porta, bate três vezes até conseguir trancá-la por dentro. Imagino que aquela pessoa entrou ali porque quer fugir. Não suporta mais pertencer a um espaço onde o tempo apodrecido congela almas hibernantes, que fingem que nada existe além da cápsula enclausurada nublada por seus suspiros. Precisa de um ar montanhoso que termine onde comecem as estrelas e que sirva de nutriente para os peixes, que cansados da monotonia do fundo do riacho subam à tona. Procura um tempo vivo, perfeitamente sincronizado com suas desilusões. Quer reconhecer o espaço e compreender as pessoas e a si mesmo como parte dele. Deseja lambe os gostos que a vida esconde no fundo da panela, permitindo que os azedos conduzam a caminhos vividos em outras épocas, mas que continuam existindo do lado de dentro, onde o buraco sem fundo mantém tudo acontecendo.

Esse homem, essa mulher, esse vulto que entrou no banheiro, usará de todas suas energias para conseguir seu objetivo. Se for de movimento que ele precisa para desprender-se de sua colméia, então essa pessoa não hesitará em enfiar-se dentro da privada buscando os grãos de asfalto que correm ligeiros no fundo vazio do sanitário. Não temeria perder um braço, nem as duas pernas, se isso ajudasse a atravessar a barreira que o separa do movimento. Despedaçado flutuaria nas ondas daquilo que se transforma, até despertar nas areias prateadas da praia onde cada pessoa é uma pessoa. E isso é suficiente. A porta se abre e dissolve minhas ideias-nuvens. Quem sai do banheiro é um ho-

mem barrigudo de olhos opacos. Passeia suas mãos mesquinhas pelos encostos das poltronas procurando firmar-se e localizar seu acento. A porta do banheiro permanece aberta e conforme a intensidade da curva, inunda o ar com o barulho de dobradiça mal lubrificada. Os passageiros passam a se movimentar mais nas poltronas, os que estavam dormindo agora de olhos abertos preparam-se para mais uma transição. As placas de trânsito indicam que estamos nos aproximando de Itararé, mas se elas não existissem, conseguiria compreender a proximidade por outros sinais. Troco minha poltrona por outra que fica bem em frente ao banheiro, que agora me parece um portal de transição que vai perdendo suas luzes e capacidades. Em pouco tempo será uma peça inútil e fedorenta.

O veículo entra na cidade. Sou atacado por memórias de todos os pesos. Meus mais tenros anos enviam-me imagens que se misturam com outras que são apenas cristalizações de meus desejos. O ônibus entra na rodoviária e algumas cores que enxergo vasculham sentimentos enterrados no poço mais fundo do que sou. As pontas de meus dedos coçam como se em algum ponto que desconheço, cor e tato, formassem um nó indissolúvel.

Os passageiros começam a descer e sinto uma vontade enorme de rever o banheiro do ônibus antes de partir. Agora vejo uma faixa branca pintada no asfalto que consigo enxergar no fundo da privada. Os grãos morenos de asfalto estão estáticos, o que acaba me trazendo uma cinzenta sensação de morte. Uma gota amarela escorre pelo tubo e empossa sobre a mancha branca que cobre o piso da rodoviária. Para mim isso é suficiente.

Desço do ônibus e a rodoviária me parece familiar, não porque me recorde do lugar que deixei há quase vinte e cinco anos. Mas porque... agora ela não me interessa, quero o contrário dela, descobrir o que se esconde sob minha superfície. Saindo dali caminho a esmo, e é o que faz também minha memória, relacio-

nando prédios com sensações e ruas com gente. Lembro-me da fisionomia de várias pessoas que não sei quem são, meus pais não aparecem nesse desfile de rostos anônimos. Uma antiga sorveteria me enche o ventre de uma felicidade com sabor de uva e morango. Não me recordo do que vivi nesse lugar, nem sei se já estive aqui, mas saboreio o que sinto, que para mim é tão sólido quanto o meio-fio e tão mágico quanto os sonhos que tive antes de nascer.

Dirijo-me ao caixa para comprar uma ficha, e só quando a atendente me pede o dinheiro é que me lembro que não tenho nada. Invento desculpa, sento numa mesa e fico olhando a parede onde estão escritos os sabores. O prazer aos poucos vai derretendo, mas consegue deixar meus dedos lambuzados de felicidade. Nos olhos da vendedora reconheço uma mistura de curiosidade e piedade. Mas isso não me incomoda. Antes de ir embora lavo minhas mãos limpas numa pia que há bem no meio da sorveteria.

A flanela dos engraxates move-se com rapidez e parece lustrar alguma recordação distante, que mesmo polida não tem força suficiente para transformar-se em imagem, então apenas escuto a música dos panos estalando e friccionando o couro. Melodia que vem atada a um momento morto recheado de vida. Não consigo decifrar o enredo desses instantes, mas a fumaça que exalam é suficiente para que os sinta. Embalados juntos com esses segundos acontecem camadas de fatos, algumas delas alheias a mim (pelo menos é o que me parece). A nuvem de cores dissolve-se por causa dos barulhos cotidianos, e descubro uma cidade estranha que serve de morada para um estômago barulhento. As memórias de infância parecem distanciar-se à medida em que caminho pela cidade, Itararé parece nunca ter acontecido dentro de mim, foi apenas o anúncio de uma batalha que nunca houve e que minha imaginação transformou em realidade.

Num restaurante peço comida e recebo um grande prato de papelão com garfo de plástico, arroz, feijão, ovo e salada. Fome saciada e me pergunto o que fazer, esperar por seu retorno para tentar novamente acalmá-la. Sentado num banco de praça tenho à minha frente uma agência bancária e outra funerária. Alguns trabalhadores retornam após o intervalo de almoço, então me pergunto se de uma maneira mais organizada e socialmente aceita, o que eles fazem não é somente garantirem que não passarão fome? Há algo de muito errado. A parte mais preciosa do tesouro está sendo subtraída e os estômagos cheios tornam-se sonolentos, esquecendo-se dela. Os que estão vazios apenas lutam para serem enchidos. Um desespero balança dentro de mim como se fosse uma enorme bola de chumbo que choca-se contra minhas paredes internas tentando derrubá-las. Caminho em círculos pela praça até que ela comece a parecer-se com minha vida. Tudo o que enxergo parecem repetições. Repatrio instantes tão iguais que são um único. Aconteço porque tenho de acontecer, o resto é lenda sobre uma batalha que nunca existiu.

Olhos suspeitosos descobrem minha viagem em círculos, bocas divulgam o que parece não obedecer nenhuma lógica: “dessa maneira aquele homem não está querendo encher seu estômago”.

Sento-me num banco. Estou farto. Poderia dizer que estava farto de tudo, mas essa expressão apesar de parecer mais ampla, é na verdade restritiva, porque acaba concentrando toda a tensão naquilo que não sou eu. Estou cheio, primeiro de mim mesmo e depois de todo o resto. Sou um representante do erro coletivo amarrado sobre meu centro de percepção da vida, carregarei aquilo que detesto nos outros, sempre amarrado sob meu nariz. O fato de sentir permanentemente esses odores desagradáveis talvez explique a passividade que tive em relação a todos que me exploraram. Como poderia revoltar-me contra eles se eu era no mínimo igual?

Mas agora algo diferente começa a acontecer, a revolta flecha o coração que está mais próximo, o meu. Abro a barragem que represa minhas emoções, minhas águas estavam por transbordar. Essa solução efêmera apenas retarda a inundação. Meu sapato tem um furo na sola e ele só vai aumentando conforme esfrego com raiva meu pé no chão da praça. Não suporto mais Itararé. Como não quero ter pés sangrando distraio a cabeça, tomo ar, molho as mãos nas águas do chafariz. A solução é do tamanho do céu cinzento e eu caibo em qualquer canto. Começo a conseguir experimentar desprezo pelos outros. Sinto que rompo a corrente que prende um dos pés. Mas ainda há o outro, as duas mãos, e depois, uma, duas, sei lá quantas portas fortificadas. Em frente a um mendigo barbudo enrolado em um cobertor conheço um mar violento que choca suas ondas raivosas contra o interior de minha cabeça, até que uma só palavra escorra por minha boca. Escuto seus pedidos de comida, dinheiro, ele fala em clemência, deus, filhos e eu lhe grito “Verme”. Ele parece não entender porque o insultei e reforça as explicações sobre suas necessidades. Deixo-o falando sozinho até que quando já estou a uma distância razoável escuto que ele me xinga. O cinza do céu derrama algumas gotas geladas, o que acaba deixando as ruas quase desertas. As casas envelhecidas parecem túmulos mal cuidados, a única diferença são os cachorros que a cada portão fazem questão de me acompanhar com latidos. Meu desprezo inclui vendedores de cachorro-quente, carros estacionados e todos os acontecimentos ao redor, mas preciso canalizar minha mágoa senão ela fica tão pesada quanto a resignação que carreguei a vida inteira. Chuto uma lata longe e ela acaba batendo no pé de um homem, ele me olha querendo que eu peça desculpas e é isso o que eu faço. Mergulho na piscina de águas quentes do conformismo enquanto cada vez mais forte a revolta fere as fronteiras do que eu sou.

Sinto-me estranho. Parece que não faço parte de nada e durante toda minha vida apenas fingi pertencer a um grupo de desconhecidos que nem ao menos notaram minha presença. Essa constatação faz sonhar com o encontro possível, estarei rodeado por iguais que me compreenderão, conhecendo o mecanismo das dores, terão bocas e ouvidos sintonizados com os meus, e eu aliviarei com palavras de compreensão a ânsia que me devora as carnes.

Sou um homem que ainda possui sonhos, essa constatação estampa um sorriso sarcástico em meu rosto. A semente da desilusão ocupa pouco espaço, mas tem o peso de um fardo de feno. Observo como essa carga age sobre os ombros das pessoas que passam na rua. Os jovens a suportam sem esforço, acreditando que sempre possuirão a mesma força e que o peso nunca chegará a incomodar. As décadas vão entortando a coluna e vincando o rosto, o peso que será sempre o mesmo, aumentará porque os músculos enfraquecerão.

Experimento escolher uma pessoa na multidão, um homem de meia-idade que está na fila de uma casa lotérica. Tem os ombros um pouco arcados para a frente, um ventre proeminente que dá ao seu corpo um ligeiro aspecto feminino e uma larga testa que avança em direção da mata rala dos cabelos. Sob os olhos um par de olheiras que devem estar ali há quase uma década.

Mostra impaciência em sua espera e não parece estar interessado em conversas com as outras pessoas da fila. Abel, não sei porque resolvi batizar-lhe assim, talvez por causa da fragilidade que exala por toda sua figura, parece ser alguém que como eu também espera algo diferente daquilo que vive. Não ousaria chamar isso de sonho, mas Abel precisa ter a certeza absoluta que nunca, em hipótese alguma, nem ele, nem as pessoas que trouxe ao mundo, jamais passarão fome, para isso deseja acumular uma quantidade de recursos, quinhentas, oitocentas, duas mil vezes superior ao

que seria necessário para manter a fome definitivamente afastada. Em sua visão ultrapessimista são necessárias centenas de camadas de prevenção para que o mal possa ser contido. Quanto maior o número de anteparos o homem conseguir construir, mais maduro e emocionalmente equilibrado ele será considerado. Como ultrapessimista, Abel só compra bilhetes de loteria por descargo de consciência, conhece suas reais chances de ganhar prêmios. Mesmo assim a compra dessa remota possibilidade parece-lhe uma obrigação moral. Ele respira fundo demonstrando impaciência com a fila que não parece avançar. No fundo de seus olhos vive a decepção por só ter conseguido acumular três ou quatro camadas de proteção contra a fome. Ao lado dela mora um força escura, ácida, que costuma invadir as moradias vizinhas e impor suas cores pelas redondezas. Ali está o medo de que a pouca prevenção acumulada não seja suficiente, e que ele seja obrigado a queimar a camada de gordura que acumulou em torno do ventre. O temor congela as sobras de energia que seu trabalho não consome.

Abel carrega sua própria cela para onde quer que vá, todas suas juntas estão doloridas e ele só não desiste de tudo porque acredita que essa dor faz parte de sua missão humana, e tentar evitá-la, seria de alguma forma fugir do caminho destinado a todos os homens. Ele até orgulha-se da dor que sente e dos calos que a grade que carrega deixa em suas mãos.

Abandono Abel, que finalmente desaparece dentro da casa lotérica. Não quero vê-lo saindo de lá depois de ter realizado o jogo e guardando o bilhete dentro da carteira. Chuto outra lata que não bate em ninguém. Dessa vez tenho certeza de que não pediria desculpas. Pensamentos atropelam-se pedindo lugar, revolta e conformismo buscam sua vez, carrego peso demais para minhas forças, a liberdade é densa como o chumbo.

No meio da praça há uma barraca que vende pasteis fritos na hora. Mesmo sem fome peço um pastel informando que não

tenho dinheiro para pagar. O vendedor diz que não. Saio desanimado e encontro no chão uma lata vazia que me mostra seus dentes afiados, começo a manipulá-la por não ter mais nada o que fazer. Sem querer corto a ponta de meu dedo que sangra e me faz chupá-lo para que cicatrize. Para minha surpresa o mesmo vendedor que há momentos atrás havia negado meu pedido, me chama e entrega, envolto em um guardanapo, um grande pastel fumegante. Não sei o que ele pensou, mas consegui ver no fundo de seus olhos um pouco da negra membrana do medo, talvez temesse que eu sujasse todo seu estabelecimento de sangue em protesto por ele haver me negado o pastel. Compreendendo isso, e mesmo sem ele me pedir, afasto-me de sua barraca e vou comer do outro lado da praça.

Uma mordida na massa libera a fumaça aprisionada no interior do pastel. Descubro que o homem me deu aquele que é recheado com carne moída, ovo e queijo, o especial, que é mais caro. As camadas de prevenção... ele também se preocupa com elas. Espero que a fumaça se dissipe e dou uma dentada, tanto a massa quanto o recheio estão deliciosos. Antes da segunda mordida percebo que a rebeldia ganha terreno sobre minha conformidade. O calor de meu coração faz com que eu desperdice aquela comida que tanto me agrada o paladar. Depois de jogar o pastel no chão esmago-o com o pé até que todo o recheio espalhe-se sobre os paralelepípedos da praça. Uma senhora que passava e viu o que fiz aproxima-se e me diz que, com tanta gente passando fome eu não tinha o direito de desperdiçar comida. Sem saber como respondê-la apenas me aproximo da sujeira, olho-a nos olhos e cuspo sobre os restos de recheio. Ela me chama de “monstro mal educado”, sinto vontade de agredi-la mas apenas me afasto carregando a ofensa. Em que parte escondida de mim estarão meus sonhos? O sol arde poderoso e vou sentindo o latejar de meus furúnculos. O calor flutua acima do asfalto

formando uma bolha de ar quente que todo o céu não parece conseguir dissipar. Gotas brilhantes de piche escuro dão vida ao asfalto fervente.

Encontro a sombra de uma árvore e nela me abrigo do sol e de qualquer pensamento. O calor diminuiu um pouco e as luzes enfraquecem, não sei quanto tempo passei distante de tudo. Viro agora a cera derretida da vela do dia. A proximidade da noite traz algumas lembranças emocionais, não me recordo do fato, mas do que senti. Os primeiros postes se acendem fazendo com que eu sinta, mesmo de maneira distante, a glória que vivi quando criança. Foi uma ausência de qualquer peso para carregar, eu era um rosto recebendo uma brisa frontal, era um corpo inteiro, sem juntas, espinhas, ferimentos, mal-estar, sentia a água do banho secando-se sobre minha pele e era feliz.

Essa recordação borrifou-me com um ânimo que cheirava a botão de rosas. O calor distanciava-se e um simples banco de praça foi motivo para que eu sorrisse. Sentado, vou vendo as estrelas se multiplicarem, tento alcançá-las com um pensamento, mas temo que isso possa dispersar meu bem-estar. Apenas as contemplo tentando não pensar em nada. Um casal de namorados acaricia-se sem perceber nada do que acontece sobre suas cabeças. Não os invejo. Talvez os olhos deles reflitam as estrelas que não enxergam. Aos poucos o bem-estar vai se dissipando e deixando em seu lugar uma paz neutra. Estou consciente e tranquilo, não sinto minha mente anestesiada nem sou perseguido por pensamentos repetitivos, a noite cheira à escuridão. Algumas pessoas caminham ao meu redor, os carros passam de faróis acesos, e nesse instante eu não tenho nenhum desejo.

Quando a noite começa a se acalmar meu estômago perde sua tranquilidade. O comércio está todo fechado e depois de muito tempo sem fazer isso, sou obrigado a recorrer às latas de lixo. Acho que dei sorte pois encontrei alguns pães que não pare-

ciam estragados. Descubro também panos com os quais improviso um travesseiro. O banco dos namorados agora está vazio, a cidade silenciou e as estrelas me parecem um destino inevitável. Apenas o sono pode impedir meu mergulho nelas, mas ele parece distante, desinteressado de sua missão. Elas dissolvem tudo o que há ao meu redor, espalhando melancolia pelos espaços escuros do céu e presenças misteriosas sobre os pontos brilhantes. Estrelas são esperanças duvidosas. Engulo-as desconhecendo o conteúdo. O sono que se encarregue da digestão.

O céu se move, apesar dos que dormem, daqueles que recebem gotas de luzes brancas e de mim.

O sol arrasta os sons da cidade e essas retiram-me da noite particular que vivia. Fervia nesse caldeirão lacrado por minhas pálpebras, uma sopa de retalhos, os meus dias temperados por bolas de fogo caídas do céu, tudo isso desapareceu quando abri meus olhos. A manhã estava de volta. Demorei para localizar-me, o que, de fato, ainda não aconteceu.

Do lago de memória infantil, onde ontem me banhei, só restavam umas poucas poças d'água prontas para evaporar. Desviei o olhar antes que a terra as sorvesse. O mundo se afigurava tão amplo que fiquei ainda um bom tempo deitado no banco tentando descobrir por onde tentaria agarrá-lo. Escuto um barulho à minha direita e isso é suficiente para que eu escolha minha direção. A cidade me parece azeda, sem propósito. Dois homens descarregam móveis velhos de uma kombi de frete, um fogão esmaltado por um verde desbotado, um sofá com forração puída, algumas cadeiras com encosto em fórmica, um grande televisor com portinholas que fecham para proteger a tela. Os homens usam de todo o cuidado, protegendo com folhas de papelão e cobertores, aqueles objetos atacados pelos anos. Os dois homens devem estar próximos dos sessenta anos e talvez o zelo que em-

pregam não passe de interesse pessoal, pois de uma certa forma sentem-se aparentados por parte do desgaste, com aqueles móveis. Aproximo-me deles e meu estômago borbulha. O desejo de dizer-lhes algo escala meu esôfago e faz minha garganta latejar. Meu cérebro procura em vão as palavras adequadas, lembro-me que chamei de “verme” o mendigo que me pediu dinheiro. Eles percebem minha presença, o que só aumenta minha pressa em manifestar o que me fizeram sentir.

Como não disse nada eles voltaram a prestar atenção nas quinas dos móveis, para eles passei a ser um administrador de seus trabalhos. Desisti. Continuei caminhando com uma farpa incomodando minha garganta. Quando me afastei um pouco do centro da cidade e caminhava por ruas com pouca gente, esvaziei num berro começado com a letra “a”, aquele mal-estar que sentia. A garganta melhorou, mas pareceu que a agonia que experimentava apenas mudou de endereço, e agora a percebia na mesma intensidade na parte de mim que não é corpo. O que acho que sou, tornou-se uma garganta inflamada.

Já estou me desfazendo de Itararé, conforme caminho as casas vão rareando e os terrenos vazios aumentando em número. A batalha prometida não teve derrotados ou vitoriosos. Apenas não aconteceu. O que pode ser tão dramático quanto um campo coberto por corpos.

A cidade morreu porque o que piso agora é estrada, a velha geografia que tanto conheço e que parece sempre retornar. As cidades é que são circunstâncias passageiras, minha realidade são as estradas. Reconheço os canteiros de grama, as placas de sinalização, o cheiro de borracha e lona de freio. Enxergo ainda distante um grande posto de gasolina com restaurante e loja de lembranças. No ritmo em que ando talvez leve uma hora para chegar até lá. Sessenta minutos alternando ideias sem importância com expectativas mentirosas. Se andar mais rápido talvez

consiga diminuir esse tempo para quarenta minutos, serão vinte minutos a menos de pensamentos daninhos. Vinte minutos a mais para encontrar comida no restaurante... se os pensamentos são daninhos é porque nascem em terra envenenada. O que faço é fugir de mim mesmo, o que é o caminho mais curto para quem quer deixar de existir.

Quando dou conta desse fato encontro força oposta morando em meu ventre, meu estômago é máquina de viver, preciso conviver com meus odores suportando-os sejam eles quais forem. Estou sujeito a uma lei inexorável que me obriga a viver e continuar desesperadamente a buscar cada gota de vida, esteja ela onde estiver. Reduzo o ritmo de meus passos até que o restaurante pareça estar aumentando a distância que me separa dele. Meus furúnculos latejam e o sol parece querer empurrá-los para dentro.

Chego sentindo um odor de primavera, o restaurante de beira de estrada exala o perfume da missão realizada. No banheiro molho a pele, que se tivesse lábios, sorriria. Por um instante a vida me parece um galho de glicínias balançando ao vento. As flores derramam-se junto com a ilusão no momento em que alguém pede licença para usar a pia. Saio do banheiro e sou surpreendido pelos pedidos desesperados de meu estômago. Os ônibus desembarcam grandes quantidades de pessoas prontas para comer durante a meia hora que terão antes que a viagem recomece. A grande lanchonete oferece balcões só para os salgados, outro para sanduíches, há também um bufê de comida caseira e prateleiras com salgadinhos. Na entrada cada um recebe uma ficha onde são anotadas as despesas. Enquanto reflito sobre o que iria fazer, uma moça me entrega uma ficha e um homem me diz que não posso ficar parado onde estou.

Posso devolver a ficha em branco na saída, mas não é o que escolho fazer. Decido pegar um pequeno sanduíche ou salgado

que possa pelo menos maquiara a fome. Na hora de pagar direi que não tenho dinheiro e que só comi porque estava prestes a desmaiar. Todos os grandes restaurantes devem ter uma solução pacífica para casos como esse.

Passeando pelos balcões descubro as cores vibrantes dos iogurtes e salgadinhos. Vejo um homem que come uma fatia de pizza e rompe o queijo derretido que estica-se a cada mordida. Chego ao bufê de comida sem ter escolhido nada. O vapor quente eleva-se do balcão. Carne, peixe, frango, lasanha, batatas fritas, ovos de codorna, saladas. Encho meu prato com o que gosto. Troco a humildade pela gula acreditando que meu problema não se agravará se eu comer tudo o que consigo engolir. Construo uma pilha de várias cores que contém quase todos os tipos possíveis de comida. A atendente pesa meu prato e cola em minha ficha uma etiqueta com o valor de minha dívida. Antes da primeira garfada tento descolar a etiqueta mas é impossível, se fizesse rasgaria o papel e o valor que seria cobrado estava indicado em vermelho, e era dez vezes maior do que o que eu havia gasto. Decidi não me preocupar com as consequências enquanto não fosse hora, a primeira garfada teve sabor colorido. Usufruí com um tempo particular daquilo que me cobrava tempo alheio. Mastiguei a paz feita em fibras, desfiz com a faca e calma, as conexões que os dias e o pasto conseguiram trançar. Separei o gosto da carne daquele do sal, tentando entender o que meu paladar apreciava em cada um deles. Cheguei à conclusão que sabores são entulhos destinados a preencher buracos vazios. A carne diz para minha camada mais profunda, que sou superior àquele animal que devoro. O sal serve para me fazer esquecer que o corpo que destruo é muito parecido com o meu.

Enquanto tento descobrir para que serve o sabor da lasanha, um casal senta-se na mesa ao lado. Esqueço a comida e transiro minha atenção para eles. Devem ter menos de trinta anos e para

defini-los poderia dizer simplesmente que “encaixam-se perfeitamente”. Ele é a areia que preenche seu buraco e vice-versa. Têm a mesma beleza plácida, que sem ser excessiva, sublinha com vigor as características dos dois sexos. Não é difícil de imaginar a mistura desses sangues, que parecem apenas temporariamente separados. As duas imagens se fundem numa terceira, que não é propriamente a do filho deles, mas de um hipotético sucessor que atravessará séculos sem se importar com a rigidez do tempo.

Ele tem as roupas, o cheiro e a postura de um provedor. Ela é um ninho feminino, discreta e utilitária. Comem pratos coloridos cheios de vegetais e com pouca carne. Ela acaricia a mão dele, que retribui com um afago na testa. Como são diferentes de mim, como estou longe deles, somos quase animais de outra espécie. Quando terminam de comer, o homem saca sua carteira, deve ter muitas vezes a quantia suficiente para pagar a conta. Enxergo dinheiro, um talão de cheques e cartões de crédito, opções não lhe faltam. Levantam-se e seguem de mãos dadas para o caixa. Consigo reparar que ele escolheu o cartão como forma de pagamento. Não sei porque mas tive a impressão que enquanto esperava por seu comprovante, o rapaz disfarçadamente olhava em minha direção. Quando saiu do restaurante de mãos dadas com a mulher, parou para olhar alguns produtos e moveu a cabeça, como se a curiosidade fosse um ímã poderoso contra o qual procurava reagir. Vi quando entraram num carro novo que combinava perfeitamente com os dois.

Terminei minha refeição, e mesmo sem haver reservado espaço para a sobremesa, fiz questão de marcar na ficha uma grande taça de sorvete com coberturas e confeitos. Não consegui terminá-la e agora assisto ao derretimento e à fusão das cores no centro da taça. Uma onda vermelha invade a tonalidade creme enquanto um confeito verde flutua inutilmente na pasta que perdeu quase toda sua rigidez, quando ele finalmente afunda

decido que é hora de ir embora. Mal levanto da mesa e um atendente retira sem cerimônia a taça que contemplei na última meia hora. Há uma pequena fila no caixa, entro nela e quando minha vez de pagar está quase chegando aparece alguém atrás de mim. Não quero testemunhas, então deixo a fila e finjo estar olhando o preço de algum produto nas prateleiras. O movimento aumenta e também meus batimentos cardíacos. Talvez não haja solução pacífica, só humilhação e violência. Examino alguma alternativa, a fuga por uma janela, pedir para alguém pagar minha conta. Não há espaço suficiente para que eu fuja, e não vejo ninguém que não esteja preocupado somente consigo mesmo. Esses lugares de transição são grandes obstáculos para qualquer traço de generosidade.

A caixa agora está livre, a moça me observa, acho que já percebeu que estou demorando muito para escolher. Não perco tempo, caminho com decisão até ela, entrego-lhe a ficha e procuro seus olhos que insistem em fugir dos meus. Ela me diz o valor da soma e pergunta se quero mais alguma coisa. Quando inicio a explicação seus olhos encontram os meus, deixei de ser apenas um número para me tornar alguém que vai marcar seu dia, semana e talvez até o mês. Não descubro nela nenhum resquício de raiva, apenas curiosidade. Digo-lhe que comi porque estava morto de fome e não tenho dinheiro algum. Ela chama um encarregado e sou obrigado a repetir as mesmas palavras para o homem. A fila atrás de mim volta a se formar e o gerente percebe a impaciência dos clientes. Segura-me pelo braço e pede para que eu desocupe o caixa. Reparo que ele não sabe exatamente o que fazer. Precisa proteger os interesses da empresa onde trabalha, mas no fundo parece sentir pena de mim. Afasta-me um pouco mais do caixa e fingindo severidade me diz que se eu tentasse fazer novamente aquilo em seu restaurante eu seria preso e minha vida estaria acabada. Assim como ele, também tive de fingir,

mantive resignação em meu rosto, já que por dentro abria-se um sorriso feito de deboche.

Vejo as pessoas, que após pagarem a conta olham-me com curiosidade. Tenho vontade de gritar que não paguei a conta e que nada aconteceu por isso. Por respeito ao pobre homem que parece mais constrangido do que eu, apenas caminho na direção da estrada. Caminho até sentir que a sola de meu sapato não mais resiste à aridez do asfalto. De tanto pedir que o sol parasse de castigar minha pele, atraí um temporal contra o qual decidi não resistir. A água escorre por meu rosto e mal consigo enxergar a estrada. Olho para baixo e a linha branca me serve de guia. As roupas grudadas no corpo dificultam meus passos. Distante, poderoso, ressoa todo o universo gritando trovões. Temo-os mas eles despertam curiosidade, vou tentando encontrar a linha do horizonte para descobrir o céu. Os ruídos riscam o que acontece por detrás da chuva. O papelão desiste de proteger meu pé. O mundo tem cheiro de grama molhada. As cores começam a voltar, as gotas minguem e as poças esbanjam saúde.

A terra que virou barro agora é lama e sinto-a coaxando entre os dedos do pé. Um exótico gosto de felicidade zumbe dentro de meus pulmões como se fossem um enxame de abelhas que acabou de cumprir sua missão. As nuvens choram gotas gordas que vão rareando mas continuam movimentando a água acumulada nas poças. A estrada manchada por uma camada de chuva prateada, oferece-se toda, não parece ter limites, será que fará alguma diferença caminhar ou ficar parado?

Os passos parecem obrigação de meu corpo, e ele agora é mais pesado que meu desejo, portanto acompanho-o, seja eu o que for, e esteja eu localizado onde estiver. Os carros e caminhões borrifam-me com as sobras da chuva, essa água morta consegue espantar o zumbido feliz que vivia alojado em mim. Minhas pernas obedecem ao movimento do tédio. Tento não pensar em nada

(o que acabaria espantando o tédio), mas sou sempre conduzido a pequenos objetos ou incidentes, que vão sobrepondo-se, misturando-se e dissolvendo concentração. Minha atenção divide-se entre bolhas nos pés, coceiras, a camisa suada que gruda no corpo e o efeito do sol sobre meus furúnculos. Sinto muito menos cansaço do que deveria, acho que é efeito dessa poça hipnótica na qual estou submerso.

Há um outro posto de gasolina no horizonte, mas isso não me traz nenhuma relação com o que aconteceu no posto anterior. Parece que se rompeu em mim um mecanismo responsável pela conexão entre similares. Tudo é novidade, mas apesar disso não deixa de ser tedioso. A cada passo descubro um novo mundo rigorosamente igual ao anterior. Sem perceber deixo o posto para trás. Aos pedidos de meu corpo respondo com água de uma poça e capim do canteiro da rodovia. A noite me traz uma sensação estranha, sinto como se a correia da bicicleta tivesse saído da coroa e eu agora pedalasse em vão. Eu e o mundo estávamos prestes a perder qualquer vínculo. A vida era quase uma bola de futebol cujos gomos não estão costurados. Alojado em um canteiro sentia os caminhões passarem a dois metros de minha cabeça. O friozinho da madrugada ajudado por minhas roupas úmidas, pediu a meu corpo que tirasse meu sono e me forçasse a buscar algum abrigo mais confortável. A parte de mim que compete com meu corpo venceu a disputa, e até consegui dormir um sono cheio de inundações e comidas deliciosas. O sol silencioso conseguiu em poucos minutos o que os caminhões barulhentos tentaram em vão, o primeiro raio de sol fez com que meus olhos se abrissem. Não tinha a menor ideia de onde estava nem porque permitira que os caminhões passassem a menos de um metro de minha cabeça. Aos poucos minha memória foi florindo junto com a luz do dia, e deixaram o sono, o escuro e a morte para outra oportunidade. Lembro-me do distanciamento vivido na noite

anterior. Aquele me parece outro homem, tão diferente do que sou agora quanto qualquer outra pessoa. Ressurge em mim a necessidade de fazer. Como não sei o quê, emprego essa energia em passos bem dados. Estou ansioso pela próxima parada, revolta-me a ideia de alimentar-me de capim e beber água de poças. Também não aceito o fato de não possuir dinheiro nem para me alimentar, e até o fato de ser necessário dinheiro para alimentação. Revolto-me contra os caminhões barulhentos que me despejam fumaça nas ventas, por que essas porcarias feias e desengonçadas precisam existir? Desprezo o paisagismo da estrada, com seus canteiros, acostamentos e equipes de salvamento prontas para varrer para longe das vistas dos viajantes qualquer mancha de sangue ou pedaço de tripa que a estrada venha a produzir. Causam-me asco os comerciantes, borracheiros, donos de restaurantes, hotéis, bares, lanchonetes, vendedores de lembrancinhas, frutas, caldo de cana, milho verde, postos de combustíveis, oficinas mecânicas, todos querendo extrair seus lucros de uma estrada que não sabem de onde vem nem para onde vai, e que nunca, nem nos seus raros momentos de desapego, quando por curtos instantes esquecem-se de contar suas moedas e perguntam-se se aquela bruma escura que se levanta sobre a estrada, participava originalmente do horizonte, nem nesses quase instintos instantes, eles se perguntam qual seria, afinal de contas, o sentido da estrada?

Só não desprezo mais as cidades porque nesse momento elas são apenas memória e prefiro revoltar-me contra o que enxergo. Não escapa de minha ira nem o céu sem nuvens que hoje pesa sobre mim, e para o qual a bruma escura exalada pela estrada, não passa de uma gota de suor que escorre por um corpo saudável. Ele esconde dentro de sua cor e eternidade, todos os matizes sombrios do cotidiano. Quem rodeava a cabeça da mãe quando ela descobrindo a morte do filho, incendiou seu cora-

ção de dor? Quem envolve as horas mortas pelo tédio e sem que percebamos infiltra-se por janelas, arrastando tonalidades de luzes que lambuzam dias repetitivos? Quem é que ouve a todas as grandes perguntas sem nunca oferecer a menor resposta? Contra quem, mesmo sabendo de todos esses pecados cometidos, nada poderemos fazer? Imutável e infindo pedaço de ar vazio e colorido, berço das intempéries e cenário de todas as aventuras, inatingível... revolto-me contra tua essência escorregadia e tua capacidade de escapar por frestas. A revolta anestesiou a distância e transportou-me. Encontro-me em frente ao restaurante do posto de gasolina. Agora é outra a pessoa que comerá sem pagar, peço uma ficha com decisão e sirvo-me sem medo, como se estivesse com o bolso recheado de dinheiro. Sei também que isso deverá causar uma reação diferente da do caso anterior. Não me importo. Engulo a comida olhando para os lados, sem conseguir decidir contra qual pessoa apontarei a revolta que sinto. A comida é muito boa mas meu estado de espírito só me faz sentir o gosto amargo. Entre uma e outra garfada minha mão perde velocidade e meus olhos fixam um ponto vazio, revelo-me... revelo a mim que céu, caminhões, restaurantes, borracharias e todas as pessoas, são apenas símbolos que escolhi para não despejar sobre mim mesmo o ódio que sinto quando olho no espelho.

Detesto minha imagem, mas também o que ela encobre, aquele que sei ser e também o desconhecido que se esconde por minhas esquinas escuras. Passeio a faca por meus furúnculos mas ainda me falta um pouco de coragem para decepá-los. Percebo que algumas pessoas já notaram que não sou igual a elas, e até que estou próximo ao ponto de explodir. Agora fazem o máximo para agirem com naturalidade e procuram desviar meu lado. Sirvo-me de uma quantidade moderada de sobremesa, mas até os pudins parecem um pouco amargos. Enfio um saco de balas no bolso sem marcar na ficha. Na hora de enfrentar a fila para pagar não me importo que alguém

esteja atrás de mim. Quem irá contemplar meu papelão será uma jovem mulher de aparência saudável, uma daquelas que parecem sempre querer lutar contra alguma injustiça.

Chegado o instante reparo nos olhos entediados do rapaz do caixa. Mecanicamente soma minhas despesas e me apresenta o valor. Ao contrário da outra vez, esse reage com indignação quando digo-lhe que não tenho dinheiro. Diz que vai chamar a polícia “Fique à vontade, você estaria até fazendo um favor para mim”. A moça da fila parece apenas entediada e não está interessada em assumir a defesa de nenhuma das partes. Outras pessoas acumulam-se atrás dela querendo pagar suas fichas, nasce um burburinho feito de meios olhares e mãos sobre a boca. Ao contrário do que imaginava, o caixa não chama ninguém e compra para si a falta de pagamento. Levanta-se de sua cadeira e caminha em minha direção. É uma cabeça mais alto e muito mais forte. Apesar disso sei que estou seguro porque um funcionário nunca pode agredir um cliente, mesmo que esse não tenha dinheiro para pagar. Uma senhora chega correndo para intervir, parece ser mãe do rapaz, pede para deixar-me ir porque não vale a pena sujar a mão com vagabundos como eu. Deduzo que ela deva ser a dona do posto e o rapaz está defendendo um negócio de família. Antes que eu consiga perceber que corro perigo sinto um chute no estômago. Caído no chão vejo que ele procura escolher por onde continuará a me bater. A velha grita e alguns homens se movimentam para intervir. Ainda consigo enxergar a moça que estava atrás de mim na fila. Ela apenas desvia o olhar como se tivesse encontrado algo mais interessante numa prateleira. Acompanho com minhas pernas o movimento do agressor, ele me acerta um chute na parte interna da coxa que dói bastante. Dois homens seguram timidamente seus braços mas ele só é detido pelas lágrimas de sua mãe, que soluçando pede para que ele pare. Aproveito a oportunidade e fico de pé. O chute na coxa

ainda arde e tenho dificuldades para firmar o pé. Viro o rosto para a multidão, a moça da fila me olha com uma expressão de asco. De cabeça baixa escuto os xingamentos e ameaças do rapaz e até uma vaia ensaiada por algumas pessoas que estavam por perto.

Caminho o suficiente para poder parar sem que as atenções se voltem para mim. Descubro que há um grande hematoma em minha perna e isso dificulta muito cada passo que dou. Arrasto-me até a beira de um riacho e vou esperando minha coxa parar de doer. Percebo que o riacho que encontrei é na verdade um esgoto a céu aberto. Mesmo assim molho minhas mãos e umedeço a área do hematoma. O cheiro faz com que eu me arrependa imediatamente. Massageio a perna e aos poucos a dor vai diminuindo. Volto para a estrada sentindo que agora carrego mais um peso. Como não preciso chegar a lugar algum vou alternando curtas caminhadas com períodos de descanso. Num deles lembro-me do saco de balas que escondi no bolso das calças. O amargo agora desaparece para dar lugar a um azedo adocicado, sinto que dentro de mim há uma energia poderosa querendo se reagrupar, só não sei qual será sua função.

Essa força empurra-me. Continuo caminhando, a dor transforma-se em rotina. Encontro uma bica d'água, bebo o quanto posso e improviso um banho que pelo menos me livre do cheiro de esgoto. Perto de uma lanchonete encontro alguns sabugos de milho só parcialmente comidos. Enquanto a noite cai escolho os que têm mais grãos e descubro uma mesa de concreto com vista para o pôr-do-sol. Depois da refeição principal, termino com o saco de balas, e com a boca ardendo por causa dos sabores artificiais, encontro uma noite enlutarada riscada por traços verdes feitos por vagalumes. O banco até que não é desconfortável, mas aceito o convite da relva para uma noite de sono que promete ser melhor que a anterior.

Escorrego do mundo dos sonhos para a beira da rodovia. Quando percebo onde estou tento voltar para meu refúgio, mas

já é tarde, o dia lançou sobre mim seus ganchos e agora devo acompanhá-lo até o final, como um peixe que capturado no fundo do mar espera a rede ser aberta no convés do navio pesqueiro. Descumpro um juramento que fiz e a primeira refeição do dia é o próprio capim que me serviu de leite. Como complemento de-voro algumas joaninhas e tatus-bola. Com pés revoltados descubro os primeiros quilômetros do dia. A estrada cheira à borracha queimada e acho que isso deve ser perfume se comparado ao meu odor.

Um borracheiro sujo de graxa troca o pneu de um caminhão. Aproximo-me e percebo que aquele lugar é inteiro sujo, não há nada que não esteja besuntado com algum tipo de substância escura. A vida deve ser a tentativa desesperada de nos limparmos da graxa que nos recobre. Esse creme invisível feito das frustrações da geração anterior. Caminho ao redor do veículo e ele nem nota minha presença. Sobre um pneu caído vejo uma grande faca afiada usada para ajudar a tirar a câmera do aro. Consigo enfiá-la nas calças e cubro o cabo com a camisa. Retomo meu caminho torcendo para que ele não perceba nada. Quando perco de vista a borracharia sinto um alívio e escorrego o dedo pela longa lâmina. Muitas ideias perigosas passeiam por minha cabeça, mas nenhuma tem raízes longas. Preciso escolher bem o local onde colocar a faca, senão ela atrapalha meus passos ou então acaba me ferindo com a ponta.

Descubro um ponto de sangue em minha perna e decido caminhar com ela na mão. Atravesso uma cidade que não sei o nome. É tão igual a outras que poderia se chamar simplesmente cidade. Caminho até a hora da fome e encontro uma mulher gorda vendendo mimosas na beira da estrada. Ameaço-a com a faca, xingo-a, humilho-a, coloco a faca em meu próprio pescoço, decepto um de meus furúnculos e espalho o sangue em seu rosto. Depois começo a furar um a um seus sacos de frutas. A mulher

soluça tanto que parece que vai ter um ataque. Peço o saco de mimosas e ela me entrega com uma mão que treme e tem manchas de meu sangue.

Sento-me a uma distância onde ainda consigo ver de longe os contornos da gorda. Ela cobre o rosto com as mãos, depois abaixa a cabeça sobre sua bancada e esconde-a com os braços. Ninguém para. Ela é invisível para todos menos para mim. Descubro que a crueldade sempre morou dentro de meu estômago, mas eu a utilizava contra minha própria pessoa. Descasco uma mimosa, mas enquanto estou comendo os últimos gomos uma gota de sangue os mancha. É o furúnculo que arranquei. Uma onda de fúria me faz jogar as outras frutas longe, e depois juntá-las para atirá-las nos carros que passam em alta velocidade. Alguns nem percebem de onde veio o objeto, outro responde com uma longa buzina, mas um carro diminui a velocidade e começa a voltar de marcha-a-ré pelo acostamento. O medo inicial transforma-se em agressividade e faço questão de ficar bem à vista. Consigo ver que dentro do carro há um homem, uma mulher e duas crianças. O veículo para e percebo que o casal discute, a mulher segura o homem pelo braço que tenta livrar-se, mostro-lhes a faca jogando-a de uma mão para outra. Uma cabeça de oito anos colada ao vidro traseiro impressiona-se com minha habilidade e desaparece de vista. O carro ainda permanece alguns minutos parado com o motor ligado até retomar viagem. Sem saber o que fazer sento-me em uma pedra e fico longo tempo não pensando em nada. Saio de meu transe com uma ideia fixa: livrar-me da faca. Antes de atirá-la longe, decido apenas escondê-la onde ninguém nunca a encontrará. Ficará abandonada ali tempo suficiente para que a ferrugem devore sua lâmina.

Não tendo nada para comer, não encontro, na estrada, nenhum sinal de restaurante ou vendedor de comidas. Prefiro mor-

rer de fome a voltar na banca de frutas da gorda. Ela agora parece estar enxugando as lágrimas e contabilizando os prejuízos. Masco o mesmo capim que jurei nunca mais tocar. Sinto-me um fraco, fracasso, frágil, o ódio que corre por minhas veias aumenta a fome, devoro ervas daninhas que me ferem as gengivas. Cuspo sangue, as plantas têm gosto animal. Uma energia violenta está se espalhando por todos os cantos de meu corpo, nutrindo meus desejos que gritam como oito bocas de pequenos pássaros ansiosos pelo que a ave mãe despejará dentro de seus bicos. Assim como eles não consigo enxergar a comida e angustio-me, mas ao contrário das aves não percebo nenhuma presença destinada a prover minhas necessidades, por isso meu desespero é maior. A terra está úmida, encho minha mão com um bocado escuro daquilo que normalmente é a refeição que nenhum homem desejaria fazer. Com grande dificuldade mastigo a terra, imaginando que o que ingiro é um suculento pedaço de carne. Depois de engolir o primeiro bocado encho-me de energia e mastigo com vontade o que restou. Terminada a refeição limpo a boca com o braço e espero os efeitos dela sobre meu corpo. Se nada acontecer, e o que comi transmitir energia a meu corpo, então terei descoberto uma fonte interminável de nutrientes.

Enquanto termino de vomitar penso como pude ter pensamentos tão tolos. De estômago completamente vazio sinto na boca a essência do amargo. Se minha alma existisse estaria agora embebida numa solução de formol fechada dentro de um velho vidro de conservas que estaria trancado dentro de uma sala escura e subterrânea que não era aberta há mais de um século.

Retiro a faca de seu esconderijo e a coloco na cintura, cabo exposto, lâmina disposta a tudo. Deixando de lado o calor e a distância enfrento um mundo linear que não parece fazer nenhum sentido, a estrada desenrola-se como um grande ponto de interrogação que a nada responde. Fico sem saber por que

minhas mãos tremem. Recordações embaralham-se na memória e sinto que tentam fazer o mesmo com minha vista. Paro, respiro e deixo a tontura ir embora. Encontro a linha branca que devo seguir, por um instante desconfio se a confusão de sentidos não está querendo com que eu pegue a estrada no sentido contrário, fazendo com que eu volte sobre o caminho já percorrido. Alguns pontos de referência me mostram o lado correto, mas à medida que vou caminhando vai ficando claro que todas as direções se equivalem, e que caso eu tivesse voltado sobre os passos percorridos, isso não faria diferença alguma.

Vejo à distância um homem que caminha pelo acostamento na direção oposta à minha. Consigo enxergar apenas um vulto, mas a cada passo que dou nossa distância diminui em dois. Por causa da inclinação da estrada o homem parece fugir de um horizonte que o persegue, e que por sua vez vem a meu encontro. Sinto grande curiosidade sobre aquela pessoa, talvez eu a tenha atribuído o sexo errado, e quem esteja vindo seja uma daquelas mulheres cujas ancas sempre deixam alguns centímetros de fora quando sentam-se nas cadeiras alaranjadas das rodoviárias. O que eu faria então? Usaria a faca para violá-la, gastando minhas últimas energias nesse ato? Pediria humildemente se ela não poderia me ajudar com a comida? Ou então simplesmente cometeria alguma crueldade, que para mim de nada serviria, mas que pelo menos faria com que ela conhecesse um sofrimento parecido com o meu?

A distância encurta rapidamente e já consigo identificar que é um homem que caminha em minha direção. Parece estar carregando algo nas costas. Será que o ameaço com a faca ou com minha humildade? De qualquer maneira é melhor esconder o cabo da faca embaixo da camisa para não atrapalhar, seja qual for minha decisão. Ainda não consigo decifrar sua fisionomia mas já sinto que seus passos são mais determinados que os

meus. Ele caminha contra a distância enquanto eu apenas ignoro sua existência. Talvez tenha ideias parecidas com as minhas, mas ao contrário de mim, já fez sua opção, escolheu sua presa no horizonte e agora apressa-se para abatê-la. Preciso estar pronto para me defender. Também pode ser que nem tenha me notado. Está absorto por ideias que transformam a paisagem em brumas sem formas. Já consigo ver que ele carrega algo nas costas, um embrulho ou uma mochila. Pode ser que esse homem tenha coisas a me dizer ou então só queira escutar. Se assim for, o que terei para contar-lhe? Ele tem dois pedaços de corda encaixados nos braços e o embrulho que carrega é envolvido por lona preta. Construiu com os materiais que tinha uma maneira de transportar sua carga. Está vestido com roupas escuras e pesadas demais para a temperatura que faz hoje. Eu caminho leve mas carrego outros pesos. Difícil dizer a idade desse homem, a barba cerrada e as manchas de sol dificultam um diagnóstico, acho que para ele eu devo apresentar o mesmo problema. Já consigo enxergar seus olhos, ele aponta a cabeça na minha direção. Seguro firme no cabo da faca, meu coração acelera. Mais alguns passos e percebo que apesar de sua cabeça estar na direção da minha, seus olhos não fazem o mesmo, vagueiam em busca de um horizonte que parece difícil de encontrar. Enquanto isso, os meus, são dois buracos que nunca tentaram engolir nada que não tivesse forma sólida. Mastigo com as mandíbulas de meus globos oculares os pedregulhos que os dias derramam sobre mim. Esqueço que acima deles há as nuvens. Elas sempre me pareceram detalhes sem importância por não poderem ser espremidas entre os dedos, nem conseguirem ferí-los.

Conforme nos aproximamos percebo o quanto esse homem é alto, se quisesse me destruir não precisaria de armas. Mas não vejo nenhum sinal desse desejo naquele rosto, que além de apontar para as nuvens, também parece-se com elas. Pelo aspecto de

suas roupas ele deve ser um andarilho que já teve rotina organizada na cidade, mas que um dia trocou tudo pelo movimento. Nesse aspecto, onde poderia haver maiores semelhanças entre nossos dois casos, as aparências fraudulentas acabam manchando o triunfo da lógica. Para mim a estrada é um labirinto de espelhos onde não enxergo nada além de minha própria imagem deformada. Acho que o pacote que ele carrega nas costas contém tudo o que precisa para a vida que se dispôs a levar. Com as necessidades básicas supridas sobra-lhe tempo para as brisas e a queda das flores quando se desprendem dos galhos.

Ele já está bem perto e só agora vejo que tem uma faca pendurada na cintura. Meu peito congela, meus dedos perdem a independência e só o que posso fazer é esperar. Paro de andar. Ele usa sandálias de couro e dá passos grandes como três dos meus. Seus movimentos tem o som de uma máquina determinada, e já sinto o cheiro do atrito entre vida e homem. Perfurando seu lugar no mundo ele deixa marcas invisíveis de sua passagem a cada metro que avança. Sua respiração tem a solidez da caldeira de um velho trem exalando vapores. Viro-me de costas, não tenho nada a perder. Dois instantes depois afogo-me numa grande sombra e sou eu quem passa a enxergá-lo de costas. O gigante despreocupado continua perseguindo com a cabeça o ponto mais vago do horizonte. Com algum prazer acompanho os efeitos da distância sobre seu tamanho, até que ele não passe de um ponto esmaecido que se confunde com a bruma que a estrada exala. Enterrado o grande corpo, ganho confiança para prosseguir. Depois de três passos percebo que aquele homem me acompanha. De alguma forma ele transmutou-se em perguntas que gritam agudas e cortantes. É difícil conviver com o contrário do que somos. Com a energia de um angustiado arrasto o peso herdado do andarilho até que o asfalto corrosivo o vá destruindo, como faria a um pneu estourado que insiste em prosseguir viagem.

Esvaziado, deixo que a estrada decida meu destino. Acompanho-a sem desconfianças. O fato de não ter de me preocupar com o caminho me deixa tempo livre para a reflexão, e pensando melhor, descubro que não existe nada nem ninguém vazios. À medida que vazamos nosso conteúdo anterior, nos enchemos do próximo.

O tempo agora parece um besouro, que virado de barriga para cima, move em vão as perninhas tentando reencontrar sua antiga rotina. Transcorre sem que eu consiga perceber sua passagem. Como a lembrança de um homem morto, que vai sendo minada até que um dia chegue-se a duvidar se ele realmente existiu. Tempo corroendo seu próprio intestino. O sol diminui e a brisa seca as gotas de suor de meu rosto. Mas dessa vez isso não me acalma, a falta de esforço físico vai fazendo com que minha energia seja novamente aplicada para reflexão, e o pensamento sempre me conduza até a dor, e ultimamente ela (a dor) me conduz até a revolta. Mas a estrada é o último lugar para os revoltados, aqui não há maneiras para canalizar a rebeldia. As linhas brancas e o asfalto abrasivo dissolvem qualquer tentativa.

Mais uma noite igual, deitado num canteiro barulhento que cheira à fumaça escura. Numa lata de lixo encontro pães velhos. A faca continua comigo e talvez seja o único instrumento que encontre para exercer minha revolta. Mas de nada adianta a fermentação se desconheço a causa que não me deixa em paz e não busco nenhum objetivo.

Mais duas noites aconteceram (a segunda está terminando), com seus dias cheios de instantes vazios, de matéria concreta e repletos desses laços misteriosos que amarram momentos de todas as épocas, embaralhando o que esperávamos fosse linear. As gotas luminosas de luz tem panças de mosquito, cheias de sangue inútil, e essa é só uma das contradições que me espetam os ânimos. Aperto um furúnculo de meu queixo até a dor se tornar quase insuportável. Meu sangue se revolta e a noite começa

a morrer. Uma fraca mancha de claridade suja o azul-escuro, e antes que eu pense qualquer coisa escuto o canto do primeiro passarinho. A estrada é silêncio provisório, o asfalto escuro convivia para continuar o sono no meio da pista. Meu queixo lateja e meu estômago reclama, ignoro as vozes que escuto, quero tentar obedecer só a mim mesmo. Pelo menos acreditar que faço isso. O dourado já dominou o horizonte e agora espalha manchas pelo asfalto. O movimento da estrada ainda é pequeno, são caminhões em baixa velocidade cujo ronco do motor parece um grito agudo de tédio (caso ele não fosse silencioso). O dia espalha-se em mim. Os instantes são abastecidos por gotas de realidade e em seguida desabam mortos, transformando-se em folhas secas que formam a memória. Minha angústia transfere-se para a energia com que caminho e avanço depressa para depois encontrar alguma clareira onde fico duas horas chutando latas vazias e gritando palavras desconhecidas.

O sol vai fazendo seu trabalho de erosão em minha pele, mas se agora tivesse um espelho não mais fugiria da imagem dos vales e morros que desenham a geografia de meu rosto. Talvez até colaborasse voluntariamente com as escavações, usaria a ponta da faca para afundar depressões e aumentar montículos.

Mais uma noite e a pergunta se renova: por que? A vida parece uma viagem na qual desconhecemos a origem, o destino, e onde encontramos pessoas caminhando na direção oposta à nossa. E a brisa, as folhas mortas, a estrada, os caminhões e todo o resto, tudo faz parte desse embrulho sem respostas que está acontecendo da mesma maneira que o furúnculo que decepei está latejando. Aproveito o embalo e corto mais um, dessa vez a dor é menor mas o sangramento maior. O tecido de minha camisa acumula uma mancha arredondada que faz parecer que fui ferido no peito. Uma estranha paz acontece ao meu redor, eu sou a isca que vai encerrar a tranquilidade da própria paz. Quando ela me engolir estará per-

dida. Enquanto isso vou saboreando as tonalidades avermelhadas que mancham as nuvens noturnas. No ar imóvel há um odor de orvalho, e em plena noite sinto o peso da luz do dia seguinte. As fronteiras acontecem dentro de mim. Do lado de fora do eu, peixe, anzol e água são todos o mesmo líquido.

A manhã noturna juntou para si algumas nuvens. Acordo quando uma gota derramada do céu molha meu rosto. Passo a mão e a ponta de meu dedo volta um pouco avermelhada. Durante um instante acredito que as nuvens sangravam, depois a recordação do que fiz comigo mesmo ilumina o dia que começa. A energia está de volta e trouxe com ela aquele monstro irregular que urra, chora e busca um espaço onde possa enfiar o focinho para dilacerar quem passe por perto.

Na lixeira de uma grande lanchonete de beira de estrada encontro restos de carne. Roo os ossos até deixá-los esbranquiçados. Alguns adolescentes zombam de mim chamando-me de vira-latas. Atiro um osso na direção deles e rosno como um cão enfurecido, eles se afastam amedrontados.

Alguns quilômetros depois vejo uma placa demarcatória da fronteira entre os estados de São Paulo e Minas Gerais. Como nunca saí de São Paulo uma curiosidade infantil me impulsiona na direção daquele marco, que racionalmente sei não representar coisa alguma. Mas a surpresa escondida dentro de papéis dourados sempre promete ser algo infinitamente mais interessante do que a realidade revela. Meus dedos ansiosos impulsionam meus pés que agora pisam território mineiro. Logo na entrada do estado há uma cidade chamada Frutal. Sou atraído por esse nome, principalmente por causa da sede que estou sentindo. Imagino uma grande melancia gelada que teve uma parte comida e onde formou-se uma poça de suco. Na entrada da cidade peço a um homem que lavava o carro, se posso beber água da mangueira. Ele permite e dou os goles mais prazerosos de minha vida. Apro-

veito para lavar o rosto e as mãos, e vejo quando algum sangue coagulado se desprende de meu rosto. Devolvo a mangueira ao homem cujos olhos misturam estranhamento e desconfiança.

Caminho pela cidade que é quase toda horizontal e se parece com muitas outras que já vi, principalmente porque as pessoas são idênticas aos habitantes dos outros lugares. Bem no centro da cidade há algo que destoa, são catorze andares empilhados furados por janelas mesquinhas. O prédio estúpido se ergue cheio de noventa graus e obrigações. Os buracos envidraçados quase não conhecem cabeças. O sol foi estudado para iluminar os móveis (mas não muito). Nesse edifício os pés encarcerados não pisarão terra e nem o homem conhecerá aquele que dorme sobre sua cabeça. Carpetes e regulamentos garantem a limpeza da área comum. Câmeras e vigias asseguram a continuidade do que já existe. Escadas e elevadores são túneis que impedem respingos de tudo que não esteja esterilizado. A vida é uma paisagem muda vista do alto. Os cabos conectam cada toca com todo o mundo inodoro. Os porteiros são seres anônimos que os donos de casulos devem tratar como animais amestrados, oferecendo de tempos em tempos recompensas para que eles não sabotem seus ninhos de barro. Chamo de estúpido o prédio, mas esse adjetivo combina mais comigo, sou um ser feito de miolo e alma moles, que sabendo serem os prédios arapucas, não consegue dar-lhes nenhuma resposta. Prédios são perguntas ansiosas para deixarem de existir.

Sou o fraco que as ouve e se cala, e por isso sou ansioso, magoado, infeliz, e sendo biltre e mentiroso, trato-me a mim mesmo como se fosse uma outra pessoa, e acabo dizendo a todos que errado está quem não admira os prédios.

O ódio morde todos os cantos de meu ventre. Não sinto fome mas adoraria morder algo sólido e sem sabor, ignorando meus dentes. Que se quebrem todos, mas que minhas mandí-

bulas devorem um pouco do peso negro que meu estômago não consegue suportar.

Detesto tudo aquilo que possuindo uma identidade, usa-a para representar algo que não a si mesmo. O prédio é uma mensagem disfarçada em concreto armado. Mas o peso ácido que derrete minhas entranhas é causado principalmente pelo grande símbolo religioso, sou uma mensagem subliminar que divulga interesses alheios. Sou envenenador e vítima. Sou um monte de coisas diferentes de mim, cada uma lutando para existir e formando essa resultante canhestra que não é nada porque é quase tudo. Pareço-me com Frutal, cidade horizontal perfurada por um único prédio grande. No meu caso o edifício é aquilo que eu entendo por mim mesmo. Aquele filme que inicia a projeção quando abro os olhos e só termina ao adormecer. Sou os outros mas os outros não são eu.

O calor me faz tirar a camisa, reparo na mancha de sangue e a enfio dentro de uma lixeira. Com todas minhas espinhas do peito à mostra, quando cruzo com uma mulher que leva seu filho pequeno para passear, percebo como a criança aponta para mim com curiosidade e pergunta à mãe porque sou daquele jeito. Ainda consigo escutar a resposta da mulher “porque Deus quis assim”. Saco da faca e à vista de todos, decepto uma grande espinha do peito, que enche meus olhos de lágrimas sobre as quais não possuo controle. Os olhares espantados dos habitantes de Frutal parecem ter sido feridos em alguma espécie de dignidade que os faz serem do jeito que são. Aqueles que assistiram a meu sacrifício foram tocados pelo que viram e contarão aos outros que logo modificarão a vida na cidade. Derrubei um pilar do grande edifício, agora preciso me apressar para que ele rua de vez, encurtando o sofrimento dos que vivem aprisionados dentro de meias-vidas. Esqueço das lágrimas, cerro os dentes, junto todas minhas forças e num movimento único que começou abaixo do umbigo

e prolonga-se quase até o pescoço, decepto todos os furúnculos, espinhas e imperfeições que tinha na barriga e no peito. Concentro toda a dor que já tive num único urro, que atrai a atenção das pessoas distantes e espanta os que estavam próximos. Meu peito jorra por duas dezenas de pequenos buracos.

Espalham-se ao meu redor retalhos de minha vida, estão coloridos por muitas tonalidades. A memória parece que conseguiu escapar do porão e agora inunda a consciência. Nessa enxurrada flutuam os móveis e utensílios que me ajudavam a viver. Convivo simultaneamente com instantes de minha infância, adolescência e com o agora.

O medo me faz correr até cansar. As coisas se acalmam e me alegro por sentir as dores de meus ferimentos e nada mais. Enxergo a repulsa nos olhos ao meu redor, mas isso não tem nenhum efeito sobre mim. Talvez o que vivi possa ter sido uma alucinação causada por anos de alimentação inadequada, ou então ter outra causa fácil de explicar. Preciso pensar no que vou fazer. Começando pelos ferimentos, vou buscar ajuda em algum hospital público. Depois tento conseguir uma camisa nova e continuo o que sempre fui. Na frente do hospital apalpo meus ferimentos que já não sangram mais. Longas filas se formam, gente gritando de dor, parentes discutem com enfermeiros, crianças choram e um policial militar tenta organizar a fila, agindo com firmeza ou delicadeza conforme a situação. Antes de conseguir me cadastrar desisto do atendimento. Num chafariz lavo cada um dos buracos que tenho no peito, alguns voltam a escorrer sangue, outros parecem querer formar logo suas crostas e já amarelam as bordas dos ferimentos. A ardência se espalha por todo meu corpo, como se uma camada de pele tivesse sido retirada. Ardo como uma bola incendiária que lateja e me coloca no limite do suportável... a infância novamente... não são memórias, eu revivo momentos, estou mergulhado neles e nesse líquido só enxergo trechos já vi-

vidos. Tornei-me um filme. Dizem que antes de morreremos enxergamos uma seleção de momentos vividos. Não acho que os ferimentos de meu peito sejam capazes de me matar. Com que outro disfarce poderá ela querer se aproximar de mim? Afasto-me da beira das calçadas para não ser colhido por nenhum carro desgovernado, mantenho distância razoável das pessoas, todos são suspeitos.

Deve ser apenas a má alimentação, ou o nervosismo, que fizeram com que se descolasse em mim a membrana que envolvia a memória, embaralhando realidades. Algo como a carga de um caminhão que se mistura após uma freada brusca. Agora não é apenas a última camada de recordações que tem maior importância, nem as mais antigas vão perdendo poder à medida que são encobertas, agora todas tentam por alguns instantes assumir o volante do veículo que é minha consciência. Tento explicações lógicas... mas sei que acreditando em teorias científicas acabo esquecendo que ela me persegue, e apenas aguarda uma pequena distração minha para consumir-se.

Agora é minha convivência com o porco aleijado o que enxergo. Contemplo as longas caminhadas, a paciência que fui obrigado a ter, e um certo carinho, baseado em piedade mútua, que se desenvolveu entre nós. Mas acho que o verbo ver não é suficiente para descrever a sensação, ao mesmo tempo em que acontecem as imagens, sinto-as e vivo todas as sensações que as acompanham, mas também sei que aquele que viveu a cena, fui eu, não sou mais. E para complicar mais um pouco, fui, mas simultaneamente continuo sendo.

Esvaziou-se a tela e agora estou novamente em Frutal sem saber para onde ir nem por qual ralo está esvaindo minha razão. Caminho lentamente procurando não encostar em nada nem esbarrar em ninguém. No céu há uma paz azulada que me causa grande inveja. Se pudesse dizer que nessa vida conheci algo di-

vino, esse objeto seria uma nuvem. Talvez não ela mesma, mas algumas de suas características, seu ritmo, como ela suavemente desprende-se, divide-se, muda de lugar, como se esconde para reaparecer carregada de ira, como dissolve a dureza de um dia ensolarado. Sua capacidade de criar novas cores misturando as luzes ofertadas pelo sol. As nuvens são meu refúgio secreto contra a tempestade da consciência. Nunca senti o mundo tão hostil. O cimento cinzento das casas sem graça combina com os olhos desconfiados das pessoas que cruzam comigo. Os poucos que sustentam o olhar parecem querer desafiar-me, daí é minha vez de baixar a cabeça. Logo em seguida olho para cima e peço às nuvens um acolhimento que não posso receber. Preciso ser recepcionado por mãos que me afaguem o rosto e por uma cabeça que encoste-se à minha. Como já desisti das pessoas, tento encontrar algo que possa substituí-las. As nuvens talvez pudessem superá-las, mas como não estão ao meu alcance, permanecem cenários irreais de batalhas que nunca aconteceram.

O que me sobrou? Minha realidade são meus pés, que fazem com que eu não permaneça em lugar algum, arrastando-me entre acontecimentos, fazendo-me sentir-lhes o cheiro sem nunca experimentar o gosto. Sobrou-me a irregularidade, a mancha, o descuido, o azedo, a azia, a pilha de garrafas cobertas por teias de aranha, o suspiro vazio do homem sem esperanças, o cochilo cheio de sonhos avermelhados, sono frágil de um filho enquanto vela o corpo da mãe. Sobrou-me seguir sendo o que sou, buscando na rigidez das paredes de concreto o calor das mãos carinhosas. Descobrimo o segredo da transformação. Um peixe também é água.

Um carro buzina para mim e acordo para uma realidade que agora descubro não ser a única. O mundo de tons pasteis e luzes sem convicção inunda-me com seus sons misturados e frases incompletas. As ruas têm cheiro de gente e as pessoas se parecem com atores de um teatro de marionetes. Há uma estranha camada de co-

res irreais que vindo do horizonte, parece ser o que mantém unidos todos os itens dessa mistura. Em cada passo que dou carrego o peso da falta de sentido. Por isso caminho lentamente e temo que meus ossos possam não resistir. Alguém me olha sem querer me desafiar, respondendo-lhe com curiosidade. Ele parece nem notar os ferimentos que tenho no peito, aperta minha mão e me oferece um revolucionário aparelho para cortar frutas e legumes. Em cima de um caixote faz uma rápida demonstração de como funciona a engenhoca e me entrega algumas fatias de cenoura e nabo recortadas de forma ondulada. Começa a me explicar todas as possibilidades, o aparelho picota vegetais da maneira que eu desejar, se quiser até meu próprio rosto posso imprimir em um rabanete ou abacaxi. O homem é envolvente, e quando percebo que o que ouvi era apenas o princípio das explicações, interrompo-o “não tenho nenhum dinheiro, nem um centavo”. Ele decepçiona-se por alguns instantes e sem me dizer nada oferece com a mesma simpatia seu produto a uma mulher que passava. Eu fico com as rodela de nabo e cenoura na mão, e sem saber o que fazer enfio-as na boca. Não sinto gosto de nada mas quando lembro que ele disse que poderia até mesmo estampar meu rosto nos legumes, mastigo-as com vigor e engulo tudo.

As fatias insossas tiveram o poder de despertar uma fome que há muitas horas hibernava. Um vendedor de cachorro-quente está instalando seu carrinho, acende o fogareiro para esquentar as salsichas, penso em roubo, em implorar, em olhá-lo até que ele se incomode com minha presença e me dê um sanduíche. Ele nem percebe onde estou e acabo escolhendo deixá-lo em paz. De longe vejo quando ele vende o primeiro sanduíche e recebe duas moedas como pagamento. Tenho vontade de voltar lá, roubar-lhe as moedas, comer todos os sanduíches que conseguir e estragar o resto da mercadoria que não puder devorar. Curvo-me, abandonando os instintos agressivos. Vivo alguns instantes de paz que experimentei enquanto trabalhava na loja de roupas. O passado volta a me circundar com seus tentácu-

los, projetam-se instantes misturados, agora sinto pequenas alegrias de uma brisa lambendo minha testa suada enquanto caminhava pela rodovia. Com os dedos apertado um de meus ferimentos do peito e a dor me traz de volta. Estou numa rua de Frutal e de longe enxergo o vendedor de cachorro-quente. Agora só o que quero é me afastar dele. Caminho tentando encontrar as mãos e cabeças que poderão me acolher. Desisti da desistência e nesse instante qualquer ser humano poderia oferecer o acolhimento que preciso, mas todos parecem invariavelmente fechados, um fosso cheio de repulsa me separa daqueles que poderiam me salvar. Odeio-os todos por isso. Em seguida percebo que fazendo isso apenas aumento ainda mais a distância que me separa de quem conseguiria me ajudar. Destruído o ódio sobra-me um gosto amargo que faço questão de cuspir no chão.

Caminho por ruas iguais cheias de pessoas tão parecidas... sinto-me como se tivesse entrado em um labirinto, e não conseguindo encontrar a saída apenas espero pelo minotauro que virá me devorar. Mas a fera mitológica sou eu mesmo. Se encontrar alguma saída ela continuará em meu encalço, e sua maior perversão será que em mim nunca cravará seus dentes ou garras. Apenas continuará me perseguindo para que eu nunca deixe de fugir.

De longe avisto aquilo que promete ser a porta de saída desse labirinto. Enquanto caminho na direção do prédio, me ocorre que talvez aquilo seja também a porta de entrada de outro mistério construído em forma de repetições e falsas possibilidades.

Já estende-se à minha frente a estação rodoviária de Frutal. Foi em prédios como esse que construí a maior parte da memória que ainda guarda cores parecidas com as originais. Apesar de que, mesmo nos instantes em que foram vividos, esses acontecimentos sempre tiveram cores pálidas. Então foram nas rodoviárias que conservei a palidez que possuo e contra a qual o sol nada pode. Minha memória é envolta por uma camada de pele albina, tão sujeita a rompimentos quanto a que envolve meu cor-

po. Vazo memória por meus furúnculos arrebatados.

A rodoviária está bem movimentada. Percebo as suaves expectativas estampadas nos rostos, a mudança perfuma o ar. Vapores de tédio enxertam odores azedos que se acumulam sobre as cadeiras dos que esperam. Crianças descobrem as novidades de um mundo de transição. Funcionários degustam o sabor repetido da mudança enlatada.

Sinto-me como o único que não pertence a esse lugar. Sou a luva tentando ser calçada no pé. Irônico... logo eu, que já passei pelo menos um terço de minha vida dentro de lugares parecidos. Não é aqui que encontrarei as mãos calorosas e a cabeça solidária. As paredes não me oferecerão nada além de proteção contra o sol e a chuva. Mas é para isso que elas existem. Sou eu quem tenta dar-lhes uma função mais distinta.

Reconheço o cheiro de fritura das lanchonetes. E é ele que destranca o depósito de minha memória e permite que desabe sobre mim o filme de minha vida. Submerjo dentro de um aquário de imagens, mas elas não têm somente cores e formas, são cheirosas e fedorentas, macias, ásperas, saborosas e insossas. Possuem todos os temperos das situações vividas. Sou uma consciência sendo cozida na panela da memória. Conforme evaporo enxergo acontecimentos que desconheço e que suspeito pertencerem a uma memória a que minha consciência ainda não teve acesso.

Ao mesmo tempo em que tenho essas visões enxergo a vida que acontece dentro da rodoviária, o curioso é que uma coisa não atrapalha a outra. Um menino que me olha com curiosidade me pergunta porque tenho tantos machucados no peito. Sem que eu responda ele me diz que eu me pareço com um abacaxi. Decepo dois furúnculos que ficavam próximos ao umbigo e entrego-lhe as pontas. Com os dois tocos amarelados nas mãos o menino acaba esquecendo-se de mim e me dá as costas. De longe reparo quando ele inocentemente mostra o que ganhou à sua mãe e ela furiosa

faz com que a criança jogue fora seu presente e vá imediatamente lavar as mãos.

Meu estômago ronca, mas essas são vozes que me parecem distantes... há uma grande boca que grita duas realidades distantes. Excessos que não consigo digerir. O instante combate as recordações e sou a resultante dessa disputa. Descubro um canto escuro embaixo de uma escada. Aqui diminuo o presente para que passado e futuro tenham um obstáculo menor. Vejo as pessoas passando de um lado para outro e isso está me confundindo... trechos curtos de instantes que vivi e outros que projetam-se em minha consciência, a velocidade é alta e mal consigo reconhecer objetos ou situações. Com a faca renovo os cortes de meus fúnculos e descubro mais um ainda intacto. Decepo-o com todo o vigor e enquanto sinto entre os dedos a textura viscosa do sangue, reflito sobre a imortalidade. Algumas palavras nascem-me no estômago, mas não têm força para chegar à boca. As poucas que conseguem tem a forma pastosa de murmúrios.

Saindo debaixo da escada sinto um cansaço enorme. Olhos e bocas fixam-se na grande mancha de sangue que escorre por meu ventre. Ao mesmo tempo em que pesa-me sobre a cabeça o fardo das repetições, sinto também uma energia juvenil que empurra-me para frente. As pás de meu moinho são impulsionadas pela curiosidade. Enxergo gente por toda parte e já começo a confundir quem pertence às minhas recordações com os que estão de fato ao meu lado. Temo que essa balbúrdia possa se espalhar por todas as áreas de minha percepção. Se o que fui e serei destruírem as barreiras que os separam do agora, sobrarei eu, transformado numa tempestade ilógica, onde a água escorrerá da terra em direção ao céu. Serei uma porção de esquinas sem que haja ruas para formá-las.

Constrange-me a possibilidade de tornar-me exatamente um nada, prefiro a eterna tentativa infrutífera, a gota de suor se-

cando no asfalto quente ou a aridez de um céu noturno nublado. Parece-me uma responsabilidade imensa simplesmente deixar de existir, transformando-me no que é o inverso de todas as coisas. Arriscar-me tanto para depois descobrir que aquilo que eu conhecia por “nada” na verdade chamava-se “tudo”. Não pode haver fracasso mais retumbante que esse.

Avanço por entre silhuetas de todos os tipos buscando um refúgio contra essa quantidade de gente. Descubro a porta vermelha do banheiro masculino, desviando do que vejo e do que vivo, consigo abri-la.

Muitas vezes escutei falar que, quando nos aproximamos da morte enxergamos um resumo dos principais fatos vividos. Nunca acreditei nisso. Não por duvidar da palavra dos moribundos, mas por julgar que à medida em que nosso corpo vai entrando em colapso, acontece o mesmo com nossa consciência. Paredes de memória desabam, formando um entulho incoerente que aparenta verdade. O filme projetado não passaria de um curto-circuito momentâneo e sem significação, que deixaria de existir assim que as luzes se apagassem em definitivo...



Saio do restaurante tão cheio quanto vazio, meu estômago pesa, mas eu não sei o que fazer com nenhuma parte do que sou. O mundo espalha-se à minha frente e sinto que também eu escorro um pouco para cada canto. Imóvel, sinto-me outros, sento-me sobre o que fui enquanto olho para a rodoviária. Aquilo me parece tão distante, gente longínqua escondida atrás da bruma... por que eles são? Até é engraçado, como todas as pessoas fazem questão de ser. Ao menos algumas poderiam se contentar em tornarem-se figurantes para si mesmos. Aceitariam a neblina descobrindo as vantagens de viverem afastados dos extremos, mastigando sem receio de perder comida no buraco dos dentes. Mas o mundo fez de todos pequenos sóis que acham que quando seus calores se extinguirem toda a vida que existe também deixará de existir.

ISBN 978-85-61649-05-0



9 788561 649050